



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ELIZABHETT CHRISTINA CAVALCANTE DA COSTA

**AS RELATIVAS RESTRITIVAS EM CARTAS E JORNAIS PERNAMBUCANOS DOS
SÉCULOS XIX E XX: uma análise das estratégias de relativização sob o viés da
Sociolinguística Histórica**

RECIFE
2023

ELIZABHETT CHRISTINA CAVALCANTE DA COSTA

**AS RELATIVAS RESTRITIVAS EM CARTAS E JORNAIS PERNAMBUCANOS DOS
SÉCULOS XIX E XX: uma análise das estratégias de relativização sob o viés da
Sociolinguística Histórica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva.

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Costa, Elizabeth Christina Cavalcante da .

As Relativas Restritivas em Cartas e Jornais Pernambucanos dos Séculos XIX e XX: uma análise das estratégias de relativização sob o viés da Sociolinguística Histórica / Elizabeth Christina Cavalcante da Costa. - Recife, 2023.

p.193 : il., tab.

Orientador(a): Cláudia Roberta Tavares Silva

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Estratégias de Relativização. 2. Cartas Pessoais. 3. Jornais. 4. Pernambuco. 5. Sociolinguística Histórica. I. Silva, Cláudia Roberta Tavares. (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

ELIZABHETT CHRISTINA CAVALCANTE DA COSTA

**AS RELATIVAS RESTRITIVAS EM CARTAS E JORNAIS PERNAMBUCANOS DOS
SÉCULOS XIX E XX: uma análise das estratégias de relativização sob o viés da
Sociolinguística Histórica**

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Letras da Universidade Federal
de Pernambuco, como requisito parcial à
obtenção do Título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 22/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Roberta Tavares Silva (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Nélia Alexandre (Titular externa)
Universidade de Lisboa

Prof^ª. Dr^ª. Valéria Severina Gomes (Titular externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Marlos Barros Pessoa (Titular externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcelo Sibaldo (Titular interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Cleber Ataíde (Suplente interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sadrins (Suplente externo)
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

*À minha mãe, Ana, aos meus avós, Lú e Adeildo, e
ao meu companheiro no amor e na luta,
Maxmillan.*

*In memoriam à Maria Gicleide e à Nágila que
continuarão sempre presentes.*

AGRADECIMENTOS

A realização deste sonho jamais seria possível sem as pessoas que, diante desta árdua, mas exultante conquista, estiveram ao meu lado apoiando-me e amparando-me nos momentos de alegria, de angústia e, também, de superação. Agradeço a todos pela enorme confiança. A minha trajetória pessoal e profissional sempre foi permeada por pessoas inspiradoras e resilientes, sobretudo por mulheres fortes, sonhadoras e batalhadoras. Dessa maneira, inicio dedicando esta tese à minha *mainha*, Ana Lúcia, que esteve comigo em todo o momento apoiando e acreditando nos meus sonhos, meu muito obrigada por ser essa mulher tão potente e por ter me mostrado a importância da Educação desde a minha infância.

A Deus, por ter me guiado e me ajudado a enfrentar as adversidades pelo caminho, pois essa realização foi almejada e alcançada à base de muita luta, persistência, ação, mas também à base de muita fé de que chegaria até este momento, tendo sempre na minha mente e no meu coração tais palavras: “Seja forte e corajoso! Não fique desanimado, nem tenha medo, porque eu, o Senhor, seu Deus, estarei com você em qualquer lugar para onde você for!” (Josué 1:9).

Aos meus avós, Lú e Adeildo, por tudo que fizeram por mim, pelas lembranças da infância feliz que tive, pela educação e pelos meus primeiros livros encapados com tanto carinho. Obrigada! Em especial, à bravura do meu vovô que, aos 85 anos, venceu a COVID-19 e acorda todos os dias com muita sede de viver.

Ao meu companheiro Maxmillan, por compartilhar cada árduo momento do processo de construção da tese, por ter me incentivado a continuar, a perseverar e a acreditar no meu trabalho em um contexto de tantas adversidades. Obrigada por ser presente, paciente e não ter me deixado desistir.

Aos familiares do meu esposo que também são minha família Gilvania, Moab, Grazy, Júnior o meu muito obrigada pelas palavras de incentivo e por terem a certeza que eu conseguiria concluir a minha pesquisa com êxito. Isso me fez pensar: “se a minha família e amigos acreditam com tanta veemência em mim, não serei eu minha própria inimiga”.

Aos meus familiares que acreditaram e por torceram por mim. Em especial, ao meus irmãos, Jamerson, Jailson e Mahara, pela paciência e pela compreensão por minhas ausências devido às incontáveis horas empregadas aos estudos. Ao meu padrasto, Jailton, pelo apoio e por acreditar na minha conquista.

Aos meus primos, Sandrinho e Adriane, que acompanharam o meu processo de estudo desde pequenos, observando e admirando atentos, sempre torcendo por mim. Desejo que realizem todos os seus sonhos!

Às duas mulheres as quais não esquecerei o olhar e sorriso marcantes, Nágila (Dona Nágila) e Maria Gicleide (Keu), *in memoriam*, com quem aprendi ser luz e que devemos superar as dificuldades compartilhando sorrisos, levando doçura e alegria às pessoas que amamos, deixando marcas profundas de amor.

Ao meu querido Snoopy, *in memoriam*, não tem um dia que eu não sinta saudades de você pertinho de mim enquanto escrevia, estudava, ou ainda, avisando religiosamente quando era a hora de almoçar e passear, para sempre meu *amicão*. Ao meu filhote canino, Linus Manchinha, por, dia após dia, contribuir significativamente no melhoramento dos meus afetos, afastando os dias ansiosos de mim.

À minha ilustríssima e querida professora e orientadora, Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva (UFRPE/UFPE), por ser uma grande profissional e uma pessoa muito paciente, humilde, sensível e sábia. Eu agradeço muitíssimo pela paciência, confiança e pelo profissionalismo desempenhado ao decorrer de todos os encontros de orientação. Tenha certeza que eu sou muito agradecida pelo nosso encontro na minha trajetória de vida na graduação e, também, na pós-graduação.

À professora Dra. Nélia Alexandre (CLUL), por seus excelentes estudos na área de Linguística e pelas enriquecedoras e incalculáveis contribuições à tese no que diz respeito às Estratégias de relativização no Português Europeu. Agradeço imensamente por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora desta tese.

Ao professor Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (UFPE), pelas infundáveis contribuições à tese e à minha formação enquanto pesquisadora desde à dissertação e, igualmente, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora desta tese. Agradeço também por ter me aceitado como estagiária-docente na disciplina de Semântica do curso de Licenciatura em Letras da UFPE. Obrigada por todas as contribuições didático-pedagógicas.

À minha querida professora e orientadora da graduação, Dra. Valéria Severina Gomes (UFRPE), obrigada por me ensinar no PIBID e PIBIC a ser a pesquisadora que sou hoje e por me acolher no início da minha trajetória acadêmica. Agradeço igualmente por ter aceitado participar da banca de defesa da tese e, assim, fazer parte de mais um momento tão significativo na minha trajetória acadêmica.

À professora Dra. Maria Cristina de Brito Rumeu (UFMG) por ter aceitado a fazer parte da banca examinadora desta tese, pelas importantes e incontáveis contribuições a esta

tese a partir dos seus estudos com textos Sócio-Históricos e Sociolinguísticos, principalmente no que diz respeito às investigações sobre cartas pessoais.

Ao professor Dr. Cleber Ataíde (UFPE) por ter me aceitado como estagiária-docente na turma de bacharelado da disciplina de Sociolinguística, tenho certeza que suas infindáveis contribuições didáticas, agora, constituem a minha formação docente. Obrigada, igualmente, por ter aceitado a compor a banca examinadora como membro suplente.

Ao professor Dr. Marlos Barros Pessoa (UPE), referência em pesquisas Sócio-Históricas do Português Brasileiro, sobretudo em escritos pernambucanos, pelas contribuições diretas e indiretas à minha pesquisa no mestrado e, agora, na tese. Agradeço imensamente pelas substanciais contribuições e por ter aceitado fazer parte mais uma vez da banca examinadora de tese como suplente.

Aos acervos públicos Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ-PE), Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (APEJE-PE), Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital), nos quais coletei Cartas e Jornais com a finalidade de constituição dos *corpora* para concretização da minha pesquisa. Ademais, agradeço também ao PHBP-PE, coordenado pela professora Dra. Valéria Severina Gomes, grupo com o qual coletei e transcrevi cartas do século XIX e XX, e que me foram cedidas para realização desta pesquisa.

Aos meus amigos da pós-graduação, em especial, à Thayse, Gaby e Déreck que vivenciaram parte de todo o processo de construção da tese. Obrigada pelas trocas acadêmicas e por serem escuta e acolhimento sobre os percalços da vida.

Às minhas amigas Carol, Wedja, Istarlet e Amanda Bioni por serem escuta, apoio e torcerem pela minha conquista.

À Universidade Federal de Pernambuco e aos seus funcionários da Pós-graduação em Letras por serem tão atenciosos, solícitos e diligentes, em especial, à Jozaías e à coordenadora da pós-graduação, Evandra Grigoletto.

Aos professores das disciplinas que me dediquei a cursar o meu muitíssimo obrigada pelos valorosos ensinamentos, especialmente aos professores Vicente Massip, Antônio Carlos Xavier, Marcelo Sibaldo e Cláudia Tavares Silva.

Ao meu querido e saudoso professor da graduação da UFRPE, Dr. Mizael Nascimento, os meus mais sinceros agradecimentos por ter me marcado positivamente e ter me incentivado com palavras positivas sobre continuar na carreira de pesquisa acadêmica e de ensino.

Aos meus queridos colegas professores da Escola Municipal Professor Manoel Davi Vieira da Costa que vibraram por mim e também aos gestores da escola, Valquíria, Nielson e Elizeu, pelo apoio em meio a tantas demandas do cotidiano escolar. Em especial, à minha amiga Cristiane com quem divido os dias mais divertidos de trabalho árduo, amenidades, parcerias de estudo e conhecimento, ajudando-me assim a tornar os dias mais difíceis, alegres.

À minha psicóloga, Paula, por me ajudar a enfrentar as minhas angústias existenciais e auxiliar a me reconectar, ao poucos, comigo mesma, com a minha pesquisa e enfrentar as adversidades diárias e constantes.

Aos quase 700.000 mortos por Covid-19, aos enfermeiros e aos médicos que lutaram pela vida, os meus sinceros sentimentos e singelos votos de respeito.

À Ciência que salvou tantas pessoas e que nos salva da ignorância todos os dias.

À Capes, pelo financiamento da pesquisa desta tese e por ser resistência aos ataques contrários ao desenvolvimento da Ciência no nosso país.

A todos que de alguma forma acreditaram em mim, quero dizer que o meu doutoramento é a minha afirmação que seguirei pesquisando Linguística, em especial, a Sócio-história do Português Brasileiro, que muito me causa admiração e provoca inquietudes e curiosidades.

*“Em tudo quanto faças sê só tu,
Em tudo quanto faças sê tu todo.”*

*“Mas o consciente de mim é o esboço imperfeito
Daquilo que faço e que sou; não me iguala.”*

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Em seus estudos diacrônicos sobre as relativas do Português Brasileiro (PB), Tarallo (1983, 1985) afirma que na virada do século XIX para o XX, no português, coexistiam apenas duas estratégias de relativização, estas denominadas de estratégia padrão e estratégia resumptiva (ou estratégia do pronome lembrete). No que diz respeito à estratégia inovadora, denominada de cortadora, surge-se no PB, em meados do século XX. Dessa maneira, esta tese tem por objetivo investigar o comportamento das estratégias das orações relativas restritivas no PB, ao longo dos séculos XIX e XX, em cartas e jornais de pernambucanos, observando as ocorrências das estratégias de relativização nos seus distintos contextos sintáticos, considerando também a natureza dos gêneros textuais escolhidos. Além dos diacrônicos estudos de Tarallo (1983, 1985) sobre as relativas, consideramos os de Ribeiro e Figueiredo (2009), Mascarenhas (2016), dentre outros, em que estes especificamente realizam importantes contribuições e mapeamento das relativas em textos históricos do passado em outras regiões brasileiras, a fim de compreender, descrever e mapear o uso das estratégias de relativização em textos que apresentam, em sua composição, traços de oralidade do falar pernambucano. Esta pesquisa, portanto, insere-se na perspectiva *stricto sensu* da Linguística Histórica, a denominada Linguística Sócio-Histórica (MATTOS & SILVA, 2008) em interface com a Sociolinguística (LABOV, 1972), a fim de observar o comportamento das três estratégias de relativização encontradas nos dados linguísticos de 66 cartas pessoais, distribuídas em cartas de amor, amigo e família; e 77 jornais de pernambucanos, isto é, totalizando em 143 manuscritos e impressos dos séculos XIX e XX, nestes últimos mais especificamente selecionamos investigar os gêneros editorial, carta do leitor, anúncio pernambucanos, tendo em vista que cada gênero textual tem, na sua estrutura composicional, modos tradicionais de dizer, e cada um corresponde à escrita de uma determinada época da sociedade, servindo de testemunhos do passado por abarcarem elementos linguístico-discursivos e traços que os aproximam de uma comunicação face a face (KOCH; OESTERREICHER, 1996; KABATEK, 2006). Com isso, obtivemos os seguintes principais resultados: **I.** maior ocorrência de relativa padrão tanto em contextos preposicionados como não-preposicionados, sobretudo no século XIX em cartas e jornais; **II.** aparecimento da resumptiva no século XX nas cartas pessoais, principalmente nas cartas de amor; **III.** como observado nos resultados dos estudos de Mascarenhas (2016), Ribeiro e Figueiredo (2009) e Caneiro et. al. (2022), que investigam cartas pessoais de inábeis, percebemos que as estratégias de relativização em cartas e jornais pernambucanos obedecem às regras de

Hierarquia de Acessibilidade (HA), tendo por posições mais sensíveis às estratégias de relativização SU > OD > OI > OBL > GEN > Objeto de Comparação, conforme defendem Keenan e Comrie, (1977), acrescentando-se, como as autoras, os Adjuntos (ADJ); **IV.** o frequente uso da *piedpiping* vai decaindo ao longo do tempo, ao passo que a cortadora vai aparecendo em meados do século XX; **V.** uso de estratégias resumptivas na posição de sujeito nas cartas de amor do século XX; **VI.** O uso dos marcadores relativos *que* e *em que* são maioria quase categórica nas relativas; por fim, **VII.** Como tem demonstrado os estudos de Alexandre (2000) sobre as relativas no Português Europeu (PE), de modo geral, os dados das relativas em manuscritos e impressos pernambucanos dos séculos XIX e XX corroboram com as evidências de que tanto falantes escolarizados quanto não-escolarizados tem utilizado com maior frequência a estratégia resumptiva e, igualmente, tem aumentado a frequência de uso das relativas cortadoras. Esta tese, portanto, pretende trazer contribuições acerca da descrição do uso em variação das estratégias de relativização no século XIX e XX, em que pode-se apresentar uma possível mudança em curso no PB.

Palavras-chave: Estratégias de Relativização; Cartas Pessoais; Jornais; Pernambuco; Sociolinguística Histórica.

ABSTRACT

In his diachronic studies on the relative clauses of Brazilian Portuguese (BP), Tarallo (1983, 1985) states that at the turn of the 19th to the 20th century, in Portuguese, only two relativization strategies coexisted, these called standard strategy and resumptive strategy (or reminder pronoun strategy). With regard to the innovative strategy, called cutter, it emerged in BP, in the middle of the 20th century. Thus, this thesis aims to investigate the behavior of restrictive relative clauses strategies in BP, throughout the 19th and 20th centuries, in letters and newspapers from Pernambuco, observing the occurrences of relativization strategies in their different syntactic contexts. In addition to Tarallo's (1983, 1985) diachronic studies on relative clauses, we consider those by Ribeiro and Figueiredo (2009), Mascarenhas (2016), and others for this thesis, in which they specifically make important contributions and map relative clauses in historical texts of the past in a specific Brazilian region, in order to understand, describe and map the use of relativization strategies in texts close to the oral form of Pernambuco speech. This research, therefore, is part of the *stricto sensu* perspective of Historical Linguistics, the so-called Socio-historical Linguistics (Mattos & Silva, 2008) in interface with Sociolinguistics (Labov, 1972), in order to observe the behavior of the three strategies of relativization found in the linguistic data of 66 letters (love, friend and family letters) and 77 newspapers from pernambucanos, totalizing 143 manuscripts and printed matter from the 19th and 20th centuries, in the latter more specifically we selected to investigate the following textual genres: editorial, reader's letter, advertisement from Pernambuco, considering that each textual genre has, in its compositional structure, traditional ways of saying and that each one corresponds to the writing of a certain period of society, serving as testimonies of the past as they come closer to face-to-face communication (Koch; Oesterreicher, 1996; Kabatek, 2006). With this, we obtained the following main results: I. greater occurrence of relative pattern both in prepositioned and non-prepositioned contexts in the 19th century in letters and newspapers; II. appearance of the resumptive in the 20th century in personal letters, especially in love letters; III. Similarly to the results of studies by Mascarenhas (2016), Ribeiro and Figueiredo (2009) and Carneiro et. Al (2022), who investigate personal letters from unskillful people, we noticed that the relativization strategies of letters and newspapers from Pernambuco obey the rules of the Accessibility Hierarchy (AH), having positions that are more sensitive to the relativization strategies $SU > OD > OI > OBL > GEN > \text{Object of Comparison}$, according to Keenan & Comrie (1977), adding, like the authors, Adjuncts (ADJ); IV. The frequent use of piedpiping decays over time, while the cutter

appeared in the mid-20th century; V. Use of resumptive strategies in the subject position in 20th century love letters; VI. The use of relative markers *que* and *em que* which are an almost categorical majority in relative clauses; finally, VII. As Alexandre's (2000) studies on relative clauses in European Portuguese (EP) have demonstrated, in general, data of relative clauses in Pernambuco manuscripts and prints from the 19th and 20th centuries in this thesis have evidences that both educated and non-educated speakers have used the resumptive strategy more frequently and, equally, the frequency of use of relative cutters has increased. This thesis, therefore, intends to make contributions regarding the description of the varying use of relativization strategies in the 19th and 20th centuries, in which a possible change underway in BP may or may not be presented.

Keywords: Relativization Strategies; Personal Letters; Newspapers; Pernambuco; Historical Sociolinguistics.

RESUMEN

En los estudios diacrónicos acerca de las oraciones relativas del Portugués Brasileño (PB), Tarallo (1983, 1985) declara que, en el cambio del siglo XIX para el XX, en el idioma portugués, coexistían solamente dos estrategias de relativización, las cuales fueron nombradas de estrategia patrón y estrategia resumptiva (o estrategia del pronombre recordatorio). Respectivamente a la estrategia innovadora, nombrada de cortadora, se aparece en el PB, en la mitad del siglo XX. De ese modo, esta presente tesis presenta como objetivo investigar el comportamiento perteneciente a las estrategias de las oraciones relativas especificativas en el PB, a lo largo de los siglos XIX y XX, en cartas y periódicos de pernambucanos, observando las ocurrencias de las estrategias de relativización en sus distintos contextos sintácticos. Además de los estudios diacrónicos de Tarallo (1983, 1985) sobre las relativas, consideramos los de Ribeiro e Figueiredo (2009), Mascarenhas (2016), y otros para esta tesis, en la que específicamente realizan importantes contribuciones y mapeo de las relativas en textos históricos del pasado en determinada región de Brasil, a fin de comprender, describir y mapear la utilización de estrategias de relativización en textos cercanos a la oralidad caracterizada por el habla pernambucano. Esta investigación, por lo tanto, se encuentra inserida en la perspectiva *stricto sensu* de la Lingüística Histórica, la que se nombra lingüística sociohistórica (Mattos & Silva, 2008) en interrelación con la sociolingüística (Labov, 1972), con el propósito de observar el comportamiento de las tres estrategias de relativización encontradas en los datos lingüísticos de 66 cartas (románticas, fraternales y familiares) y 77 periódicos de pernambucanos, en un total de 143 manuscritos e impresos, de los siglos XIX y XX, en estos últimos, particularmente, seleccionamos investigar los géneros editorial, carta de lectores y anuncios pernambucanos, considerando que cada uno presenta, en su estructura composicional, modos tradicionales de comunicar, y que cada uno corresponde a la escritura de determinada época de la sociedad, actuando como testimonios del pasado ya que se acercan de la comunicación presencial (KOCH; OESTERREICHER, 1996; KABATEK, 2006). Así que obtuvimos los siguientes resultados: **I.** Mayor ocurrencia de relativa patrón en los contextos con o sin preposiciones, en el siglo XIX en cartas y periódicos; **II.** Surgimiento de la resumptiva en el siglo XX en las cartas personales, especialmente en las románticas; **III.** De igual modo a los estudios de Mascarenhas (2016), Ribeiro e Figueiredo (2009) e Caneiro et. Al (2022) sobre cartas personales de personas inhábiles, percibimos que las estrategias de relativización de cartas y periódicos pernambucanos estuvieron de acuerdo con las reglas de la Jerarquía de la Accesibilidad (JA),

presentando por posiciones más sensibles las siguientes: SU > OD > OI > OBL > GEN > Objeto de Comparación, conforme Keenan & Comrie (1977), añadiéndose como las autoras creen los Adjuntos (ADJ); **IV.** La frecuente utilización de la *piedpiping* va decayéndose a lo largo del tiempo, mientras que la cortadora va surgiendo por la mitad del siglo XX; **V.** Utilización de las estrategias resumptivas en la posición de sujeto en las cartas románticas del siglo XX; **VI.** El uso de los marcadores relativos *que* y *em que* son significativa mayoría en las relativas; Finalmente, **VII.** De acuerdo con Alexandre (2000) sobre las relativas del Portugués Europeo (PE), de manera general, los datos de las relativas en los manuscritos e impresos pernambucanos de los siglos XIX y XX de este trabajo académico posee evidencias de que los hablantes con o sin niveles adecuados de instrucción tienden a utilizar las estrategias resumptivas con mayor frecuencia, mientras que se ha aumentado la frecuencia de las cortadoras. De esa manera, esta tesis objetiva promover contribuciones relacionadas con la descripción del uso variable respectivo a las estrategias de relativización en los siglos XIX y XX, en la que se puede encontrar una posible mudanza en el PB.

Palabras clave: Estrategias de Relativización; Cartas Personales; Periódico; Pernambuco; sociolingüística histórica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Adjunção entre CP e o relativo pivô.....	32
Figura 2. Complementação ente o CP relativo e o pivô.....	33
Figura 3. Especificador do CP recebe pivô originado no TP relativo.....	33
Figura 4. Gazeta da restauração.....	39
Figura 5. Análise da estrutura de CP relativo.....	69
Figura 6. Relativização a partir de IP.....	79
Figura 7. Relativização a partir de LD.....	79
Figura 8. Municípios da Região Metropolitana do Recife (RMR).....	127
Figura 9. registro do composicional do primeiro exemplar do jornal Diário de Pernambuco.....	160

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição dos morfemas-wh pelas várias estratégias de relativização em PE.....	66
Tabela 2. Comportamento dos morfemas-wh versus quando e como, relativamente a algumas propriedades sintático-semânticas.....	67
Tabela 3. Distribuição dos morfemas-wh pela escala de posições sintáticas nas várias estratégias de relativização em PE.....	68
Tabela 4. Frequência de uso das 3 estratégias de relativização ao longo do tempo.....	73
Tabela 5. Retenção pronominal de acordo com a função sintática e o tempo.....	74
Tabela 6. Tipos de sentença relativa.....	97
Tabela 7. Número de sentenças relativas em relação ao encaixamento.....	103
Tabela 8. Quantitativo geral de manuscritos e impressos coletados pernambucanos dos séculos XIX ao XX.....	118
Tabela 9. Notações filológicas para transcrição.....	119
Tabela 10. variáveis selecionadas para rodadas dos dados no GoldvarbX.....	121
Tabela 11. variáveis selecionadas para rodadas dos dados de cartas pessoais no GoldvarbX	123
Tabela 12. variáveis selecionadas para rodadas dos dados no GoldvarbX.....	124
Tabela 13. Gênero da carta.....	128
Tabela 14. Composicional da carta pessoal para identificação e seleção das relativas.....	129
Tabela 15. Relativas nas cartas de Amigo (séculos XIX e XX).....	134
Tabela 16. Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de amigo).....	136
Tabela 17. As relativas nas cartas de amigo ao longo do tempo.....	137
Tabela 18. Ocorrências das relativas nas cartas de amigo por faixa etária - Adulto (de 31 a 65 anos).....	138
Tabela 19. Composicional da carta pessoal de amigo dos dois séculos.....	139
Tabela 20. Relativas nas cartas de Família (séculos XIX e XX).....	140
Tabela 21. Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de família).....	142
Tabela 22. Ocorrências das relativas nas cartas de família (por faixa etária).....	145
Tabela 23. Composicional da carta pessoa de família dos dois séculos.....	147
Tabela 24. Relativas nas cartas de Amor (século XX).....	149
Tabela 25. Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de amor).....	150
Tabela 26. Estratégias relativas nas cartas de amor (1º metade do século XX).....	151
Tabela 27. Composicional da carta pessoal de amor do século XX.....	156
Tabela 28. Gêneros do jornal.....	160

Tabela 29. Relativas nos editoriais (séculos XIX e XX).....	162
Tabela 30. Posição sintática relativizada nos dois séculos (Editoriais).....	163
Tabela 31. As relativas nos editoriais ao longo do tempo.....	164
Tabela 32. Composicional dos editoriais nos dois séculos.....	165
Tabela 33. Relativas nos anúncios (séculos XIX e XX).....	166
Tabela 34. Posição sintática relativizada nos dois séculos (anúncios).....	166
Tabela 35. As relativas nos anúncios ao longo do tempo.....	168
Tabela 36. Composicional dos anúncios nos dois séculos.....	168
Tabela 37. Relativas nas cartas do leitor (séculos XIX e XX).....	169
Tabela 38. Posição sintática relativizada nos dois séculos (Cartas do leitor).....	170
Tabela 39. As relativas nas cartas do leitor ao longo do tempo.....	172
Tabela 40. Composicional das cartas do leitor nos dois séculos.....	172

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Estratégias de relativização nas cartas de família dos séculos XIX e XX.....	144
Gráfico 2. Uso geral das relativas por gênero nas cartas de família dos dois séculos.....	146
Gráfico 3. Uso geral das relativas por gênero nas cartas de amor do século XX.....	155

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ADJ	Adjunto
Comp	Complemento
CP	<i>Complementizador Phrase/Sintagma Complementador</i>
DE	Deslocamento à Esquerda
DP	<i>Determiner Phrase/Sintagma Determinante</i>
GEN	Genitivo
HA	<i>Accessibility Hierarchy/Hierarquia de Acessibilidade</i>
IP	<i>Inflection Pharse/Sintagma Flexional</i>
L	Locativo
LD	<i>Left Dislocation/Deslocamento à Esquerda</i>
OB	Objeto Direto
OBL	Oblíquo
OI	Objeto Indireto
PA	Português Africano
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PM	Português Moçambicano
POST	Português São-tomense
PP	<i>Prepositional Phrase/ Sintagma Preposicional</i>
POCV	Português Caboverdiano
PRO	Pronome Nulo
QU	Constituintes Relativos
SPEC	<i>Specifier/Especificador</i>
SRel	Sentença Relativa
SU	Sujeito
TOP	Tópico
VP	<i>Verbal Phrase/Sintagma Verbal</i>
WH	Constituintes Relativos
WLH	Weinreich, Labov e Herzog

LISTA DE SIGLAS

APEJE	Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emereciano
BNDigital	Biblioteca Nacional Digital Fundação Biblioteca Nacional
PHPB	Projeto Para História do Português Brasileiro
FUNDAJ-PE	Fundação Joaquim Nabuco

LISTA DE SÍMBOLOS

∅	Categoria Vazia, sem manifestação fonética
X _i	i = correferencialidade

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	22
1. O OLHAR PARA AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NOS TEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS.....	30
1.1. O ESTUDO DE TEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS: O CONTEXTO SOCIAL DE PERNAMBUCO NOS SÉCULOS XIX E XX E A IMPRENSA.....	39
1.1.1. O diário de Pernambuco: o mais antigo da América Latina.....	42
1.1.2. As cartas pessoais: um meio de comunicação intimista.....	44
2. REVISITAÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS.....	49
2.1. ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM DIFERENTES VARIEDADES.....	49
2.1.1. No português europeu: Peres e Mória.....	49
2.1.2. Alexandre (2000).....	61
2.1.3. No português brasileiro: Tarallo (1983, 1985).....	73
2.1.4. Kato (1993).....	76
2.1.5. Kenedy (2002, 2007).....	80
2.1.6. Kato e Nunes (2009, 2014).....	90
2.1.7. Ribeiro e Figueiredo (2009).....	96
2.1.8. Alexandre, Gonçalves, Hagemeyer (2011): as relativas em variedades do Português Africano (PA).....	105
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	108
3.1. BREVES INCURSÕES SOBRE A LINGUÍSTICA HISTÓRICA.....	108
3.1.1. A Sociolinguística Histórica e o conceito de mudança.....	110
3.1.2. A Sociolinguística: considerações sobre o aporte teórico-metodológico.....	112
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	114
4.1. A COMPOSIÇÃO DOS CORPORA.....	117
4.2. O TRATAMENTO DOS DADOS.....	118
5. AS RELATIVAS RESTRITIVAS EM CARTAS PESSOAIS DOS SÉCULOS XIX E XX: O COMPORTAMENTO DO USO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM MISSIVAS DO LITORAL PERNAMBUCANO.....	126
5.1. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DE AMIGO DOS SÉCULOS XIX E XX.....	134
5.2. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DE FAMÍLIA DOS SÉCULOS XIX E XX.....	140
5.3. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DE AMOR DO SÉCULO XX.....	148
6. AS RELATIVAS RESTRITIVAS EM JORNAIS DOS SÉCULOS XIX E XX: O COMPORTAMENTO DO USO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM IMPRESSOS DO LITORAL PERNAMBUCANO.....	159
6.1. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NOS EDITORIAIS PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX.....	161
6.2. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NOS ANÚNCIOS PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XIX E XX.....	165
6.3. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DO LEITOR PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX.....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
REFERÊNCIAS.....	181
APÊNDICE.....	188
ANEXOS.....	190

APRESENTAÇÃO

“Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita.”

(Fernando Pessoa)

Não é difícil perceber diversos estudos existentes, em diferentes perspectivas, sobre as orações relativas, isso se deve, sobretudo, ao fato de essas construções possuírem estrutura de complexa explicação.

Nesse sentido, as orações relativas, dentro da tradição gramatical, são denominadas de orações adjetivas pelo fato de funcionarem, semanticamente, com a função de adjetivos qualificativos que modificam um nome ou um grupo nominal. Além disso, são tratadas como orações que, sintaticamente, estão incluídas no grupo de construções de período composto por subordinação, ou seja, correspondem a períodos compostos por duas ou mais orações em uma relação de dependência, em que certas orações estão subordinadas a uma outra oração denominada de principal (ou oração matriz).

Para além dessa compreensão, entende-se por construções relativas a relação sintática que é estabelecida entre uma oração encaixada e uma oração matriz através do compartilhamento, entre essas orações, de um constituinte “que é o constituinte relativizado” (BRAGA; KATO; MIOTO, 2009, p. 242). Esse constituinte partilhado entre as duas orações é denominado “pivô”, justamente por conectar as duas orações (VRIES, 2002, p. 14).

Assim, as orações relativas estão incluídas dentro do escopo das orações subordinadas adjetivas – que se referem a adjetivos em forma de oração e que cumprem função sintática de adjunto adnominal, por funcionarem como termo acessório da oração principal (ROCHA LIMA, 1988; HAUY, 2015) –, como em:

(1) A água é um líquido que não tem cor. (ROCHA LIMA, 1988, p. 239)

Desse modo, as construções adjetivas são subdivididas em orações subordinadas adjetivas restritivas e orações subordinadas explicativas (ou apositivas). Assim, considerando o exemplo acima destacado, segundo Rocha Lima (1988), a expressão relativizada “que não tem cor” poderia ser facilmente substituída pelo adjetivo “incolor”, restringindo o sentido da expressão nominal e, por isso, sendo denominada de restritiva. No caso das orações adjetivas explicativas, a diferença reside no fato de semanticamente estabelecerem uma relação referencial de independência com seu antecedente. Nesse caso, a oração adjetiva explicativa

modifica a expressão nominal generalizando-a, ou ainda, tecendo-a um comentário extra, sendo interpretada como um aposto explicativo, como podemos visualizar:

(2) Vozes d'África, que é um poemeto épico, representa um alto momento da poesia brasileira (ROCHA LIMA, 1988, p. 242).

Enquanto modificador nominal, as orações relativas fazem parte do Sintagma Nominal¹ (SN), tendo como núcleo o nome que é modificado, como visto no exemplo abaixo.

(3) A pessoa **com quem** o professor conversou ____ (KATO; NUNES, 2009, p. 80).

Através das investigações diacrônicas de Fernando Tarallo (1983, 1985) sobre as estratégias de relativização, começa-se a levantar a hipótese de que, na virada do século XIX para o XX, no português, coexistiam apenas duas estratégias de relativização², a saber, a padrão, em (1), e a resumptiva, em (2).

(4) A moça **com quem** falei ontem está aqui. (TARALLO, 1985, p. 370)

(5) A moça **que** eu falei com ela ontem está aqui. (TARALLO, 1985, p. 370)

Em relação à relativa padrão, para Tarallo (1985), haveria preferência sintática das posições de sujeito e objeto pela presença de lacuna, ou categoria vazia, no interior da cláusula. Já as relativas resumptivas, seriam mais produtivas nas posições de genitivo (complementação ou adjunção).

Com a mudança da retenção pronominal ao longo do tempo, a elipse pronominal seguiu a elipse preposicional, surgindo-se, assim, a inovadora cortadora (3), relacionada a partir do uso de que o falante faz da elipse em contextos anafóricos (TARALLO, 1983; KATO, 1981).

(6) A moça **que** eu/Ø falei ____ ontem está aqui.³

1 ou, em inglês, NP, referindo-se a *Noun Phrase*.

2 As explicações detalhada da estrutura de cada uma das estratégias de relativização encontram-se no capítulo 2 desta tese.

3 Adaptado de Tarallo (1985).

No tocante à estratégia inovadora (cortadora), Tarallo (1983, 1985) hipotetiza que há o seu aparecimento no PB em meados do século XX, sendo a estratégia preferida em posições de complementos e adjuntos preposicionados.

Com isso, Tarallo (1983, 1985), ao analisar o fenômeno da perda de retenção pronominal em todas as posições sintáticas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo e genitivo) ao longo de décadas, alega que, no decorrer do século XIX para o XX, quando houve um aumento na retenção pronominal na posição de sujeito, houve também um decréscimo na retenção pronominal em casos de complementos verbais, tendo o genitivo (complementação e adjunção nominal) obtido resultados equivalentes aos dos complementos verbais. Nesse sentido, em seu texto clássico “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX”⁴, tradução publicada postumamente em 1993, Tarallo, ao comparar o Português Brasileiro (PB) com o Português Europeu (PE), observa em textos históricos e entrevistas Sociolinguísticas, na relação sujeitos lexicais plenos e objetos nulos, em dados de 1880, que a hierarquia de retenção pronominal era SPs⁵ > objetos diretos > sujeitos. Já em dados de 1981, a hierarquia de retenção pronominal decresce e passa-se a ser sujeitos > SPs > objetos diretos. Na conclusão do artigo e da sua tese, Tarallo (1985, 1993) afirma que a relativa cortadora do PB provavelmente “surteu no sistema a partir da mudança sintática nas estratégias de pronominalização” (TARALLO, 1993, p. 88).

Diante disso, Tarallo (1983, 1985) torna-se um dos primeiros estudiosos a ousar adotar em suas investigações e análises diacrônicas a interface conceitual e metodológica entre a Sociolinguística e a Gerativa para os estudos do Português Brasileiro, a então denominada de Sociolinguística Paramétrica. Sobre esta perspectiva, Kato (1993, p. 16), em homenagem à Tarallo, afirma:

Houve um casamento selado de Tarallo, intravariacionista, com Kato, intervariacionista gerativista. Em 1989, aparece o manifesto da dupla (Tarallo & Kato) “Harmonia transsistêmica: variação inter- e intralinguística”, cuja versão mais diacrônica circulava desde 1987. Para eles os mesmos princípios e parâmetros deveriam dar conta da variação interlinguística e intralinguística e os conceitos de ‘encaixamento’ estrutural e parâmetros poderiam ser conciliados (KATO, 1993, p. 16).

Essa perspectiva foi criticada por muitos estudiosos gerativistas e variacionistas, sendo percebida como conceitual e metodologicamente inconciliável. Todavia, a investigação da mudança linguística em interface, entre a Sociolinguística Variacionista e a Gerativa, também foi e vem sendo adotada por muitos estudos diacrônicos contemporâneos, como os de

4 Originalmente intitulado de “*Turning Different at the Turning of the Century*”(1992).

5 Significa Sintagmas Preposicionados, traduzido do inglês *Preposition Phrase*.

Charlotte Galves, Mary Kato, Ilza Ribeiro, Maria Eugênia L. Duarte, entre outros. Sobre essa questão, Kato (1993) afirma que nos parece óbvio que o pesquisador diacrônico, não podendo ter acesso à competência dos falantes nativos do passado, tem de lidar com esses dados através de textos do passado em busca dos *insights*, em que

[...] em uma análise que apresente argumentos quantitativos de correlação ou de concomitância de mudanças, para mostrar se houve efetivamente o que se considera uma mudança de parâmetro (ou, em termos labovianos, uma mudança encaixada em uma matriz estrutural) [...] (KATO, 1993, p. 17).

Entretanto, assim como em Tarallo, são escassos os estudos diacrônicos mais recentes que tendem a focar na investigação da sócio-história dos textos, para além de se dedicarem à investigação de explicações acerca do problema da mudança linguística intrassistêmica e intersistêmica, não por falta de interesse, mas por ser um empreendimento que procura responder, muitas vezes, questões que o pesquisador dificilmente consegue ter acesso em relação à história dos textos e da sociedade em que ele está inserido. Afinal, ao longo dos anos, a sociedade e suas compreensões mudaram, conseqüentemente, o texto e a língua também mudam, mantendo-se também certas permanências. Portanto, essas mudanças e permanências devem ser consideradas, tanto no que diz respeito à língua quanto aos textos (PESSOA, 2002). É nesta direção que esta tese caminha e, por isso, é de fundamental relevância ressaltar a natureza dos gêneros textuais selecionados para esta pesquisa, já que eles abarcam não apenas a história do falar de um povo em sincronias passadas, mas também guardam consigo na estrutura elementos linguístico-discursivos e traços que os aproximam da oralidade (GOMES; LOPES, 2016).

Dessa maneira, é necessário salientar a importância de que se existam estudos empíricos sócio-históricos, em que se preocupem não apenas com a estrutura do sistema linguístico na diacronia, mas também com a sócio-história dos textos e da língua, afinal, as motivações da variação e, possível mudança, dependem de fatores intra e extralinguísticos, nos termos de Labov (1972).

Dessa maneira, nesta tese pretende-se agregar aos estudos sócio-históricos, no que diz respeito às estratégias de relativização em cartas e jornais pernambucanos, a perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista para explicar o comportamento das três estratégias de relativização encontradas nos dados linguísticos de cartas e jornais⁶ escritos nos séculos XIX e XX. Sendo assim, esta tese parte da compreensão, iniciada por Tarallo, de

⁶ Mais especificamente analisaremos editoriais, anúncios e cartas do leitor, pois acreditamos que estes textos apresentam elementos de proximidade comunicativa, nos termos de Koch e Oesterreicher (1996, 2006).

que, através dos dados linguísticos do passado, será possível obter dados linguísticos à luz de evidências sociais sobre o uso das estratégias de relativização no PB (TARALLO, 1983, p. 99).

Esta pesquisa, portanto, insere-se na perspectiva *stricto sensu* da Linguística Histórica, a denominada Linguística Sócio-histórica (MATTOS & SILVA, 2008) em interface com a Sociolinguística (LABOV, 1972). Assim, esta tese tem por objetivo geral observar o comportamento das três estratégias de relativização encontradas nos dados linguísticos de 66 cartas pessoais, distribuídas em cartas de amor, amigo e família; e 77 jornais de pernambucanos, isto é, totalizando-se em 143 manuscritos e impressos dos séculos XIX e XX.

Ao escolhermos gêneros textuais jornalísticos, selecionamos especificamente investigar os gêneros: editorial, carta do leitor, anúncio de pernambucanos, tendo em vista que cada gênero textual desse tem, na sua estrutura, modos tradicionais de dizer e que cada um corresponde a escrita de uma determinada época da sociedade, servindo de testemunhos do passado por, conforme a natureza de cada gênero, evidenciarem traços próximos de uma comunicação face a face (Koch; Oesterreicher, 1996; Kabatek, 2006).

A partir das teorias elencadas para embasar esta tese e de seu objetivo geral, temos como objetivos específicos:

1. Analisar as ocorrências das três estratégias de relativização nos diferentes contextos sintáticos, sobretudo a estratégia padrão em contextos preposicionados e não preposicionados nas cartas e jornais do século XIX e XX;
2. Averiguar a presença quantitativa das três estratégias em variação, a fim de perceber a evolução temporal do uso de *piedpiping* e a emergência da estratégia cortadora ao longo do século XX, conforme Tarallo (1985) e Ribeiro e Figueiredo (2009) verificaram em seus estudos;
3. Verificar a saliência de um uso em detrimento de outro acerca das regras de Hierarquia de Acessibilidade (HA) nas estratégias de relativização em cartas e jornais pernambucanos, considerando nos manuscritos e impressos o quantitativo de ocorrências em relação às posições que tendem a ser mais sensíveis à relativização;
4. Observar o aparecimento da estratégia cortadora nos gêneros textuais escolhidos e o seu gradativo aumento ao longo do tempo em cartas e jornais pernambucanos;
5. Investigar as ocorrências das relativas nas cartas, considerando o perfil social dos interlocutores (fatores extralinguísticos), sobretudo em relação à escolha de uma estratégia em detrimento de outra.

Nesse curso, esta investigação tem por intuito ampliar as discussões sobre os caminhos das estratégias de relativização no PB, nos séculos XIX e XX, em manuscritos e impressos escritos e editados por pernambucanos, tendo em vista a complexidade dessas estruturas, analisando-as nos diversos contextos morfossintáticos e semânticos em que elas aparecem nos distintos gêneros textuais escolhidos para a análise desta investigação. Para isso, faz-se necessário discorrer aqui sobre a estrutura de cada capítulo desta pesquisa. No capítulo, a seguir, isto é, no primeiro capítulo, intitulado de “O olhar para as Estratégias de Relativização nos Textos Sócio-Históricos”, apresentamos resumidamente a estrutura das relativas, tomando por base, por exemplo, os estudos de Tarallo (1983, 1985), Peres e Mória (1995) e Alexandre (2000), e abordamos as características gerais dos gêneros textuais escolhidos, a saber, cartas pessoais, cartas do leitor, anúncios e editorial. Além disso, apresentamos o contexto social de Pernambuco nos séculos XIX e XX e como a Imprensa se estabeleceu dentro desse contexto.

O segundo capítulo, denominado “Revisitação aos estudos sobre as estratégias de relativização do português”, abarca a discussão sobre os estudos canônicos acerca das investigações diacrônicas sobre as estratégias relativas, tanto no PB, quanto no PE e em variedades africanas, no Português Africano (PA). Desse modo, o capítulo busca discutir as estratégias de relativização a partir da apresentação de alguns estudos, como os estudos de Peres e Mória (1995), Alexandre (2000), Tarallo (1985, 1995), Kato e Nunes (2014), Kenedy (2002, 2007), Ribeiro e Figueiredo (2009) e Alexandre, Gonçalves e Hagemeyer (2011). A partir da apresentação do comportamento das relativas restritivas em cada estudo, e também dentro da perspectiva adotada por cada autor, procuramos sintetizar nossas escolhas teórico-metodológicas acerca das estratégias de relativização em manuscritos e impressos nos séculos XIX e XX.

O capítulo “Fundamentação Teórica” apresenta uma breve incursão na Linguística Sócio-Histórica (ROMAINE, 2009 [1982]), teoria esta adotada para a análise das estratégias de relativização, procurando discutir os conceitos de Mudança & Variação dentro da teoria adotada neste estudo e salientando a Sociolinguística enquanto aporte teórico e metodológico para a compreensão das estratégias de relativização nos dois séculos estudados. Dentro dessa perspectiva, destacamos também a importância sociolinguística de observarmos o perfil social dos interlocutores das cartas e jornais, quando possível recuperar, e, igualmente, de percebermos as peculiaridades da natureza dos gêneros textuais cartas pessoais, carta do leitor, anúncios e editoriais ao se analisar o objeto de estudo desta tese.

O capítulo “Procedimentos metodológicos” é o quarto desta tese e diz respeito ao aporte teórico-metodológico em que esta investigação se debruça, a saber, a Sociolinguística

Quantitativa ou Variacionista (LABOV, 1972). Esse caminho teórico-metodológico visa observar quali e quantitativamente os dados das ocorrências das estratégias de relativização no PB, mais especificamente nos dados de escritos de pernambucanos, em textos escritos dos séculos XIX e XX. Desse modo, no capítulo 4, destacamos todo o procedimento metodológico desta tese, desde a coleta, seleção, observação do perfil social dos interlocutores e transcrição dos dados nos *corpora*, até um destaque para a natureza dos gêneros textuais escolhidos para análise. Além disso, podemos observar quais variáveis foram consideradas para a análise das estratégias de relativização.

O quinto capítulo, intitulado “As relativas restritivas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX: o comportamento do uso das estratégias de relativização em missivas do litoral pernambucano”, destina-se a discorrer sobre os resultados principais acerca dos dados, estes gerados através dos conjuntos de programas estatísticos *GoldvarbX*, sobre as relativas restritivas em Cartas Pessoais dos séculos XIX e XX, nos gêneros da carta pessoal: amor, amigo e família. Na análise das cartas, vemos a estratégia padrão com maior quantitativo nos dois séculos analisados, entretanto percebemos um aumento preferencial pelas relativas resumptiva e cortadora, sobretudo a partir da primeira metade do século XX nas cartas de amor, ocupando tanto as posições mais altas (SU e OD) quanto as mais baixas (OI, OBL e GEN) da Hierarquia de Acessibilidade (HA, KEENAN; COMRIE, 1977).

O sexto capítulo corresponde ao denominado “As relativas restritivas em jornais dos séculos XIX e XX: o comportamento do uso das estratégias de relativização em impressos do litoral pernambucano”, no qual analisamos as estratégias de relativização em três gêneros textuais do jornal “Diário de Pernambuco”: editorial, anúncios e cartas do leitor. Destacamos, então, os dados encontrados principalmente neste último gênero, pois a própria natureza da carta do leitor traz traços próximos da oralidade (KABATEK, 2006). Diante disso, os dados sobre as relativas inovadoras (cortadora e resumptiva) foram mais sobressaltantes, apresentando-se, ao longo dos dois séculos, nos três gêneros do jornal, em uma frequência de maior crescimento até meados do século XX. Sobre essa questão, alguns estudos, como o de Cardoso (2011) e o de Cardoso e Alexandre (2012), mostram que, já nos dias atuais, as ocorrências de cortadoras no PE, por exemplo, superam, na fala, as ocorrências da estratégia da relativa padrão. Nesse viés, nos textos escritos do passado, vimos as estratégias inovadoras, nos três gêneros do jornal, concorrendo com a relativa padrão, em quase todas as posições sintáticas. As relativas padrão apresentaram um comportamento de maior acessibilidade nas posições mais altas (SU e OD) da hierarquia sintática de relativa padrão e, nas mais baixas

(OI, OBL e GEN) da hierarquia, houve maior presença das relativas inovadoras, sobretudo resumptiva (KEENAN; COMRIE, 1977).

Por conseguinte, nas considerações finais, voltamos novamente ao problema de pesquisa, buscando mostrar o que encontramos resumidamente de resultados e o que os dados dizem sobre as hipóteses e questionamentos que fomos discutindo durante toda a tese. Dessa maneira, vimos, nos gêneros textuais de manuscritos e impressos, as estratégias de relativização aparecendo em todas as posições sintáticas. Nesse sentido, um dado a se destacar é o de ocorrência da estratégia resumptiva aparecendo em sentenças relativas na posição de sujeito, nas cartas de amor, família – o que é uma ocorrência rara, fazendo-nos perceber como a natureza concepcional do gênero no continuum fala e escrita também pode influenciar na frequência de um uso de uma estratégia em detrimento de outra. Por fim, destacamos o que esperamos como prospecção de pesquisa a partir dos resultados alcançados.

1. O OLHAR PARA AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NOS TEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

[...] Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho! -
Última flor do Lácio, Olavo Bilac.

Conforme Tarallo (1983, 1985), até fins do século XIX no português comportavam-se duas estratégias de relativização, a saber, a padrão e a resumptiva. Nesse sentido, identificou-se que o processo de relativização recai em dois tipos de sintagma: no DP (Determiner Phrase⁷) e no PP (Prepositional Phrase⁸). No Português Brasileiro (*doravante* PB), quando o alvo da relativização é um DP, há, então, as duas estratégias acima citadas. Entretanto, quando o alvo da relativização é um PP, para além das estratégias padrão e resumptiva, há também a estratégia cortadora, sobre esta encontram-se indícios do seu aparecimento a partir da metade do século XIX.

Assim, seguindo os termos de Tarallo (1983, 1985), Kenedy (2002) afirma que a estratégia padrão DP é caracterizada por uma posição vazia⁹ no domínio da cláusula que é interpretada como variável correferente ao DP relativizado, como em:

(7) [O **homem**_i que eu vi \emptyset _i]. (KENEDY, 2002, p. 15).

Já a estratégia relativa resumptiva cujo alvo é um DP, caracteriza-se por possuir na cláusula relativa um pronome pessoal, denominado também de pronome lembrete ou resumptivo, com traços de pessoa, gênero e número correferente aos traços do DP relativizado:

(8) [O **homem**_i que eu vi **ele**_i]. (KENEDY, 2002, p. 15)

Ademais,, este último refere-se ao caso da relativa cortadora (13).

7 Tradução: Sintagma Determinante.

8 Tradução: Sintagma Preposicionado.

9 “[...] sem manifestação fonética de elemento linguístico, representada informalmente por [Ø]” (KENEDY, 2002, p. 15).

Dessa maneira, a estratégia padrão PP, também chamada de *pied-piping* (ROSS, 1967), possui preposição imediatamente antes do elemento Wh^{10} da relativa e há também uma posição vazia no interior da cláusula, sendo correferente ao PP relativizado.

(9) [O homem **com quem**_i eu falei \emptyset _i]. (KENEDY, 2002, p. 16)

Dentro dessa compreensão, a estratégia resumtiva PP possui a presença de preposição, mas esta apresenta-se logo após o verbo da cláusula relativa, e é imediatamente acompanhada de um pronome pessoal que possui traços correferentes ao DP alvo da relativização. Esses traços têm concordância de pessoa, número e gênero, como em:

(10) [O **homem**_i **que** eu falei **com ele**_i]. (KENEDY, 2002, p.16)

A cláusula cortadora, é caracterizada pela ausência fonética (corte) da preposição subcategorizada pelo núcleo lexical no interior da cláusula relativa, também há a presença de uma posição vazia correferente ao DP da cabeça da relativa (KENEDY, 2002, p. 16), como a seguir:

(11) [O homem_i **que** eu falei **com** ¹¹ \emptyset _i]. (KENEDY, 2002, p. 16)

Além disso, é necessário igualmente salientar que a oração relativa é introduzida por elementos *Wh* (ou *QU*, traduzido para o português) e esses, a depender da perspectiva teórica, podem ser considerados pronomes relativos, complementizadores¹² relativos, conforme Tarallo (1983, 1985), Kato (1993), Kato e Nunes (2009), Kenedy (2002), entre outros. Existem diversas propriedades que distinguem um pronome relativo de um complementizador relativo.

10 Designação em inglês dada, na perspectiva da Teoria Gerativa, a certa categoria de pronomes de uma determinada língua que podem expressar categorias ontológicas, como: pessoa, coisa, propriedade, lugar, tempo, modo e quantidade. Os pronomes *WH*, respectivamente, são: who (quem), what (o que), which (qual), where (onde), when (quando), how (como) e how many/much (quanto(s) em interrogativas) (HASPELMATH, 1997).

11 Em relação às relativas PP do PB, é importante destacar que, à semelhança de outras línguas românicas, não há a realização fonética da preposição-órfã (*prepositional-stranding*), deixada pra trás após o alçamento do DP, pois, neste caso, a sentença, no português, torna-se agramatical. Difere-se do que ocorre no inglês, este permite o abandono da preposição, como em “the man who I talked to \emptyset ” (KENEDY, 2002, p. 16).

12 Historicamente, os complementizadores são palavras funcionais formadas através do processo de gramaticalização envolvendo outros elementos sintáticos, a saber, palavras interrogativas, determinantes, etc (VRIES, 2002, p. 174).

Nesse sentido, uma das diferenças entre pronomes relativos e complementizadores é que estes, segundo Vries (2002), são elementos que em uma determinada língua ocupam a posição sintática do núcleo do sintagma complementizador, representado por [C₀, CP], e não estabelecem concordância de Caso com o nome antecedente (NP modificado) e, portanto, não possui movimento. A partir dessas considerações, em línguas que os núcleos seguem seus complementos, o complementizador pode aparecer no fim da sentença. Já em línguas como o inglês, em que os núcleos precedem seus complementos, o complementizador pode aparecer no início da sentença.

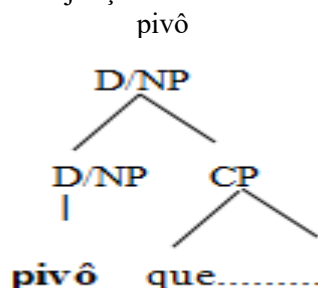
Cada elemento relativo cumprirá uma função sintática distinta (objeto direto, objeto indireto, sujeito, complemento, adjunto, etc.) na oração relativizada e em relação ao seu antecedente. Observe-se o exemplo (12):

(12) Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem **que** era ateu. (ROCHA LIMA, 1988, p. 240)

O elemento “que”, no caso acima, substitui “o homem” e, por isso, funciona como sujeito da oração relativa. Outra questão que é recorrente na teoria sobre as relativas, e que conheceremos mais sobre nos estudos discutidos nas próximas, é a de que, estruturalmente, a relativa relaciona-se com o pivô da oração matriz (ou oração principal), assim pode ser teoricamente concebido como demonstrado por Miotto e Negrão (2007, p. 160):

(13) CP relativo como um adjunto do pivô (do NP ou DP antecedente da relativa):

Figura 1. adunção entre CP e o relativo

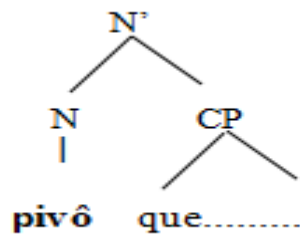


Fonte: (MIOTTO; NEGRÃO, 2007, p. 160)

(14) Complementação entre CP e o pivô, esta relação é compreendida de duas maneiras distintas:

a. CP como complemento de N'

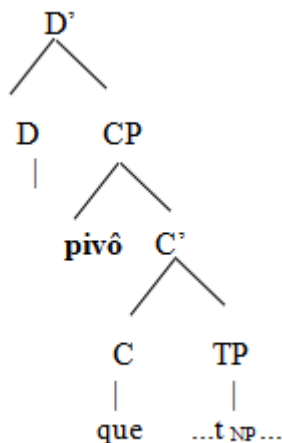
Figura 2.complementação entre o CP relativo e o pivô



Fonte: (MIOTO; NEGRÃO, 2007, p. 160)

b. CP como adjunto do determinante

Figura 3.especificador de CP recebe pivô originado no TP relativo



Fonte: (MIOTO; NEGRÃO, 2007, p. 161)

No tocante à variedade europeia do português, os estudos sobre as relativas aqui apresentados são os clássicos de Peres e Mória (1995) e de Alexandre (2000). Outro estudo a que discute comparativamente sobre as estratégias de relativização é o de Espírito Santo (2022), que aborda sobre o movimento dos constituintes nessas orações através da comparação entre o PE atual e o do século XV através de textos históricos.

Dessa maneira, os autores João Andrade Peres e Telmo Mória em *Áreas Críticas da Língua Portuguesa* (1995) exaustivamente descrevem e analisam construções relativas existentes na Língua Portuguesa europeia presentes em textos jornalísticos produzidos entre 1986 e 1994. Nesse sentido, destaca-se, por ora, a afirmação de que Peres e Mória (1995) de

que, na estrutura do PE, as relativas padrão (com *pied-piping*) são amplamente usadas pelos falantes, nessa ótica, as relativas com o pronome lembrete (ou resumptiva) e a cortadora seriam agramaticais, segundo a norma padrão do PE. Entretanto, ocorrem com menor frequência na língua falada, como exemplificadas a seguir:

- (15) a. A rapariga **de quem** te falei ontem arranjou um emprego na Covilhã.
 b. ?A rapariga **que** te falei ontem **dela** arranjou um emprego na Covilhã.
 c. ??A rapariga **que** te falei ontem arranjou um emprego na Covilhã.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 278)

A partir dos dados encontrados em notícias, Peres e Mória (1995) reconhecem que a produtividade tanto da estratégia cortadora quanto da resumptiva vem aumentando também no PE.

Contudo, é preciso considerar que esses autores, ao trabalharem com um *corpus* decorrente de textos jornalísticos, não estabelecem uma distinção entre gêneros textuais mais formais, como notícias, reportagens, editoriais, aos mais informais, como cartas do leitor, anúncios, entre outros, como pretendemos fazer nesta tese, através da observação dos modos tradicionais de dizer presentes nos textos analisados (KABATEK, 2006).

Nesse sentido, destacamos também o estudo de Alexandre (2000) sobre as orações relativas na língua falada do PE. Em sua dissertação intitulada *A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu*, sob a perspectiva da teoria dos P&P em interface com o Programa Minimalista (PM), essa pesquisadora analisa e descreve as propriedades presentes nas relativas resumptivas no PE, consideradas agramaticais pelos manuais de português padrão do PE e que, entretanto, têm sido produzidas tanto por falantes escolarizados quanto por falantes pouco escolarizados. Nesse estudo, assume-se o fato de que, em uma perspectiva de variação tipológica, o PE está encaixado no grupo canônico de línguas de movimento-*wh* explícito obrigatório na formação de orações relativas, como é o caso das línguas românicas. Diferencia-se, então, de línguas com o movimento-*wh* opcional, como Hebreu, Persa, e também de línguas em que esse movimento não existe na sintaxe explícita, como o Basco, o Japonês, o Chinês, entre outras (ALEXANDRE, 2000). Além disso, é verificado que no PE, sintaticamente, ocorrem relativas de Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto, Oblíquo e de Complemento Nominal com o Caso Genitivo.

Em relação ao estudo das relativas no PB, seja em uma perspectiva diacrônica ou sincrônica, aliada ao conceito de mudança da Teoria Gerativa (TG), vem crescendo cada vez

mais. Na presente delimitação do tema, discorreremos sobre as pesquisas de Tarallo (1983, 1985), Kato (1993), Kenedy (2002) e Kato e Nunes (2009, 2014) e Ribeiro e Figueiredo (2009).

Sob o viés da Sociolinguística Paramétrica, que une a Sociolinguística quantitativa à Teoria Gerativa, Tarallo (1983, 1985) afirma, em seus estudos diacrônicos, que, até a metade do século XIX, o PB contava com apenas duas estratégias de relativização, a saber: a estratégia padrão do pronome relativo e a estratégia do pronome resumptivo (chamada de relativa copiadora). Nesse sentido, a partir da metade do século XIX, no PB, há o aparecimento, em documentos escritos, de mais uma estratégia, a inovadora relativa cortadora, caracterizada pelo apagamento dos sintagmas preposicionados¹³ (em inglês, *Prepositions Phrases*, doravante PPs) relativizados. Tarallo (1983, 1985), então, procura analisar as ocorrências quantitativas das três estratégias de relativização de acordo com a função sintática e o tempo.

Dessa maneira, Tarallo (1985) destaca que, em relação à estratégia resumptiva, há uma variação que está mais relacionada em níveis de quantidade e produtividade. Por outro lado, em relação à cortadora, Tarallo confirma a hipótese de Kato (1981) de que essa estratégia estaria relacionada ao uso que o falante faz da elipse em outros contextos anafóricos, como em:

(16) A vizinha **que** Maria desconvidou (**ela**)... (KATO, 2018 [1993], p. 176)

Sobre o estatuto dos relativos, Tarallo considera o *quem*, presente na oração relativa padrão (cf. (6a)), um pronome relativo ligado a uma variável, permitindo, assim, o movimento-*wh*, diferentemente das relativas cortadoras (cf. (6b)) e copiadoras (cf. (6c)), em que o *que* seria um complementizador, com a posição relativizada sendo ocupada por um pronome lexical nulo, sem movimento:

(17) a. A moça **com quem** falei ontem está aqui.

b. A moça **que** eu falei com **ela** ontem.

c. A moça **que** eu falei ontem está aqui.

(KATO, 1993 [2018], p. 175)

Ao contrário de Tarallo, Kato (1993) propõe rever a análise da categoria de complementizador para as duas estratégias não-padrão. Segundo ela, o estatuto de *que* é de

13 Adotamos as siglas em inglês para nos referirmos aos sintagmas.

pronome relativo extraído de uma posição não canônica. Assim, as três estratégias destacadas por Tarallo estariam envolvidas no mesmo processo de relativização, isto é, havendo sempre a ligação do operador relativo-Q a uma posição vazia, sendo variável. Nesse sentido, a relativa cortadora seria resultado da resumptiva, tendo como diferença a cortadora apresentando o apagamento da expressão relativa na oração subordinada. A ausência de **efeito ilha**, que é responsável por barrar o movimento conforme restrições sintática do Princípio da Subjacência, em relativas com o pronome resumptivo, não estaria relacionada à falta de movimento, como afirma Tarallo, mas sim ligada à relação de correferencialidade com pronomes distantes através de uma variável em deslocamento à esquerda (*Left deslocation*, *Doravante* LD). Assim, para Kato (1993), a posição LD, por ser gerada na base e por haver a possibilidade de ela ser coindexada a qualquer posição anterior da sentença, ainda que seja dentro de posições que sejam ilhas sintáticas, seria a posição que amplia as possibilidades de relativização dentro do PB e, portanto, exigiria um menor custo derivacional (CHOMSKY, 1989).

Em oposição tanto à Tarallo (1983, 1985) quanto à Kato (1993), o linguista Kenedy (2002), a partir do modelo teórico *raising* (KAYNE, 1994), procura apresentar uma nova descrição para as relativas do PB. Desse modo, argumenta que todas as relativas do PB são derivadas por meio do alçamento do sintagma alvo e, portanto, o linguista acredita que, na derivação, esse sintagma alvo sofre movimento de sua posição de base, no domínio da relativa, para o início da cláusula (*spec-CP*). Assim, o linguista utiliza-se desse modelo para descrever e explicar que as distintas estratégias de relativização do PB, isto é, tanto em estratégias de relativização DP quanto PP, no português, evidenciam, então, as estreitas relações que se estabelecem entre a cláusula relativa e o núcleo [D] de um sintagma determinante. Nesta teoria, a relativização acontece a partir das relações entre D e CP, em que CP é complemento de D, e isso questiona, sobretudo, a teoria tradicional *wh-movement*, em que relaciona o fenômeno da relativização à adjunção de CP a NP. Além disso, sobre o operador *que*, mais uma vez em oposição à Tarallo (1983, 1985) e Kato (1993), Kenedy mostra evidências empíricas que, diferentemente das interrogativas QU-, o *que* apresenta, na relativização, características de complementador, não de pronome relativo, pois seria mais interessante sustentar o operador *que* enquanto complementador, já que envolveria uma operação derivacional menos custosa. Dessa maneira, a investigação de Kenedy (2002) é muito importante para esta tese, sobretudo, em relação à relevância teórica e à caracterização estrutural das estratégias de relativização do PB inserida no modelo teórico *raising*.

Esta pesquisa, portanto, toma por base os estudos de Kato e Nunes (2009, 2014) que, ao revisitar Kato (1993), reformulam seus estudos sobre as relativas fundamentando-se nos estudos de Kayne (1994)¹⁴ - assim como Kenedy (2002) fundamentou seus estudos -, tendo em vista que as relativas são CPs que complementam um D selecionado pela oração matriz, afirmam que a relativização nas três estratégias do PB ocorre por alçamento. Neste estudo, particularmente, a diferença entre a relativa padrão e não padrão - consideradas nesta última a resumptiva e a cortadora - seria que, na primeira, o alçamento do constituinte relativo ocorreria em posição argumental, dentro de IP, e seria movido para Spec-DP da oração matriz; ao passo que, na segunda, o constituinte relativizador seria gerado na posição de tópico, em LD (KATO; NUNES, 2009, 2014; KATO, 1993, 2014). Esta teoria, portanto, é fundamentalmente considerada nesta tese, pois nos baseamos nela, sobretudo, para perceber possíveis motivações sobre a variação de *pro* do século XIX e XX, em cartas e jornais pernambucanos.

No curso dos estudos das orações relativas, acreditamos ser relevante apresentar o estudo de Ribeiro e Figueiredo (2009) que pesquisa a influência de gramáticas africanas no PB a partir de atas oitocentistas em português na escrita de africanos residentes no Brasil. Nesse sentido, para a análise das sentenças relativas nas atas, Ribeiro e Figueiredo (2009) seguem a proposta de Keenan e Comrie (1977, 1979) sobre as sentenças relativas e as restrições universais, tendo em mente que não há uma variação aleatória em relação à função sintática do elemento relativizado na sentença relativa. Para tanto, Ribeiro e Figueiredo (2009) propõem uma hierarquia de acessibilidade (HA), esta hierarquia faz referência ao fato de que algumas posições são mais acessíveis à relativização que outras. Assim, para as autoras, posições da esquerda seriam mais fáceis de relativizar que posições da direita.

A presente tese tem por principal objetivo investigar o comportamento das estratégias das orações relativas no Português Brasileiro (PB), ao longo dos séculos XIX e XX, em cartas e jornais, observando as ocorrências das estratégias de relativização nos seus distintos contextos sintáticos. Dessa forma, insere-se na perspectiva *stricto sensu* da Linguística Histórica, a denominada Linguística Sócio-histórica (MATTOS & SILVA, 2008) em interface com a Sociolinguística (LABOV, 1972), a fim de observar, analisar e compreender, no

14 Outros estudos que se baseiam em Kayne (1994), mas dentro da perspectiva do Minimalismo, são os de Kenedy (2007, 2008). Para Kenedy (2007, 2008), as relativas padrão com *Piedpiping* (Ppp) não fazem parte da competência natural da linguagem humana, pois a estrutura seria adquirida via processo de escolarização. Em sua pesquisa experimental, Kenedy (2008) mostra a inexistência de relativas Ppp na fala infantil e, igualmente, a dificuldade de julgamento e processamento dessa estrutura na fala de indivíduos adultos escolarizados. Nesse sentido, por opção metodológica, decidimos discorrer sobre os estudos de Kenedy ao falarmos do conceito de gramática nuclear *versus* periferia no capítulo de fundamentação teórica desta tese.

decorrer do tempo e entre sociedades, o caminho intralinguístico e extralinguístico das orações relativas do PB, em dados de manuscritos e impressos da região pernambucana.

Em suma, esta investigação, considerando os estudos apresentados acima, volta-se às estratégias de relativização em cartas e jornais pernambucanos do século XIX e XX, visando discutir quantitativa e qualitativamente, sobretudo, o uso produtivo dessas estruturas de relativização e buscar investigar os contextos de restrições sintáticas impostas ao uso dessas estratégias.

Considerando o que já abordamos, antes de adentrarmos nas questões de revisitação dos estudos teóricos sobre as relativas, precisamos ainda esboçar um pouco sobre o contexto socio-histórico no qual as cartas pessoais e jornais, principais testemunhos históricos desta pesquisa, estão inseridos, como o surgimento e papel da imprensa pernambucana; o efervescente contexto social de Pernambuco¹⁵; e a proximidade comunicativa de textos como a carta pessoal, o editorial, os anúncios e a carta do leitor, estes três últimos presentes no jornal *Diário de Pernambuco*¹⁶.

Esta tese, portanto, tem por principal objetivo investigar o comportamento das estratégias das orações relativas restritivas no Português Brasileiro (PB) em cartas e jornais, ao longo dos séculos XIX e XX, observando as ocorrências das estratégias de relativização nos seus distintos contextos morfossintáticos.

Diante do exposto, é necessário explicitar que, por diversas questões teóricas, que serão destacadas a partir das próximas seções, na análise do objeto da presente tese trataremos especificamente das denominadas relativas restritivas (padrão, resumptivas e cortadoras), estas que são definidas como construções sintáticas que mantêm a relação entre um constituinte nominal, podendo ser morfológicamente expresso ou não, e uma frase que o modifica (ALEXANDRE, 2000).

Como já mencionado, esta tese se insere na perspectiva *stricto sensu* da Linguística Histórica, a denominada Linguística Sócio-histórica (MATTOS & SILVA, 2008), a fim de observar, analisar e compreender, no decorrer do tempo e entre sociedades, o caminho intralinguístico e extralinguístico das orações relativas do PB, em dados de manuscritos e impressos da Região Metropolitana da capital pernambucana, Recife-PE.

15 Estado brasileiro, localizado no centro-leste da região nordeste, tendo como capital a cidade Recife, que está localizada no litoral do nordeste brasileiro.

16 Jornal localizado na cidade Recife, fundado em 7 de novembro de 1825, sendo o mais antigo jornal da América Latina.

1.1. O ESTUDO DE TEXTOS SÓCIO-HISTÓRICOS: O CONTEXTO SOCIAL DE PERNAMBUCO NOS SÉCULOS XIX E XX E A IMPRENSA

Segundo Bastos (2016), no século XVIII, a imprensa europeia foi pioneira e teve importante papel de informar, através das gazetas, o que ocorria nas colônias ao redor do mundo, notícias locais e informações comerciais. Nesse sentido, a Gazeta da Restauração é considerada o primeiro periódico político publicado e impresso em Língua Portuguesa, no ano de 1641, ainda no século XVII. Entretanto, não foi o primeiro jornal, pois, segundo Souza (2011), a primeira publicação e impressão é atribuída ao jornal *Relações*, editado e publicado por Manuel Severim de Faria, de 1626 a 1628.

Figura 4. Gazeta da Restauração, publicada em 1641.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital de Portugal (BNP).

Em relação ao primeiro jornal publicado em Língua portuguesa, Sodré (1999) afirma que a Gazeta de Lisboa, inaugurado em 1715, durante o reinado de D. João V, foi o primeiro jornal português a ter uma periodicidade regular e que buscou ser atual e frequente nas notícias que veiculava. Esse é considerado o primeiro jornal oficial de Lisboa, editado e redigido por José Freire de Monterroio Mascarenhas e impresso por Antônio Correia de Lemos. Atualmente, o jornal deu origem ao jornal oficial do governo Diário da República, nomeado assim desde 1976.

O estabelecimento da imprensa no Brasil deu-se com transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1827-1821), e com a criação da Imprensa Régia (1817), que tinha por objetivo atender aos interesses burocráticos da corte. Conforme Lustosa (2010), o

primeiro jornal impresso em solo brasileiro foi “[...] a Gazeta do Rio de Janeiro. Lançada em 10 de setembro de 1808, seguindo os moldes de sua irmã, a Gazeta de Lisboa, era uma espécie de folha oficial onde se publicavam os decretos e os fatos relacionados com a família real (LUSTOSA, 2003, p. 20)”.

Nessa época, o Brasil estava permeado por influências europeias, seja na política, no comércio, nas artes. Sobre essa questão, Pessoa (2002) discorre:

Parece que o Brasil do século XIX é uma reprodução em parte do que acontecera na Europa no século XVIII. Se o romance surge no XVIII europeu, ele surge no XIX no Brasil; se a carta se populariza na Europa no século XVIII, ela se populariza no Brasil no XIX; se o jornal cresce na Europa do XVIII, no Brasil isto se dá no século XIX (PESSOA, 2002, p. 202).

Dessa maneira, a transferência da corte real portuguesa para o Brasil teve grande relevância nos estreitamentos de informações e influências do que acontecia na Europa. Essa grande ponte de informações e influências também reverberou no âmbito político, econômico e, conseqüentemente, provocando o desenvolvimento do país com a criação de atividades industriais, da imprensa, de universidades.

Antes mesmo do Gazeta do Rio de Janeiro surgir em solo brasileiro, Hipólito da Costa, em Londres, imprime o primeiro jornal brasileiro o “Correio Brasiliense”, tendo impresso sua primeira edição em 1 de junho de 1808, com o intuito de fornecer críticas à corte portuguesa que vinha transferida de Portugal, porque D. João VI estava fugindo do poderio napoleônico. Esse jornal tinha, inicialmente, distribuição clandestina no Brasil, possuía tiragem mensal e circulou até 1822 (GOMES, 2007).

Em *História da Imprensa do Brasil* (1966) e *Síntese de História da Cultura Brasileira* (1999), Nelson Werneck Sodré, importante escritor e historiador brasileiro, discute sobre a situação de instabilidade política e econômica não apenas brasileira, mas inclusive sobre a situação Pernambucana do século XIX, pois, nessa época, incontáveis rebeliões e revoltas ocorreram pelo país. Nesse sentido, de modo geral, seus livros têm como principal objetivo abordar o papel e a relação da imprensa com a política e a relação desta com o desenvolvimento da sociedade. Voltando às revoltas e rebeliões ocorridas, Sodré (1999) destaca o clima de tensão, insatisfação e instabilidade política, evidenciadas sobretudo pelas revoltas e acontecimentos históricos nacionais e locais, como: a Insurreição Pernambucana (1817); a independência do Brasil em relação à Portugal (1822); a Confederação do Equador (1824), a Revolução Praieira (1848), em Pernambuco; a Balaiada (1830), no Maranhão; a

Sabinada (1837), na Bahia; a Guerra dos Farrapos (1835), no Rio Grande do Sul; a libertação dos escravos (1888), entre outras revoltas e acontecimentos históricos.

Foi nesse clima de instabilidade somado à diminuição da censura da imprensa, que se superou a distribuição de informações palacianas para haver uma maior abertura de notícias atualizadas sobre os acontecimentos nas províncias. Essa censura foi, em grande parte, responsável pela tardia popularização do jornal no Brasil. Além disso, os ideais de liberdade da Revolução francesa (1789) fortemente influenciaram os princípios da liberdade de imprensa mundialmente reconhecidos e exercidos pelos jornalistas. Assim, D. João VI apenas retira, provisoriamente, a ordem de censura prévia de escritos impressos, a partir 2 de março de 1821, mas só é garantido esse direito na Constituição de 1824 (RIBEIRO, 2001).

Em meio a esses acontecimentos, no século XIX, Recife, cidade localizada no estado de Pernambuco, vivenciou mudanças em seu cenário político-social. Nessa época, mais precisamente na segunda metade do século XIX, houve melhoras no meio urbano da cidade, consequência da intensa urbanização experienciada ao longo dos séculos XIX e XX.

Segundo Gomes (2012), as transformações vivenciadas nesses séculos modificaram hábitos sócio-culturais da população recifense, e isso também é relatado nos jornais, sobretudo nos editoriais. Algumas desses melhoramentos urbanos ocorridos na segunda metade do século XIX, conforme Sodré (1999), foram: a inauguração do Teatro Santa Isabel (1850); o Cemitério Público de Santo Amaro, inaugurado em 1851; o Gabinete Português de Leitura (1851); a ferrovia (1854); a construção da Casa de Detenção (1856); a chegada do telégrafo (1857); inauguração de parte da estrada de ferro que ligava Recife a São Francisco, ligando esta cidade à Vila do Cabo, em 1858; inauguração da estrada de ferro (1958); iluminação das ruas centrais à gás carbônico, em 1859; utilização do cabo submarino para se comunicar, em 1872, e chegada do telefone, em 1876, entre outras inovações chegaram ao Recife.

Já no século XX, mais especificamente a partir da segunda metade do século, nos anos 50, os jornais começam a coexistir ao lado do novo meio de comunicação, a televisão. Conseqüentemente, os jornais começaram a perder espaço para esse novo meio de comunicação.

Sobre essa questão, Bastos (2016) afirma que a imprensa pode ser considerada como a disseminadora de vários gêneros textuais, a saber: editorial, carta do leitor, notícias, etc. Além disso, trabalhos de diversos escritores no século XX foram divulgados através dos folhetins. Ainda essa autora considera que o jornalismo é, de modo geral, tudo que se divulga pela mídia, seja através da TV, do jornal e, hoje, da internet. O jornalismo é a arte de se

divulgar a notícia e, por isso, a imprensa lida a todo momento com a mediação de entregar notícias sobre fatos que ocorreram na esfera pública para adentrar os espaços privados residenciais (BASTOS, 2016).

Diante do exposto, a contextualização sócio-histórica dos textos jornalísticos é, de certa forma, a identificação das condições de produção e resgate da história dos textos e, também, da própria língua. Desse modo, acredita-se na relevância em mostrar alguns elementos da estrutura composicional e alguns modos tradicionais de dizer¹⁷ presentes nos textos que utilizaremos como *corpora* desta tese.

1.1.1. O diário de Pernambuco: o mais antigo da América Latina

O jornal Diário de Pernambuco é inaugurado em 7 de novembro de 1825, primeira metade do século XIX, na cidade do Recife, capital pernambucana. O jornal foi fundado pelo tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão, com o objetivo de realizar anúncios de imóveis, achados e perdidos, escravos, leilões, entre outros. Para além disso, o jornal passou a cobrir notícias relevantes acerca dos acontecimentos da província, tornando-se, 1835, o jornal oficial do governo da província, cobrindo acontecimentos como a Revolução Praieira (1848) e fazendo oposição a fatos históricos como a escravização e ditadura militar.

Nesse sentido, no editorial, este que tem por função apresentar o posicionamento crítico do jornal, abordava-se desde o início os principais sentimentos em relação aos acontecimentos importantes para a província Recifense, como inauguração do Teatro Santa Isabel (1850), e outros já anteriormente citados (GOMES, 2012). Assim, o editorial de Recife desde a inauguração do jornal *Diário de Pernambuco* tem grande caráter opinativo e argumentativo, mas principalmente revelam as mudanças urbanas, sociais, políticas, culturais que ocorreram na cidade e também no país ao longo dos anos. Segundo Gomes (2007), os editoriais distinguem-se da notícia por reunir características condizentes com o tipo argumentativo e também opinativo assim, de modo informativo, busca a formação da opinião pública.

O editorial tinha como finalidade comunicativa mostrar a posição do jornal, frente às questões cotidianas, assim, ainda no século XIX, anunciavam sua linha editorial a partir de epígrafes, como em O *Carapuceiro*¹⁸ que dizia “Periódico sempre moral e só *per accidens* político” (O *Carapuceiro apud* Gomes, 2007, p. 75). Já mais recentemente, no início do século

17 Nos termos de Kabatek (2006)

18 O *Carapuceiro* foi um periódico altamente crítico e político que circulou no Recife-PE, do dia 7 de abril de 1832 a 28 de setembro de 1847.

XXI, o *Diário de Pernambuco* atualiza sua epígrafe para “O jornal mais antigo em circulação na América Latina” (Diário de Pernambuco n° 279, 06/10/2003).

Já as cartas do leitor, surgem no Diário de Pernambuco, a partir da necessidade de tornar pública as questões de interesse da sociedade. A carta do leitor é um “tipo de correspondência de caráter público que aborda os mais variados assuntos” (PASSOS, 2003, p. 83). Nesse sentido, escrever e também ler um jornal era está conectado às intensas transformações e conflitos que estavam acontecendo em pleno século XIX e, posteriormente, XX.

A sociedade queria opinar sobre as notícias e sobre o que estava ocorrendo em sua volta. Conforme o afirmado por Silva (2012), as cartas do leitor do Diário de Pernambuco revelam o contexto conflituoso que Pernambuco estava vivendo, sobretudo, no século XIX¹⁹.

Nesse sentido, as cartas do leitor, sobretudo, do século XIX, são marcadas por traços da oralidade, como a reprodução do diálogo abaixo:

(18) [...] Para que te involves | em bebuxos de escriptor publico, se nada sabes? Quem te mandou orubú pelado, metter-te | no rancho dos coroados? (Diário de Pernambuco, 08/11/1830 - Carta do leitor)²⁰

Dessa maneira, por trazer a voz da população, acreditamos que a **carta do leitor** e o **anúncio** são gêneros mais espontâneos, com maiores traços e elementos de proximidade com a fala. Já o editorial, por ser um gênero textual que representa a opinião do jornal, trará uma maior formalidade ao abordar os assuntos. Contudo, mesmo este sendo um gênero concebido no meio escrito, traz ainda elementos e traços de proximidade com a oralidade, como marcas de interatividade, utilização de provérbios e outras marcas que veremos na análise. Ao observamos a estrutura composicional desses gêneros ao longo tempo, acreditamos que iremos encontrar, ao longo dos séculos, mudanças na arquitetura do texto, já que também há mudanças na sociedade. Afinal, o que torna possível identificar um gênero textual ao longo dos anos, décadas e séculos é, sobretudo, a sua finalidade comunicativa (GOMES, 2007).

19 Sobre esse período, Sodré (1999) afirma que o índice de analfabetismo era muito grande e que a função do texto jornalístico era sobretudo opinativo e marcado por ofensas e polêmicas pessoais expostas nos jornais.

20 Exemplo retirado da cartilha “Identidade e memória em Manuscritos e Impressos Pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos” (SOARES; GOMES, 2012, p. 43).

1.1.2. As cartas pessoais: um meio de comunicação intimista

Antes mesmo da popularização do jornal e o surgimento da imprensa, desde que o homem surgiu, sempre houve a necessidade de se comunicar. Assim, o gênero epistolar, na história da sociedade, sofreu muitas transformações até se tornar a carta de cunho privado, denominada de carta pessoal. Nesse sentido, Pessoa (2002) afirma que os gêneros textuais mudam de acordo com as necessidades sociais ao longo do tempo. Pode-se dizer também que de acordo com o desenvolvimento tecnológico eles se atualizam, como destaca Marcotulio (2008), ao falar que é possível pensar na carta como um precursor do gênero e-mail, porém o autor salienta que “[...] a carta e o e-mail não podem ser agrupados em um mesmo gênero textual, dado que este último especializou-se em outro contexto social, o da denominada cultura eletrônica, e abarca funções comunicativas, intencionalidade e propósito diferentes [...]” (MARCOTULIO, 2008, p. 74-75).

Atualmente, mesmo não sendo tão utilizada como outrora, dentre tantos fatores, por não ser o meio de comunicação mais rápido, a carta pessoal é um dos textos mais usados pela investigação histórica, isso por que conserva a proximidade com a oralidade (GOMES; LOPES, 2016); e também por abarcar as vicissitudes de uma sociedade, da língua e de uma determinada época. Através do gênero epistolar carta, pode-se estudar as transformações da língua, a função desse gênero em diferentes momentos históricos e, também, a contribuição para a formação de outros gêneros (PESSOA, 2002).

Ademais, especificamente, a carta pessoal, também nomeada *epistola familiaris*, conglomerava uma série de assuntos com propósitos variados, como expressar a amizade, mandar notícias sobre a família, expressar os pêsames por alguma perda ou o luto, declarar ou expressar intimamente o amor por alguém ou a alguém.

Segundo Costa (2019), em fins do século XX, no Brasil, a carta pessoal foi um dos gêneros discursivos mais utilizados para a comunicação, seja de cunho privado seja de teor público. Enquanto isso, paralelamente, a televisão e o telefone foram adentrando cada vez mais às residências.

Na antiguidade greco-romana, era a carta pública que cumpria a função de divulgadora de ideias, passava-se de mão em mão, espalhando informações e notícias, igualmente um jornal. Entre 800 e 1400 d.c., na Europa, durante a Idade Média, as cartas de conteúdo privado, eram escritas em latim, predominantemente utilizadas por imperadores e por papas (PESSOA, 2002; COSTA, 2019).

No fim do século XIV, surgem-se os serviços postais e a figura do mensageiro para levar correspondências, isso foi ocasionado devido à necessidade e crescimento de trocas comerciais entre os países europeus, portanto, essas correspondências tinha fins burocráticos. Nessa época, também já havia uma forma incipiente de jornal (PESSOA, 2002).

É apenas a partir do do séculos XV que as cartas deixam de ser apenas trocadas entre clero e nobreza. Dissemina-se, então a *Carta Aberta*, esta que é de caráter público. As cartas privadas, estas, por sua vez, deixam de ser escritas em latim, e começam a se popularizar.

Segundo Pessoa (2002) as cartas passam a ser uma “espécie de telefone da época” a partir do século XVIII, tida como um meio de comunicação que aproximam os distantes, mas só a partir do século XIX é que se populariza no Brasil. Sobre o primeiro registro que se tem de uma carta escrita no Brasil e sobre o país, Costa (2019) fala que:

a primeira carta da nossa história foi um relato de viagem, a *Carta de Caminha*, datada de 1º de maio de 1500, período das navegações. A relevância da carta epistolar para Portugal advém do frequente uso na época dos descobrimentos, época na qual as cartas exerciam a função de narrativas sobre os lugares explorados (COSTA, 2019, p. 68).

No Brasil, na virada do século XVIII para o XIX, a carta, primeiramente torna-se um relevante e produtivo instrumento produtivo para a imprensa brasileira, pois, adquire um formato de artigo jornalístico de opinião, fazendo se popularizar também a carta do leitor. A troca de correspondências se intensificam em meados do século XIX, surge-se, então, a figura do carteiro levando e trazendo informações, através da carta pessoal²¹.

Ao que diz respeito às regularidades da estrutura composicional da carta pessoal, Soto (2007) afirma que

Há uma natureza convencional - de gênero - que associa à ideia de carta a expressão dos sentimentos e da intimidade, enquanto tema tema, e a determinada forma: local e data identificados na parte superior do papel, saudação inicial, corpo do texto, despedida na parte inferior, assinatura e possíveis “PSs”. O texto epistolar parece tão claramente definido que o que seja uma carta se nos apresenta como evidente (SOTO, 2007, p. 94).

A partir da questão da natureza convencional levantada por Soto (2007), percebe-se que o gênero carta pessoal (e seus respectivos gêneros carta de amor, amigo e família) não é composicionalmente livre, pois é perpassado por inúmeras permanências, também denominadas de tradições, e por atualizações que determinam os modos de dizer presentes na carta pessoal e que, de acordo com a intimidade empregada entre os interlocutores, poderá se perceber uma maior proximidade com a comunicação face a face (GOMES; LOPES, 2016).

21 Nessa época ainda conservava-se a troca de correspondências de cunho oficial.

Ressalta-se aqui, que a estrutura composicional das cartas pessoais remontam à Antiga Retórica grego-romana, como observado por Castilho da Costa (2012, p. 151), dividido em 5 partes:

1ª parte - *Salutatio* (saudação);

2ª parte - *Captatio benevolentiae* (captação da benevolência do interlocutor);

3ª parte - *Narratio* (corpo da carta, é o seu desenvolvimento, nele contém as informações)

4ª parte - *Petitio* (pedido ao interlocutor);

5ª parte - *Peroratio* (corresponde à conclusão da carta, seguida da assinatura²², podendo conter uma espécie de *recapitulatio*, resumo do que foi anteriormente mencionado na carta, além de apelo emocional, como solidariedade, pêsames, felicitações e bênçãos).

Através dessa estrutura composicional, percebemos que se faz presente ainda nas cartas pernambucanas do século XIX a fins do XX, com atualizações que podem ser mais abrangentes, ou ainda, que podem variar de missivista para missivista, a depender também do subgênero²³ da carta pessoal, já que cada um exerce uma finalidade comunicativa e relações interpessoais diferentes. Desse modo, salienta-se que são essas as partes das cartas que abarcam os modos tradicionais de dizer e, portanto, nos revelam os pormenores de uso linguístico e, até mesmo, extralinguísticos. Assim, nesta tese assumimos o conceito de que a carta pessoal é a

“[...] comunicação eminentemente pessoal, uma correspondência que efetiva um contato privado e, quase sempre, constante, entre indivíduos – familiares e amigos íntimos – que mantêm entre si um relacionamento estreito” (NOVAES, 2006 *apud* SOUZA, 2012, p. 59).”

Essa carta, enquanto gênero discursivo, é marcada pela espontaneidade devido à relação de intimidade estabelecida na troca de correspondências entre os missivistas e na tentativa de realizar *sermo absentis ad absentem*, isto é, de realizar uma aproximação entre ausentes, ou melhor dizer, dois distantes (CASTILHO DA COSTA, 2012).

Segundo Gomes e Lopes (2016), observar nas missivas como se estabelecem as relações é fundamental, pois os tipos de relações provocam a escolha de usos de expressões linguísticas específicas em detrimento de outros usos, em uma relação igualitária ou não. Assim, exemplifica-se abaixo os tipos de relações hierárquicas observadas, sobretudo, nos gêneros da carta pessoal (BROWN; GILMAN, 1960):

22 Por vezes, a assinatura pode vir logo acompanhada da data e local, sendo mais comum nas cartas pessoais, de modo geral, e nas cartas pessoais pernambucanas a data e o local virem antes mesmo da saudação, representada por algum vocativo.

23 Subgênero aqui é compreendido nos termos de Gomes e Lopes (2016).

- I. Relação simétrica:** dizem respeito às relações entre amigos - que constituem uma relação de igualdade;
- II. Relação assimétrica:** relação hierárquica entre os interlocutores;
 - a) assimétrica descendente:** são as relações estabelecidas de superior para inferior, como de pai para filho, de mãe para filho;
 - b) assimétrica ascendente:** são as relações estabelecidas de inferior para superior, de filho para o pai ou de filho para a mãe.;
- III. Relação simétrico-solidária:** relações íntimas e amorosas estabelecidas entre um casal.

Essas relações interpessoais entre os interlocutores das cartas pessoais dizem muito a respeito das formas tratamentais e da expressividade das expressões de acordo com o grau de intimidade, influenciando a carta pessoal a ser um gênero principalmente de natureza mais intimista que abarca em sua estrutura traços e elementos linguístico-discursivos de uma comunicação mais próxima da concepção oral (COSTA, 2019; COSTA, GOMES; TAVARES SILVA, 2017).

Por conseguinte, no início século XX, a carta pessoal atinge seu grau máximo de popularização, sendo realizada a escrita de correspondências quase que diariamente, obviamente, demorava-se um pouco para chegar, mas era vista como uma aproximação das distâncias e servia para “matar” as saudades, como se encontra em muitas missivas. Após meados do século XX, com o telefone cada vez mais adentrando às residências, o comunicar-se por cartas foi ficando de lado até, finalmente, na virada do século XX, houve a invenção do computador pessoal, o celular e os atuais *smartsphones*, em que as distâncias são aproximadas em tempo real.

Atualmente, vê-se que a carta pessoal, para a comunicação interpessoal, transmutou-se em outras formas textuais-discursivas, predominantemente inseridas no meio multimodal e digital (COSTA et. al., 2017; COSTA, 2019). Por contar a história da sociedade pernambucana e, conseqüentemente, da sua língua, é justamente que se necessita olhar para as marcas de proximidade comunicativa dos gêneros textuais (KABATEK, 2006), a fim de percebermos a intimidade da relação estabelecida entre dois interlocutores distantes.

O estudo diacrônico é essencial para reconstrução da história das relativas e, com isso, esperamos encontrar no século XIX, maior presença das relativas padrão e o tímido aparecimento de relativas resumptivas e cortadoras (estratégias não-padrão), conforme

constatado nos estudos de Tarallo (1983, 1985). Ao longo do século XX, esperamos perceber um aumento do uso de estratégias de relativas não-padrão e, portanto, acreditamos que também haverá maior uso da estratégia cortadora ao longo tempo, resultante da “neutralização” do pronome relativo também ocorrida nas estruturas em LD.

Nessa ótica, prosseguiremos a discussão sobre as estratégias de relativização, resgatando alguns estudos que tomamos por base nesta tese e que fazem parte da história dos estudos canônicos sobre as orações relativas, no PB, PE e outras variedades.

2. REVISITAÇÃO AOS ESTUDOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO DO PORTUGUÊS

*“João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou pra tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história”.*
(Carlos Drummond de Andrade)

Por bastante tempo as estratégias de relativização vêm sendo estudadas e discutidas por diversos autores de diferentes perspectivas, mas escassos são os estudos que se dedicam à investigação dessas orações diacronicamente, buscando, na investigação histórica, mapear as regularidades e restrições de usos diatopicamente, quando possível, considerando também as variáveis extralinguísticas para além do estudo linguístico.

2.1. ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM DIFERENTES VARIEDADES

Com o intuito de reconstruir o caminho da história das relativas no PB, nas seções seguintes, discutiremos sobre as estratégias de relativização tanto no PE quanto no PB analisadas em algumas pesquisas.

2.1.1. No português europeu: Peres e Mória

A presente seção tem por objetivo apresentar as propriedades das orações relativas no Português Europeu (PE) a partir do exaustivo levantamento realizado por João Andrade Peres e Telmo Mória no livro *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, em que analisam e descrevem essas orações a partir de textos jornalísticos produzidos entre os anos de 1986 e 1994. Sobre esses textos, cabe salientar que, por não ser o objetivo dos autores, não foram separados ou selecionados por gênero, são tratados de forma geral, sem especificá-los dentro do jornal e, portanto, a justificativa dos autores é que são dados linguísticos do PE que se manifestam cultural e historicamente.

Nesta tese, então, destacaremos os principais contextos descritos e analisados por Peres e Mória (1995) sobre as relativas no PE e considerá-los, quando possível, na metodologia e na análise das relativas do PB presentes em manuscritos e impressos de

pernambucanos. Conforme Peres e Mória (1995), as orações relativas, dentro do escopo das gramáticas tradicionais, estão incluídas no período composto por subordinação e classificadas como orações subordinadas adjetivas.

Ao analisar as orações relativas, Peres e Mória (1995) afirmam que introduzem uma qualificação, ou ainda, predicam acerca de uma ou mais entidades envolvidas na referência do discurso, como em:

(19) Os documentos **que estão na pasta azul** ainda não foram assinados²⁴.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 273)

Nesse caso, a oração relativa permite a identificação precisa dos documentos que ainda não foram assinados, isto é, são identificados a partir da atribuição de uma qualidade ou propriedade aos documentos, a de “estão na pasta azul”. Além disso, a oração relativa, em seu constituinte inicial, contém “um elemento que em si próprio não tem significado” (PERES; MÓIA, 1995, p. 274), chamado de pronome relativo, pode vir sozinho ou acompanhado por outras expressões, como preposições. Ademais, os autores denominam o constituinte inicial da relativa de constituinte relativo e afirmam que, em muitos casos, o pronome relativo é dependente de uma expressão lexical da sentença matriz ou até mesmo de um elemento nulo, tradicionalmente denominados de antecedente, que é o antecedente do pronome como em “os documentos” em (20).

A partir dessas características, Peres e Mória (1995) afirmam que existem duas grandes subclasses das relativas: a) as orações relativas de nome, como em (20) - em que “documentos” é formado por um nome, e b) as orações relativas de frase, como no exemplo (21) a seguir:

(20) Os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas, o que constitui um facto muito positivo.

(21) Os jovens interessam-se cada vez mais pelas questões ecológicas, facto que é muito positivo.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 274)

24 Todos os exemplos foram retirados de Peres e Mória (1995, p. 273-374) e, portanto, estão em Português Europeu.

Ao compararem a sentença (21) e (22), os autores destacam que, embora tenham o mesmo significado, a sintaxe das sentenças é muito distinta, pois em “facto que é muito positivo” seria um aposto nominal à oração precedente, de modo que “que é muito positivo” não seria uma oração relativa de frase, mas sim de nome. Assim, em (21), tem-se o antecedente do pronome relativo “que” o nome “facto”. Nesse sentido, a grande diferença entre as duas sentenças acima seria que, ao exprimirem uma propriedade em relação à oração principal junto a qual ocorrem, em (21) exprime essa propriedade de modo direto através do pronome relativo “o que” em relação com a oração antecedente, já em (22) há uma cadeia mais complexa que é formada pelo pronome relativo “que” e seu antecedente nominal “facto” e, também, pela estrutura frásica que o precede e que atua como um antecedente remoto do pronome relativo. Ademais, Peres e Mória (1995) consideram esses dois tipos de sentenças como apositivas e classifica a oração em (21) como relativas de aposto de nome.

As orações relativas de nome, como em (20), podem desempenhar diversas funções no discurso, por isso, são divididas em duas grandes subclasses: as orações relativas de nome restritivas e as orações de nome explicativas ou apositivas. Nesse sentido, a sentença (20) é classificada como oração restritiva de nome por, sobretudo, restringir o domínio dos objetos que tem a propriedade veiculada pela expressão predicativa complexa “ainda não foram assinados”, em que se predica sobre um grupo restrito e específico de documentos, aqueles que estão na pasta azul.

Já no que diz respeito às orações relativas explicativas, os autores destacam que geralmente vêm entre vírgulas e tradicionalmente recebem esse nome devido ao fato de introduzirem uma informação ou explicação suplementar que não identifica entidades. Assim, recebem o nome de relativas apositivas principalmente tendo como base critérios sintáticos, pois “só podem ser explicativas, obviamente porque uma estrutura frásica não denota um conjunto de objectos do domínio do discurso” (PERES; MÓIA, 1995, p. 276), como podemos observar nas diferenças semânticas entre as restritivas e explicativas representadas nos exemplos em (23), (24) e (25 (b)):

(22) a. Os irmãos da Ana que estudam em Lisboa foram ver os Rolling Stones.

b. Os irmãos da Ana, que estudam em Lisboa, foram ver os Rolling Stones.

(24) a. Acabei ontem de ler os romances do Eça que o meu pai me ofereceu.

b. Acabei ontem de ler os romances do Eça, que o meu pai me ofereceu.

(25) a. O Paulo gostou de viver em todas as capitais da União Europeia onde trabalhou como tradutor.

b. O Paulo gostou de viver em todas as capitais da União Europeia, onde trabalhou como tradutor.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 276)

Para além dessas construções relativas, os estudiosos distinguem também as orações relativas com antecedente exposto das sem antecedente exposto, como mostram os contextos a seguir:

(26) Quem casa quer casa.

(27) Onde há fumo há fogo.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 277)

Em ambos os casos, há um tipo especial de oração relativa restritiva de nome que são denominadas de orações relativas sem antecedente exposto ou também chamadas de relativas livres, por não apresentar um nome que sirva de antecedente ao pronome relativo. Entretanto, não há dúvidas acerca das entidades sobre as quais estamos falando; em (26), trata-se de pessoas; e em (27), trata-se de lugar. Assim, Peres e Mória (1995) afirmam que nessas sentenças os pronomes relativos *quem* e *onde* incorporam um nome nulo e que, em uma representação abstrata, esse nome contém traços como [+humano] ou [+lugar], que são transmitidos do nome a uma forma abstrata do pronome relativo.

Ao tratar da estrutura interna das orações relativas, Peres e Mória procuram discutir como se estabelece o movimento dos constituintes relativos, como é a composição desses constituintes e, também, como podem desempenhar diferentes funções sintáticas na sentença relativa. Para tanto, verificam que uma das características principais das orações relativas é apresentar um pronome relativo como parte integrante do constituinte inicial da relativa, ou seja, o constituinte relativo. A primeira constatação é de que o constituinte está associado a uma posição seja argumental ou não da oração relativa da qual faz parte, e essa associação é tanto semântica quanto sintática. Assim, os autores procuram compreender como se estabelece a relação entre o constituinte relativo e o resto da sentença, como veremos nos contextos exemplificados das orações relativas de nome restritivas e com o antecedente exposto:

(28) O livro que o Paulo escreveu foi um sucesso.

(29) A rapariga de quem te falei ontem arranhou um emprego na Covilhã.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 278)

No exemplo (28), a relativa “que o Paulo escreveu” introduz uma propriedade de uma de uma entidade acerca da qual a sentença predica que “foi um sucesso”. Assim, a entidade referida é o “livro” e a propriedade atribuída pela relativa é a de ter sido escrito por Paulo. Já em (29), os autores chamam a atenção para o fato de o constituinte relativo conter uma preposição que é argumento do verbo falar e ao qual está semântica e sintaticamente associado. Diante disso, os autores representam a informação das duas sentenças acima da seguinte maneira:

(30) *O livro o Paulo escreveu esse livro foi um sucesso.

(31) *A rapariga eu falei-te ontem dessa rapariga arranhou um emprego na Covilhã.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 278)

Apesar de essas estruturas não fazerem parte da língua portuguesa, servem para mostrar que as estruturas reconhecidas são as em que não há repetições das palavras *livro* ou *rapariga*, utilizando-se um constituinte sem significado próprio - pronomes relativos - que é colocado junto da expressão que lhe dá valor semântico, ou seja, junto de seu antecedente.

Para os exemplos (19) e (20), os autores observam que os pronomes relativos realizaram um movimento da sua posição de base para a posição da cabeça das relativas, ficando junto de seus antecedentes, ficando a posição de base preenchida por um elemento nulo, o vestígio (*v*), do constituinte relativo na posição subjacente da sentença:

(32) [o livro [[que]_i o Paulo escreveu [*v*]_i] foi um sucesso.

(33) [a rapariga [[de quem]_i eu te falei [*v*]_i ontem]] arranhou um emprego na Covilhã

(PERES; MÓIA, 1995, p. 278)

Em (32), houve um movimento do pronome relativo da posição de complemento direto do verbo *escrever* e, em (33), houve o movimento do pronome relativo da posição de um complemento preposicionado (ou oblíquo) do verbo *falar*. Assim, os autores consideram que o movimento do relativo ocorre em todas as estruturas relativas do PE e, portanto, na língua oral, há as variantes cortadora e resumptiva. Algumas relativas têm a posição original do constituinte relativo preenchida por um elemento pronominal, seja ele preposicionado ou não (34e 35 (a)). Observem-se os casos de relativas padrão em (b), sendo contrastadas com os dados de (a):

(34) a. A rapariga que te falei ontem Ø/dela arranhou um emprego na Covilhã.

b. A rapariga de quem te falei ontem arranhou um emprego na Covilhã.

(35) a. A única zona da cidade que o povo tem algum orgulho Ø/nela é este jardim.

b. A única zona da cidade em que o povo tem algum orgulho é este jardim.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 280)

Assim, os exemplos em (a), em que apresentam o resumptivo, foram encontrados por Peres e Mória (1995) no PE e tem ocorrido na língua oral, inclusive na fala dos mais escolarizados, atingindo frequências de produtividade cada vez mais elevadas, conforme afirmam Peres e Mória (1995, p. 280-281). Por isso, é fundamental dizer que há presença de duas características nas relativas em (34) e (35): (i) a posição de base do relativo é preenchida por um constituinte com um pronome e (ii) os pronomes relativos são reduzidos a uma única forma - *que* -, que funciona como uma forma neutra *que*, segundo Peres e Mória (1995), seria insensível às diferenças de funções sintáticas da posição a que está associada. Dessa forma, os autores acreditam que essa neutralização poderia ser uma tendência geral da língua que poderia ter levado a uma uniformização do constituinte em posição de foco *que*, por sua vez, tem as características de um pronome relativo:

(36) a. Foi o Paulo **que** leu o texto.

b. Aqui é **que** se está bem.

c. Amanhã é **que** sai o livro.

d. De praia é **que** Ana gosta.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 280)

Nesse sentido, para Peres e Mória (1995), a neutralização do pronome relativo, isto é, a estratégia da relativa cortadora estaria, conseqüentemente, relacionada com a possibilidade da existência de estruturas de foco. Dessa forma os autores reconheceram que a frequência de uso das cortadoras tem aumentado no PE, como os exemplos retirados também de telejornais:

(37) ? A rapariga que te falei ontem arranhou um emprego na Covilhã.

(38) ? A única zona da cidade que o povo tem algum orgulho é este jardim.

Desse modo, Peres e Mória (1995) e outros estudiosos, como Alexandre (2000), Espírito Santo (2022) têm reconhecido o aumento da produtividade da relativa cortadora na oralidade e informalidade do PE e, para além disso, assumem que a cortadora vem tornando-se produtiva no PE devido a influências extralinguísticas diversas. Sobre essa questão, Tarallo (1985) salienta que a cortadora surge no PB ao longo do século XIX, tornando-se a estratégia de relativização mais produtiva na língua a partir do século XX, coexistindo, no uso, ao lado da baixa produtividade de relativas padrão (com *piedpiping*). Nesse viés, Peres e Mória (1995) corroboram as hipóteses de Tarallo, ao afirmarem que as cortadoras não existem em outras línguas neolatinas e que o aumento de sua produtividade no PE é decorrência de usos mais atuais do PE e que seja “*possivelmente por influência do PB*” (PERES; MÓIA, 1995, p. 288).

Para além disso, em relação à composição dos constituintes relativos, Peres e Mória (1995, p. 282) expõem que nem sempre são formados apenas pelo pronome relativo, como mostram os exemplos abaixo²⁵:

(39) As pessoas [com quem o Paulo conversou [v]] prometeram apoiá-lo - Relativa de nome restritiva com antecedente exposto (*pessoas*); **constituente relativo**: sintagma preposicional formado pela preposição *com* e pelo pronome *quem*.

(40) Os realizadores [cujos filmes o júri selecionou [v]] estarão presentes numa conferência de imprensa - Relativa de nome restritiva com antecedente exposto (*realizadores*); **constituente relativo**: sintagma nominal com núcleo nominal *filmes*, precedido do pronome relativo *cujos* e, ainda, a estruturas nominal poderia ser mais complexa, como em *obras de curta metragem* no lugar de *filmes*.

(41) Os realizadores [de cujos filmes o público mais gostou [v]] foram um polaco e um chileno - Relativa de nome restritiva com antecedente exposto (*realizadores*); **constituente relativo**: sintagma preposicional formado pela preposição *e* e pelo sintagma nominal *cujos filmes*.

(42) Foram apresentados vários filmes portugueses muito interessantes, [os realizadores dos quais o Estado deveria apoiar [v]] - Relativa de nome explicativa; antecedente: *vários filmes*

²⁵ Peres e Moia (1995, p. 283) ainda afirmam que, a partir desses exemplos, combinados entre si, quando possível, podem surgir composições mais complexas e com uso mais restrito.

portugueses muito interessantes; **constituente relativo**: sintagma nominal com determinante *os*, núcleo nominal *realizadores* e um argumento (preposicionado) deste nome realizado pelo pronome relativo *os quais*).

(43) Foram seleccionados dez filmes portugueses, [aos realizadores dos quais o Estado vai atribuir um subsídio [v]] - Relativa de nome explicativa; antecedente: *dez filmes portugueses*; **constituente relativo**: sintagma preposicional formado pela preposição *a* e pelo sintagma nominal com determinante *os*, núcleo nominal *realizadores* e um argumento (preposicionado) deste nome realizado pelo pronome relativo *os quais*).

(44) Nas últimas provas de natação, foram seleccionadas vinte crianças, [algumas das quais o Paulo tinha treinado [v]] - Relativa de nome explicativa; antecedente: *vinte crianças*; **constituente relativo**: sintagma nominal complexo que inclui um operador partitivo *algumas de* e o pronome relativo *os quais*.

(45) Será definido um período, [terminado o qual ninguém poderá reclamar [v]] - Relativa de nome explicativa; antecedente: *um período*; **constituente relativo**: estrutura oracional participial, com o predicador *terminado* e o seu argumento único realizado pelo pronome relativo *o qual*.

(46) Foram descobertas novas provas, [considerando as quais o tribunal mudou de opinião [v]] - Relativa de nome explicativa; antecedente: *novas provas*; **constituente relativo**: estrutura oracional geruntiva, com o predicador *considerando* e o seu argumento interno realizado pelo pronome relativo *as quais*.

(47) Foram descobertas novas provas, [para analisar as quais o tribunal precisa de muito tempo [v]] - Relativa de nome explicativa; antecedente: *novas provas*; **constituente relativo**: estrutura oracional infinitiva preposicionada, com o predicador *analisar* e com o seu argumento interno realizado pelo pronome relativo *as quais*.

A partir dessas construções, os autores reconhecem que os constituintes relativos podem desempenhar diferentes funções sintáticas nas relativas:

(48) *Sujeito da oração relativa*:

- a O médico [que [v] operou a Ana] formou-se em Coimbra.
 b Quem [v] operou a Ana] foi um médico de Coimbra.²⁶
 c A operação de ana foi um êxito, [o que [v] muito nos alegrou].

(49) Complemento direto (ou argumento não preposicionado):

- a O último filme [que eu vi [v]] era do Fellini.
 b Recomendo-te o último filme do Win Wenders, [que vi [v] o mês passado em Paris].
 c Os países do leste europeu tornaram-se democracias em pouco mais de um ano, [o que ninguém previra [v]].

(50) Complemento indireto (preposicionado):

- a O escritor [a quem foi atribuído [v] o primeiro prêmio] não compareceu à cerimônia.
 b Albert Camus, [a quem foi atribuído o Prêmio Nobel [v]], morreu num estúpido acidente de viação.

(51) Complemento Oblíquo argumental²⁷:

- a Os livros devem ser arrumados no sítio [de onde foram tirados [v]].
 b Arranjei uma pequena casa no campo, [para onde vou levar todos os meus livros [v]].

(52) Complemento circunstancial:

- a Não consigo lembrar-me da loja [onde comprei esta caneta [v]].
 b O solista do grupo adoeceu, [pelo que o concerto do grupo será adiado [v]].

(53) Complemento de um predicado nominal da relativa:

²⁶ Relativa de nome restritiva sem antecedente expresso (PERES; MÓIA, 1995, p. 284).

²⁷ Ou seja, é um argumento preposicionado que não é complemento indireto da relativa (PERES; MÓIA, 1995, p. 285).

a Ando a ler um livro [de que esqueci o nome [v]].²⁸

b A conferencista, [de quem a Paula é uma velha amiga [v]], fica para jantar.

(54) *Complemento de um predicado adjetival da relativa:*

a A Ana só é capaz de se dedicar a assuntos [pelos quais se sinta entusiasmada [v]].

b Tenho em curso vários projetos, [dos quais as minhas férias estão totalmente dependentes [v]].

(55) *Estrutura nominal complemento de um operador partitivo:*

a Comprometi-me a ver até Domingo duzentos pontos, [dos quais ainda só vi um terço [v]].

b Estavam presentes na reunião cem professores de português, [dos quais aproximadamente metade [v] tinham sido meus colegas na Faculdade].

(PERES; MÓIA, 1995, p. 282-286)

Em relação às funções sintáticas nos contextos acima apresentados, Peres e Mória (1995) afirmam que a função dos constituintes relativos advém da sua relação com uma posição no interior do domínio frásico da oração relativa e, portanto, não advém do interior de uma estrutura frásica encaixada na relativa, como ocorre a seguir em que o constituinte relativo não é complemento direto da relativa:

(56) O único filme do Visconti [que o Paulo pensa **que não viu** [v]] passa amanhã na Cinemateca.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 287)

O constituinte relativo que contém o “que” foi movido da oração cujo predicador é o verbo *ver*, sendo atribuído a ele a função sintática de complemento direto; por isso, o pronome relativo não é complemento direto da relativa, mas sim de uma frase encaixada na relativa, a estrutura completiva “[que não viu [v]]”. Segundo os autores, esse é o chamado movimento

²⁸ Essa é uma relativa de nome restritiva com antecedente exposto (livro), em que o predicado nominal do constituinte relativo, que é complemento, é “nome” (PERES; MÓIA, 1995, p. 285).

relativo longo. Vale referirmos ainda que podem existir no PE frases em que o movimento não se dá em frases diretamente encaixadas na relativa, como em:

(57) O Paulo não fez [**o que** queria que eu dissesse que ele tinha feito [v]].

(PERES; MÓIA, 1995, p.287)

Tendo o movimento longo surgido a partir das completivas e estando presente em dois tipos de subordinadas, as orações relativas e adverbiais, os autores afirmam que o português parece recusar esses tipos de relativas encaixadas em relativas, como em:

(58) *Já se esgotou o livro [que o professor [que escreveu [v]] foi recentemente homenageado.

(59) *Madrid é uma cidade [onde o Paulo visitou recentemente os amigos [que moram [v]]].

(PERES; MÓIA, 1995, p. 288)

Entretanto, conforme os autores, há uma exceção à possibilidade apresentada acima:

(60) Este é um dos assuntos [que a Ana não tem [*com quem discutir* [v]]].

(61) Este é um dos problemas [que eu já tenho [*quem me ajude a resolver* [v]]].

(PERES; MÓIA, 1995, p. 288)

Esses tipos de estruturas apresentadas em (58) e (59) são bastante complexas e, por isso, há, em algumas dificuldades de julgar a gramaticalidade dessas orações. Nessa perspectiva, Peres e Mória mostram que, em relação ao movimento longo nas orações adverbiais, há variação nos juízos dos falantes, mas, geralmente, não é recusado:

(62) O livro [que o Paulo adormeceu [*porque* [v] *não lhe despertou qualquer interesse*]] foi recomendado pelo professor.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 288)

Outro caso interessante, destacado pelos autores, é o do movimento relativo a partir de orações condicionais:

(63) a. ?O Paulo é uma pessoa [que, [*se* [v] *prepara as coisas com tempo*], elas correm-lhe bem].

b. ??O Paulo é uma pessoa [que as coisas correm-lhe bem, [*se* [v] *as prepara com o tempo*]].

(PERES; MÓIA, 1995, p. 289)

Assim, conforme os autores, o que poderia explicar a estranheza seria as orações condicionais²⁹ serem mais próximas, em alguns aspectos, de orações coordenadas do que subordinadas. Observem—se a agramaticalidade da oração coordenada copulativa (64a), disjuntiva (64b) e adversativa (64c):

(64) a. *O trabalho [que o Paulo foi à praia [e não fez [v]]] tinha de ser entregue hoje.

b.*O trabalho [que o Paulo fica em casa [*ou não acaba* [v]]] tem de ser entregue até amanhã.

c.*O carro [que o Paulo tem algum dinheiro, [*mas não chega para comprar* [v]]] está a ser muito procurado.

(PERES; MÓIA, 1995, p. 289)

De modo geral, Peres e Mória (1995) afirmam que nos textos jornalísticos há maior presença das relativas padrão e até mesmo há a presença da estratégia resumptiva, porém, no uso cotidiano, no falar, em programas televisivos, como jornais e novelas, é que, lentamente, tem-se evidenciado as estratégias inovadoras, sobretudo a estratégia da relativa cortadora.

Dessa maneira, a partir da descrição e análise das construções relativas realizadas por Peres e Mória (1995), destacamos que os contextos apresentados serão fundamentais para considerarmos na metodologia desta investigação com o intuito verificarmos em nossos *corpora* do século XIX e XX se, de fato, cada vez mais, tem havido um relativo aumento das relativas não padrão no PB em comparação ao que tem ocorrido nas relativas presentes nos contextos sintáticos do PE apresentados por Peres e Mória (1995). De igual modo, apresentaremos, a seguir, o estudo de Alexandre (2000) sobre as orações relativas.

29 Vale ressaltar, conforme Peres e Mória (1995), que, em poemas com fins estilísticos, é possível encontrar o movimento relativo em condicionais (PERES; MÓIA, 1995, p. 289-290).

2.1.2. Alexandre (2000)

Alexandre (2000), em sua dissertação intitulada de *A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu*, objetiva, na perspectiva do Minimalismo (CHOMSKY, 1995), discutir a estratégia da relativa de pronome resumptivo, considerada não-padrão e excluída das gramáticas. Entretanto, a autora destaca que os falantes escolarizados e não-escolarizados utilizam com frequência esse tipo de estratégia não-canônica. A linguista obteve o total de 18.500 dados de frases relativas. Entretanto, apenas 68 dados (representam 0,36% de *corpus*) são formados pela estratégia resumptiva e, portanto, foram estes 68 dados utilizados para análise. Dessa maneira, os dados foram retirados do método de introspecção linguística e de falantes do PE e, também, foram retirados do “Corpus de Referência do Português Contemporâneo - oral” (CRPC), corpus este facultado pelo Centro de linguística da Universidade de Lisboa³⁰. Ademais, Alexandre utiliza-se de dados recolhidos a partir de programas televisivos, principalmente de notícias, debates, entrevistas informais e também de dados escritos, estes últimos coletados em uma frequência menos expressiva.

Para a autora, as relativas resumptivas são identificadas, sobretudo, pela presença do pronome resumptivo, sendo ele preposicionado ou não. Essa estratégia pode ser entendida também, tomando por base Safir (1986, p. 684), como tendo um pronome que é co-referente do antecedente da relativa, sendo, portanto, um “resumptivo”: “«X is a resumptive pronoun iff (a) X is a pronoun and (b) X is A'-bound»” (ALEXANDRE, 2000, p. 15).

Ao analisar as ocorrências da estratégia resumptiva na oralidade (65), a autora verificou que é muito mais frequente no discurso oral espontâneo (cf. (65)), do que no escrito, planejado:

(65) a. Acho que são *resultados*_i [CP que os militantes não se envergonham *deles*_i].

b. Acho que são *resultados*_i [CP dos quais os militantes não se envergonham *t*_i].

(ALEXANDRE, 2000, p. 15)

Quanto ao discurso escrito, a autora observou que há falantes que, por terem algum tempo para planejar o que dizer, mostraram alguma hesitação entre o emprego de uma ou de outra estratégia, acabando por produzir construções em que os dois processos de relativização são visíveis (cf. (65)):

30 *Corpus* cedido pela coordenadora do projeto, Professora Doutora Fernanda Bacelar de Nascimento.

(66) a. *João de Barros e Nunes de Leãoi*, [CP os quais podemos considerá-*los*_i
importantes para a linguística],...

b. [CP os quais ... *t*_i ...]

(ALEXANDRE, 2000, p. 15)

Nessa perspectiva, ao buscar descrever as propriedades das orações relativas restritivas que são resultantes da operação de resumptivização, Alexandre (2000) afirma que um dos aspectos básicos das relativas no PE, considerando a variação tipológica, é que essa língua encaixa-se, canonicamente, no grupo das línguas em que o movimento-*wh*³¹ explícito é obrigatório, tendo como exemplo as línguas românicas. Dessa maneira, a formação das orações relativas no PE distingue-se de línguas com movimento-*wh* opcional, como o Hebreu e o Persa, e também daquelas em que esse movimento não existe na sintaxe explícita, como o Basco, o Chinês e o Japonês.

Para Alexandre (2000), em PE, o movimento-*wh* explícito deriva da natureza do operador (Op) dos morfemas(-*wh*) que essa língua utiliza no processo de relativização: “Ao terem de surgir na posição inicial da frase relativa, os morfemas-*wh* movem-se a partir da posição de origem do elemento relativizado, indo poisar em *Spec/CP*” (ALEXANDRE, 2000, p. 17). Além disso, as orações relativas canônicas do PE envolvem *piedpiping* se o elemento deslocado for um DP, como em (67 (a)), ou um PP, como em (67(b)), com um pronome relativo, não havendo em PE *preposition stranding* , ao contrário do Inglês, como em (67 (c) e (d)).

(67) a. O livro [CP [DP cuja capa]_i a criança arrancou *t*_i] era uma raridade.

b. A peça de teatro [CP [PP de que]_i tu estás a falar *t*_i] já acabou.

c. *A peça de teatro [CP que tu estás a falar **de** *t*_i] ...

d. The play [CP which you are talking **about** *t*_i] ...

(ALEXANDRE, 2000, p. 17)

Seguindo Comrie (1981), Alexandre (2000) classifica quatro tipos de relativas encontradas nas línguas do mundo, ordenando-as segundo a função da dificuldade crescente

31 Alexandre (2000) compreende “Tal movimento implica a existência de um vestígio [*t*] deixado na posição de origem do elemento deslocado. Esse vestígio tem sido tratado na literatura relevante como uma variável sintáctica para a Teoria da Ligação, *i.e.*, é uma categoria vazia resultante do movimento-*wh*, sendo A-livre, mas ligada-A’ por um operador em *Spec/CP*” (ALEXANDRE, 2000, p. 43).

de processamento. São elas: relativas em redução, relativas com retenção de pronome, relativas com pronomes relativos e, por fim, relativas com complementadores (COMP).

As relativas sem redução são aquelas em que o antecedente da relativa ocorre no interior da própria oração relativa, como ocorre em línguas como o *Diegueño*:

(68) [Təṇay **wa** :ʔwu :w]-pu -L^y ʔciyawx.

Ontem **casa** 1SG-ver DEF LOC 1SG-cantar

‘Eu cantarei na casa que eu vi ontem.’³²

Já nas relativas com retenção de pronome, o antecedente da relativa surge repetido no interior da oração relativa sob a forma de um pronome, sobretudo, na posição de objeto, como ocorre no Persa:

(69) Man zan-i-ra# [ke Hasan be **u** sibe zamini da#d]

1SG mulher-ACUS COMP Hasan a **3SG-FEM** batata dar mišena#sam.

1SG-conhecer

‘Eu conheço a mulher a quem o Hasan deu a batata.’³³

Nas relativas com pronomes relativos, o elemento que introduz a oração relativa é sempre um pronome relativo que tem marcas de Caso e pode ser precedido ou não de preposição. Segundo Alexandre (2000, p. 18-19), esse pronome relativo se encontra ligado a uma categoria vazia deixada na posição de origem do movimento-*wh*, como podemos observar, nas línguas românicas e no inglês, relativas de Objeto Indireto (OI), em (70), de Oblíquo (OBL), em (71); e de Genitivo (GEN), em (72) e, no Russo, em (73):

(70) a. A rapariga [_{CP} **a quem** dei o livro].

b. La niña [_{CP} **a quien** dé el libro].

c. La jeune femme [_{CP} **à qui** j’ai donné le livre].

d. The girl [_{CP} **to whom** I gave the book].

(71) a. A pessoa [_{CP} **de quem** tu falaste].

b. La persona [_{CP} **de quien** tu has hablado].

32 Adaptado de Comrie (1981 *apud* ALEXANDRE 2000, p. 18).

33 *Idem*.

- c. La personne [_{CP} **avec qui** j'ai parlé].
- d. The person [_{CP} **about which** I talk].

- (72) a. A pessoa [_{CP} **cujo** pai está doente].
- b. La persona [_{CP} **cuyo** padre está enfermo].
 - c. La personne [_{CP} **dont** le père est malade].
 - d. The person [_{CP} **whose** father is sick].

- (73) a. Devuška, [_{SU} **kotoraja** prišla].³⁴
- rapariga que-NOM chegar
'A rapariga que chegou.'
- b. Devuška, [_{OD} **kotoruju** ja videl].
- rapariga que-ACUS eu ver
'A rapariga que eu vi.'
- c. Devuška, [_{OI} **kotoroj** ja dal knigu].
- rapariga que-DAT eu dar livro
'A rapariga a quem eu dei o livro.'

(ALEXANDRE, 2000, p. 18-19)

Quanto às relativas com complementadores (COMP), o elemento que introduz as relativas é um complementador que pode ser morfologicamente realizado ou não e, assim, mantém-se vazia a posição do elemento relativizado. Isso pode ocorrer, sobretudo, nas línguas românicas em posição de Sujeito (SU), Objeto Direto (OD), com o COMP obrigatoriamente realizado e também no Inglês com a realização opcional do COMP nas relativas OD e em Coreano (76) em posições que não são OD, como nos exemplos abaixo:

- (74) a. O homem [_{CP} *(que) comprou um carro].
- b. El hombre [_{CP} *(que) ha comprado un coche].
 - c. L'homme [_{CP} *(qui) a acheté une voiture].
 - d. The man [_{CP} *(that) bought a car].

- (75) a. O carro [_{CP} *(que) o homem comprou].
- b. El coche [_{CP} *(que) el hombre ha comprado].

³⁴ Adaptado de Comrie (1981 *apud* ALEXANDRE 2000, p. 19).

c. La voiture [_{CP} *(que) l'homme a achetée].

d. The car [_{CP} (that) the man bought].

(76) [Hyənsik-i ki kä-lil ttäli-n] maktäki.

Hyensik-NOM o cão-ACUS bater-COMP pau

'O pau com que o Hyensik bateu no cão.'³⁵

(ALEXANDRE, 2000, p. 19)

A partir dos exemplos acima expostos, Alexandre (2000) conclui que as línguas românicas e o inglês recorrem ao dos últimos tipos de relativas para formar canonicamente estruturas relativas, reservando assim aos pronomes relativos marcados para Caso e/ou preposicionado posições sintáticas que são mais encaixadas e, portanto, posições menos encaixadas, como SU e OD, são relegadas a complementadores. Além disso, a autora considera como outra propriedade das relativas canônicas do PE a operação de Regra de predicação que atua nessas relativas, conforme defende Chomsky (1982):

(77) a. *O locali* [CP *ondej* o João esperou pela Maria *tj* durante três horas].

b. *O locali* [CP *ondei* o João esperou pela Maria *tî* durante três horas].

(ALEXANDRE, 2000, p. 21)

Desse modo, a predicação que atua na Forma Lógica (ou *Logical Form* - LF) permite captar a interpretação ligada aos operados em Spec/CP e, assim, a sentença (77 (a)) recebe em LF a interpretação de (77(b)). Nesse sentido, sobre as categorias vazias, Alexandre (2000, p. 20) defende que:

Quanto à categoria vazia que ocorre nas relativas restritivas do PE, ela tem sido tratada como sendo uma variável sintática, *i.e.*, um vestígio em posição-A deixado pelo movimento-*wh*, tendo de ser A-livre, mas ligada-A'. Chomsky (1986b) especifica que a variável, para além de ser ligada pelo seu operador, quando este é vazio ou nulo (como no caso das relativas de SU e de OD), precisa que o seu valor semântico seja determinado pelo antecedente da relativa que liga o Op¹². O autor conclui, assim, que as variáveis estão sujeitas a um tipo de ligação diferente do da comum, já que «a variable must be strongly bound», e propõe uma reformulação do Princípio C da Teoria da Ligação que contempla esta condição sobre as variáveis: «An r-expression must be A-free in the domain of its operator» (ALEXANDRE, 2000, p.21).

35 Adaptado de Comrie (1981 *apud* ALEXANDRE 2000, p. 20).

De mais a mais, a autora assume que o PE disponibiliza seis morfemas-*wh* – *que*, *quem*, *o qual*, *quanto*, *cujo* e *onde* – com traços- ϕ de concordância (número e gênero) e de Caso com realização morfofonológica ou não, conforme descrito no quadro a seguir:

Tabela 1. Distribuição dos morfemas-*wh* pelas várias estratégias de relativização em PE
Distribuição dos morfemas-wh pelas várias estratégias de relativização em PE

Morfemas- <i>wh</i>			Estratégias de Relativização				
Invariáveis	Variáveis	Caso Morfológico	Canônica			Chopping	Resumptiva
			Livres	Restritivas	Apositivas		
<i>Que</i>		-	-	+	+	+	+
<i>Quem</i>		-	+	+	+	-	-
<i>Onde</i>		OBL	+	+	+	-	-
	<i>O Qual</i>	-	-	+	+	-	-
	<i>Cujo</i>	GEN	-	+	+	-	-
	<i>Quanto</i>	-	+	+	+	-	-

Fonte: Alexandre (2000, p. 31)

Alexandre (2000) afirma que, por muito tempo, a literatura tratou o pronome *que* como invariável em relação ao número e ao gênero, podendo referir-se a entidades [-Animadas], [+Animadas, -Humanas] como a [+Humanas], podendo também ser ou não precedido pela preposição. Seguindo a perspectiva de Brito (1991, p. 164), Alexandre (2000, p. 31) corrobora o fato de

quando o *que* não é precedido de P (*i.e.*, nas relativas de SU e de OD), «(...) não é um pronome relativo, é a mesma forma do complementador» (p. 165). Nos casos em que o morfema *que* ocorre precedido de P, Brito trata-o como «(...) um morfema relativo nominal sem traços ϕ de concordância» (*idem*, p. 172), pois os dados mostram que, quer em PE, quer noutras línguas, os complementadores não podem ser antecedidos de preposições. Esta natureza dupla, entre complementador e pronome relativo, exibida por *que* já tinha sido assinalada por Barboza (1830:168), para quem «(...) o que caracteriza mais este Coniunctivo he servir ordinariamente para ligar as proposições incidentes com as principaes, e sempre as integrantes com as totaes.» Há ainda circunstâncias em que o elemento *que* admite ser precedido de um pronome demonstrativo *o* invariável nos seus traços- ϕ , equivalente a *aquilo*, ou variável em gênero e número, correspondente a *aquela(s)* / *aquela(s)*. O primeiro caso, ou seja, quando o demonstrativo é invariável, é atestado nas chamadas relativas apositivas com antecedente frásico, funcionando como um recuperador de toda ou de parte da predicação anterior [...]. Esta sequência *o* + *que* é encontrada também nas relativas livres assinalando uma predicação que não está expressa no enunciado (cf. Brito, 1991a: 204, Mória, 1996: 153, entre outros) [...] (ALEXANDRE, 2000, p. 32).

Para além disso, a linguista ainda assume que, em relação aos casos problemáticos de *quando* e *como* serem ou não morfemas-*wh*, o *quando* e *como* não são morfemas-*wh*, pois

introduzem frases que exibem um comportamento distinto do das relativas, conforme o quadro abaixo:

Tabela 2. Comportamento dos morfemas-*wh* versus *quando* e *como*, relativamente a algumas propriedades

Comportamento dos morfemas-*wh* versus *quando* e *como*, relativamente a algumas propriedades sintático-semânticas

PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS	MORFEMAS- <i>WH</i>	<i>QUANDO</i> OU <i>COMO</i>
Ocorrência em orações participiais	-	+
Elipse	-	+
Mobilidade	-	+
Estratégia Resumptiva	+	-
Ocorrência em predicados secundários	-	+

Fonte: Alexandre (2000, p. 37)

No quadro acima, são apresentadas assimetrias entre as orações introduzidas por morfemas-*wh* e as iniciadas por *quando* ou *como*. Morfemas -*wh*, por exemplo, não podem ocorrer em uma oração participial, diferentemente de orações encabeçadas por *quando* ou *como* (cf. (78) e (79)):

(78) a. [CP Quando entrevistados], os políticos respondem de forma evasiva.

b. *Os políticos [CP que entrevistados] respondem de forma evasiva.

(79) a. [CP Como referido], o João recusou a proposta do director.

b. *O modo [CP que referido] indignou o director do João.

(ALEXANDRE, 2000, p. 38)

Orações encabeçadas por *quando* e *como*, por sua vez, não permitem a elipse de VP quando funcionam como segundo elemento de uma oração coordenada (80(a)) por oposição às estruturas com *quando* e *como*³⁶ exemplificadas em (80 (b) e (c)):

(80) a. O João arranhou o carro que o patrão lhe disse *(que arranjasse).

b. O João comprou [um carro]i [CP quando os amigos compraram [e]i].

36 Ademais, Alexandre (2000) afirma que uma outra propriedade de *quando* e *como* seria a rigidez que os diferenciam da presente mobilidade que há no pronome *que* em construções relativas iniciadas por eles.

c. A Joana arranhou o forno [CP como o Pedro lhe disse (que arranjasse)].

(ALEXANDRE, 2000, p. 38)

Dessa maneira, a partir de várias propriedades apresentadas, a estratégia resumptiva (cf. (71 (b))) opera como alternativa à estratégia canônica (cf. (71(a))), realizando morfofonologicamente a categoria relativizada no interior do CP relativo e recuperando o conteúdo semântico do seu antecedente:

(81) a. Há lá [muitos aparelhos]_i [CP [com os quais]_i ninguém sabe trabalhar [t]_i].

b. Há lá [muitos aparelhos]_i [CP que ninguém sabe trabalhar [com eles]_i].

(ALEXANDRE, 2000, p. 40)

Em seu estudo, a autora analisa os dados do seu *corpus*, tomando por base todas as posições sintáticas permitidas pelo PE, como é mostrado no quadro abaixo:

Tabela 3. Distribuição dos morfemas-wh pela escala de posições sintáticas nas várias estratégias de relativização em PE

Distribuição dos morfemas-wh pela escala de posições sintáticas nas várias estratégias de relativização em PE

Posições sintáticas	Estratégias de Relativização			Chopping	Resumptiva
	Canônica	Canônica	Apositivas ³³		
	Livres	Restritivas	Apositivas ³³		
SU	Quem Quanto	Que Quanto	Que O qual	-	Que
OD	Quem Quanto	Que Quanto <i>P_a + quem</i> ³⁹	Que O qual	-	Que
OI	<i>P_a + quem</i>	<i>P_a + que quem o qual quanto cujo</i>	<i>P_a + que quem o qual Cujos</i>	Que	Que
OBL	<i>P_{de} + onde quem P_a + onde Onde</i>	<i>P + que quem o qual P_{a/de} + onde Onde</i>	<i>P + quem o qual Onde</i>	Que	Que
GEN	-	<i>P_{de} + que quem o qual cujo Cujos</i>	<i>P_{de} + que quem o qual cujo Cujos</i>	Que	Que

Fonte: Alexandre (2000, p. 42)

Diante das posições sintáticas elencadas, Alexandre (2000, p. 42) apresenta algumas evidências encontradas no *corpus*:

(82) a. *O homemi* [CP [SU que] *ti* acabou de entrar] é inglês.

b. *Os filmes* [CP [OD que] o João mais gosta de ver *ti*] são sobre a segunda Guerra Mundial.

- c. *A pessoa* [CP [OI a quem] eu emprestei o meu carro *t_i*] foi presa.
 d. *O escritor* [CP [OBL de quem] a Maria mais gosta *t_i*] ganhou o prêmio Pessoa.
 e. *O livro* [CP [GEN de cujo título *t_i*] não me recordo] tem de ser catalogado.
 f. *A Maria*, [CP [GEN o filho da qual *t_i*] gostava de ser astronauta], é uma pessoa muito alegre.

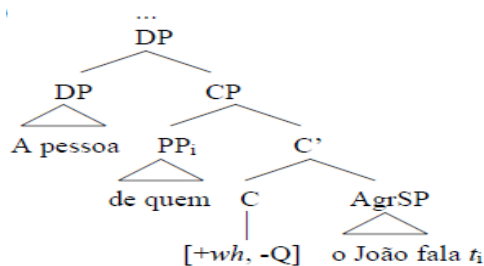
Dessa maneira, a autora constata que as relativas do PE são caracterizadas pela presença de *piedpiping* obrigatório quando Dps e PPs são relativizados e, assim sendo, não é autorizado no PE o abandono de preposição (*preposition stranding*) (cf. (83)), como ocorre no inglês:

- (83) a. O livro [CP [PP *de que*]_i eu falei [PP *t*]_i] está esgotado.
 b.*O livro [CP [DP *que*]_i eu falei [PP *de t*]_i] está esgotado.
 c. The book [CP *about which* I talked *t*] is out of print.
 d. The book [CP *which* I talked *about*] is out of print.

(ALEXANDRE, 2000, p. 43)

Por conseguinte, para uma análise da estrutura que o CP relativo se insere, Alexandre (2000), a partir do Programa Minimalista, propõe que a relativa está adjunta à direita ao DP:

Figura 4. Análise da estrutura de CP relativo



Fonte: Alexandre (2000, p. 45)

Alexandre (2000, p. 45) considera que “o COMP [+wh, -Q] desencadeia o movimento do PP *de quem* para verificação dos seus traços por Concordância Especificador-Núcleo. Assim, é o elemento que está em *Spec/CP* que, por *Matching*, estabelece uma relação de Especificador-Núcleo com COMP.”

Tecendo uma breve discussão sobre a estratégia cortadora (ou de PP-*chopping*) no PE, ao lado da estratégia resumptiva que é o centro de sua análise, Alexandre (2000) verifica que essa estratégia de relativização é mais recente que a resumptiva, aparecendo em documentos da segunda metade do século XX e manifestando-se, na sincronia actual do PE, essencialmente na língua falada, mas já podendo ser encontrada em muitos dados escritos. Essa estratégia opera exclusivamente sobre DPs precedidos de preposições, cujas funções sintáticas são de OI, OBL e GEN, sendo esta última pouco produtiva no PE. Vejam-se os exemplos:

(84) a. ...saber informações mas tive pouca sorte porque um dos moços [OI [P \emptyset] que eu escrevi], a carta não lhe chegou à mão.

[CP [PP [P a] quem] ... *ti* ...]

b. ...doze mil processos e só duzentos é que atingem realmente um nível [OI [P \emptyset] que podemos chamar humano e de serviço social].

[CP [PP [P a] que] ... *ti* ...]

(ALEXANDRE, 2000, p. 56)

Quanto ao elemento que introduz as construções relativas cortadoras (o *que*), Alexandre (2000) adota a posição de estudiosos como Tarallo (1985), Faria & Duarte (1989) e Brito (1995), ao assumir o *que* como complementador igual ao que ocorre nas orações subordinadas. Assim, um dos traços formais abstratos do complementador seria especificado como [-*wh*], não desencadeando o movimento explícito de um constituinte para *Spec/CP*. A autora assume, portanto, que não há motivação para o movimento-*wh*, que caracteriza as relativas canônicas, operar semelhantemente à estratégia resumptiva. Assim sendo,

A selecção do complementador *que* é, então, uma forma de simplificar o processo de relativização, nomeadamente, evitando o *piedpiping* de elementos sintacticamente mais pesados – PPs – (cf. Duarte, 1996) e apagando, na componente fonológica, o constituinte relativizado que se encontra na posição de origem (ALEXANDRE, 2000, p. 57).

Ademais, a autora salienta que, das estratégias marginais, a de PP-*chopping* foi a mais produtiva na sincronia actual do PE, obtendo mais de 1% dos resultados totais, por ser menos marcada, visto que mantém nula a posição de origem do constituinte relativizado e apaga apenas as preposições marcadoras de Caso.

Em linhas gerais, ao analisar a estratégia resumptiva cujo pronome resumptivo tem a função de recuperar o conteúdo semântico do seu antecedente, redobrando-o, Alexandre observa, no *corpus* de sua pesquisa, que essa estratégia foi a menos produtiva de todas e a mais marcada por dobrar morfofonologicamente, no interior da oração relativa, o seu antecedente. Essa estratégia é considerada o último recurso que os falantes portugueses têm para formar relativas em contextos de ilha, indo na direção do que verifica Tarallo (1985): “(...) o uso de pronomes resumptivos é condicionado pelos chamados factores de processamento sintáctico, *i.e.*, o seu emprego é considerado um último recurso para a ligação entre o NP antecedente e uma posição no interior de uma ilha [...]” (TARALLO, 1985, p. 363).

Ao contrário do que se observa na estratégia canônica e na cortadora, o elemento relativizado correferente do antecedente realiza-se, na resumptiva, através de uma categoria pronominal (cf. (85) até (89)) ou adverbial (cf. (88 (b)) no interior da oração relativa:

(85) A opinião pública teve acesso a um conjunto de *informaçõesi* [[*su que*], numa situação normal, *elas_i* não seriam conhecidas].

[CP *quei* ... *t_i* ...]

(86) Eles são *dois jogadoresi* [[OD *que*] eu *osi* vejo partir com tristeza].

[CP *quei* ... *t_i* ...]

(87) Olha *o tipoi* [[OI *que*] eu *lhei* emprestei o meu carro].

[CP *a quem_i* ... *t_i* ...]

(88) a. Isso era afinal o que havia no tempo daquele *senhori* [[OBL *que*] dizem tanto mal *dele_i*].

b. Sei de *um caminhoi* [[OBL *que*] o pai passou *por lá_i* da outra vez].

(89) Há *técnicos muito bonsi* [[GEN *que*] as pessoas não sabem o nome *deles_i*].

(ALEXANDRE, 2000, p. 58)

A partir dos exemplos acima, o *que*, como elemento invariável, introduz a construção relativa, sendo o morfema que funciona como subordinador, segundo Alexandre (2000), e não como um pronome relativo. Para tanto,

seguindo Chomsky (1995:6) [...], a variação na formação de construções relativas em PE se reduz a uma escolha de diferentes valores de parâmetros, os quais estão limitados aos traços formais das categorias funcionais, e que, de acordo com Shlonsky (1992), a estratégia resumptiva somente está disponível em PE quando estão reunidas várias condições, sendo assim uma estratégia condicionada pelo *Last Resort* [...] com o objectivo de tornar a derivação convergente. Deste modo, o problema que se coloca prende-se, essencialmente, com a identificação dos valores de certos traços formais das categorias funcionais envolvidas na derivação de estruturas relativas. A escolha, por parte dos falantes, de um ou outro valor desses traços formais tem implicações empíricas relevantes, nomeadamente, na disponibilização de uma estratégia relativa alternativa à canónica – a estratégia resumptiva. Interessa saber, então, qual a motivação teórica que condiciona tal variação, *i.e.*, que traço formal é que provoca, em PE, a inibição da estratégia canónica de relativização, desencadeando a estratégia resumptiva (ALEXANDRE, 2000, p. 62).

Nesse sentido, vale referirmos que há dois aspectos sintáticos que inibem a estratégia canónica de relativização, resultando na estratégia resumptiva, segundo propõe Alexandre (2000). O primeiro diz respeito à inexistência, nos dados analisados, de relativas livres com resumptivos, o que corrobora a hipótese de que o *que* é um COMP, desencadeando, por isso, a estratégia resumptiva e evitando o *piedpiping*. Quanto ao segundo aspecto, refere-se ao fato de a distância entre a posição de extração do elemento relativizado e o seu antecedente não poder ser considerada um fator decisivo para a ocorrência da estratégia resumptiva, diferentemente do que Tarallo (1985) e Peres & Mória (1995) propõem, pois

posições menos encaixadas na hierarquia sintáctica (ex., SU e OD) também são o alvo da estratégia em causa, sendo aí a distância muito reduzida ou quase nula (no caso do SU). Este factor de distância apenas contribui para uma melhoria dos juízos de gramaticalidade, mas não condiciona a aplicação da estratégia resumptiva, pois essa deve ser motivada pela escolha do COMP, em detrimento do pronome relativo, o que anula a possibilidade de um constituinte ser movido para uma posição de operador relativo (ALEXANDRE, 2000, p. 59).

A partir dos resultados que mostram a relativização das posições de SU e de OD, exibindo aspectos diferentes dos resultados das outras relativas, não ocorrendo na estratégia cortadora e sendo mais marcados na resumptiva, Alexandre (2000) atesta que os dois processos de relativizações alternativas ao canónico são, em PE, uma forma de evitar o *piedpiping*. Além disso, a existência de movimento-*wh* obrigatório na relativização padrão, ao contrário do que se verifica nas estratégias cortadora e resumptiva, é consequência de a relativa ser introduzida por um pronome relativo, ao contrário destas últimas em que é introduzida por um complementador.

Portanto, ao destacarmos alguns dos principais resultados de Alexandre (2000), objetivamos, perceber, nos dados do PB, sob um ponto de vista diacrônico, o comportamento das relativas SU e OD envolvidos na produção de diferentes estratégias de relativização.

2.1.3. No português brasileiro: Tarallo (1983, 1985)

Ao adentrarmos nos clássicos estudos diacrônicos de Tarallo (1983, 1985), que unem a Teoria Gerativa à metodologia da Sociolinguística Quantitativa, verificamos que, até fins do século XIX, o PB contava com apenas duas estratégias de relativização: a estratégia do pronome relativo (relativa padrão (*pied pipping*³⁷)) (90 (a)) e a relativa copiadora ((90 (b)), sendo a relativa cortadora (80 (c)) verificada na metade do século XIX para a virada do século XX:

- (90) a. A moça **com quem** falei ontem está aqui.
 b. A moça **que** eu falei ontem com ela está aqui.
 c. A moça **que** eu falei ontem está aqui.

(TARALLO, 1995, p. 365)

No que diz respeito à última estratégia, Tarallo reafirma a hipótese de Kato (1981)³⁸ de que estaria ligada ao uso que o falante faz da elipse em outros contextos anafóricos, como a coordenação. Seria, então, um fenômeno mais amplo de opção por elipse no lugar de substituição por uma proforma, como em:

- (91) a. João convidou uma vizinha e Maria desconvidou (ela).
 b. A vizinha **que** Maria desconvidou (ela)...

37 O termo foi trazido nos estudos de John Robert Ross (1967) e já tinha sido cunhado por Lobato (1986) como o “efeito do flautista Hameling” em homenagem a uma referência ao flautista de Hamelin, a figura de contos de fadas que atraiu os ratos tocando sua flauta. Nesse sentido, o *piedpiping* é o movimento de um PP com a preposição núcleo característica das relativas padrão, como mostra a estratégia I ou como em “O homem com quem_i me casei t_i”. Segundo Kenedy (2007), trata-se de uma operação complexa e antinatural para as línguas que têm estratégias de esquiva, como a *preposition stranding*, a estratégia cortadora e o uso de pronomes resumptivos.

38 Segundo Kato (1981, 1993), em caso de correferencialidade nas relativas, haveria uma maior frequência da cortadora, isto é, para Kato (1993), o PB teria o fenômeno de um pro-PP, que representaria o PP nulo para posição de objeto.

Tarallo (1985), ao analisar a frequência de uso no PB das relativas não-padrão (copiadora e cortadora) em relação à relativa padrão, chegou à conclusão de que, ao longo do tempo, a produção da relativa padrão com *piedpiping* foi decaindo ao passo que a produção de relativas cortadoras foi crescendo, conforme apresentado no quadro a seguir:

Tabela 4. Frequência de uso das 3 estratégias de relativização ao longo do tempo

	I	II	III	IV
PDP	99 (89,2%)	89 (88,1%)	73 (91,3%)	63 (35,4%)
RP	11 (9,9%)	8 (7,9%)	1 (1,3%)	9 (5,1%)
PP	1 (0,9%)	4 (4,0%)	6 (7,5%)	106 (59,5%)
PDP= <i> piedpiping </i> , RP= <i> resumptive pronoun </i> , PP= <i> p-chopping </i> I= cerca 1725; II= cerca 1770; III= cerca 1825; IV= cerca 1880				

Fonte: Tarallo (1985, p. 371)

Diante dos resultados quantitativos obtidos, Tarallo (1985) afirma que, em relação à existência da estratégia resumptiva, não há diferença entre as línguas, isto é, apenas há a variação no nível de sua produtividade e quantidade. Além disso, essa seria a forma perceptualmente mais acessível e usada. Em línguas, como inglês, seria usada como último recurso. No que diz respeito à cortadora, estaria ligada ao uso de elipse em contextos de anáfora, como foi mostrado em (92 (a) e (b)).

Para Tarallo (1983, 1985), a presença cada vez maior de relativas cortadoras tem relação com o fenômeno da mudança da perda da retenção pronominal em algumas funções sintáticas, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 5. Retenção pronominal de acordo com a função sintática e o tempo

	I	II	III	IV
S	28/120	41/154	25/152	57/174
%	(23,3%)	(26,6%)	(16,4%)	(32,7%)
DO	83/93	51/53	36/43	59/98
%	(89,2%)	(92,2%)	(83,7%)	(60,2%)
IDO	49/49	41/41	48/49	49/62
%	(100%)	(100%)	(97,9%)	(79,9%)
OB	18/20	25/25	4/4	24/43
%	(90,0%)	(100%)	(100%)	(55,8%)
G	17/18	27/28	43/51	35/43

%	(94,4%)	(96,4%)	(84,3%)	(81,4%)
S=Subject; DO= Direct object; IDO= Indirect Object; OB= Oblique; G= Genitive				

Fonte: Tarallo (1985, p. 368)

O quadro acima refere-se ao quantitativo da retenção de pronomes de acordo com a função sintática (Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto, Oblíquo, Genitivo) no decorrer do tempo e nos mostra que, da fase III para a fase IV, o sujeito pronominal teve um aumento e, conseqüentemente, teve sua retenção nessa posição sintática. Em contrapartida, houve um decréscimo na retenção pronominal nas posições de complemento verbal e uma conseqüente aumento de categorias vazias nessas posições, acarretando, ao longo dos tempos um aumento na produtividade de relativas cortadoras.

Analisando as três estratégias de relativização no PB ao longo do tempo, sob o enfoque da teoria gerativa (CHOMSKY, 1977), Tarallo (1983, 1985) considera o constituinte “quem” em (92) um pronome relativo (+*Wh*) que realiza o movimento *WH/QU*, sendo o CP da oração relativa adjungido ao DP da oração matriz. Já o constituinte “que” das estratégias resumptiva (93) e cortadora (94) é considerado complementizador relativo, idêntico ao que temos nas subordinadas integrantes (-*Wh*), com a posição relativizada sendo ocupada por um pronome lexical ou nulo:

(92) E um deles foi esse fulano_i aí, com quem_i eu nunca tive aula.

(93) E um deles foi esse fulano_i aí, que eu nunca tive aula com ele_i.

(94) E um deles foi esse fulano_i aí, que eu nunca tive aula e_i.

(TARALLO, 1983, p. 368)

Nesse sentido, a relativa cortadora é considerada, pelo autor, uma conseqüência da elipse na relativa resumptiva (ou copiadora), e esta é licenciada pela possibilidade de objetos nulos no PB. Assim, a partir das evidências de movimento atestados pela presença de lacuna e o efeito de ilha em relativas padrão, Tarallo (1983, 1985) propõe que há movimento (+*Wh*) nas relativas padrão. Do contrário, nas relativas não-padrão, não há lacuna e nem o efeito ilha no PB, portanto, por não possuírem o traço +*Wh*, são derivadas sem movimento.

A partir das evidências empíricas, não houve no PB uma mudança nas construções relativas em razão da reanálise do pronome relativo como complementizador, mas sim o aparecimento da relativa cortadora oriunda, segundo Tarallo, de um processo de elipse, operada na resumptiva, estando ainda as duas formas em variação sincrônica. Diante disso,

observaremos como essas construções comportam-se nos manuscritos e impressos pernambucanos dos séculos XIX e XX, tendo por hipótese de que a reanálise tenha a ver com o aumento do uso de pronome resumptivo e da cortadora provavelmente devido o uso produtivo em LD e, portanto, seria essa posição a geradora das relativas não-padrão, sobretudo por o PB ser uma língua de proeminência para o tópico, conforme defende Pontes (1987).

2.1.4. Kato (1993)

Em relação aos estudos de Tarallo (1983, 1985), Kato (1993) ergue dois questionamentos. O primeiro refere-se ao fato de Tarallo (1983, 1985) afirmar que a inovação está na estratégia III (relativa cortadora) que é derivada por uma regra de elipse. Essa questão diz respeito à teoria gramatical: como regras de elipse podem parametrizar as línguas, já que se situam entre a Estrutura-S e a Forma Fonética (FF)?

A segunda questão está relacionada à proposta da derivação da relativa cortadora. Segundo Kato (1993), tem-se o seguinte problema: regras de elipse são estabelecidas, geralmente, por paralelismo sintático e identidade fonética parcial ou total com o antecedente, conforme aborda Willams³⁹(1977). Veja-se este exemplo:

(95) A moça **que** eu falei ontem com ela está aqui.

(KATO, 2018 [1993] , p. 179)

O sintagma preposicionado *com ela*, nesse caso, não teria outro antecedente a não ser a própria “cabeça” da relativa (*A moça*), que não é um constituinte de mesma natureza do PP, mas sim refere-se a um DP. Portanto, divergindo de Tarallo, Kato (1993) rever a análise da categoria de complementizador proposta por ele para as duas estratégias não-padrão, pois, para ela, o *que* é um pronome relativo extraído de uma posição não canônica. Nesse sentido, o processo envolvido nas três estratégias é, para a autora, o mesmo, havendo sempre a ligação do operador relativo-Q a uma posição vazia *v* - variável⁴⁰ – na sentença.

39 Artigo “Discourse and Logical Form” (pp. 101-139), publicado pela *Inquiry*.

40 Assim, conforme Kato (1993, p. 178), a diferença entre a estratégia resumptiva e a cortadora de um lado e a do pronome relativo, de outro, tem a ver com a posição variável e não com a natureza categorial do complementizador, sendo as mesmas posições universalmente disponíveis.

Argumentando que o “que” é um pronome relativo presente nas três estratégias de relativização, que tem a mesma estrutura descrita por Tarallo em relação à adjunção de um CP da oração relativa ao DP de uma oração matriz, Kato (1993) apresenta, através de dados do Romance antigo, por exemplo, que o pronome relativo da relativa resumptiva era marcado morfologicamente para Caso e isso o diferencia de um complementizador relativo.

Nesse sentido, nas sentenças abaixo, o uso de “quem” e “el” simultaneamente na mesma oração demonstra que o pronome relativo pode aparecer com um pronome resumptivo:

(96) “Homem QUEM ego beneficium EL feci” (Formulae Merovingici et Karolini aevi apud Cohen, 1986: 130).

(97) “De Grimaldo, QUEM EL sustulit sua uxore” (Formulae Senonenses apud Cohen, 1986: 131).

(KATO, 2018[1993], p.183)

Considerando a proposta de Cohen (1986), que diz defende em sua análise diacrônica a hipótese de o *que* ser um pronome relativo, Kato (1993) afirma que a presença de “EL” em (86) e (87) mostra que a estratégia de relativização usada é a do pronome resumptivo. Assim, isso significa dizer que a ocorrência simultânea do pronome relativo com o resumptivo aparece em lugar de uma variável nula.

Ademais, a pesquisadora destaca que, embora a estratégia resumptiva possa ser uma preferência em línguas com morfologia fraca – como vem se tornando o PB –, ela também ocorre, como um recurso menor, em línguas que tenham morfologia forte, como é o caso do espanhol:

(98) a. Las flores QUE SUS mayores favores son quemados.

b. Um valle QUE toda cosa EN EL me daba gloria (Diez, 1872: 380 apud Cohen, 1986).

(KATO, 2018[1993], p.184)

No inglês, por exemplo, apenas se perdeu o acusativo “whom”, mantendo-se “whose” e as formas acusativa e genitiva do pronome pessoal (“he, him, his”). Ao que parece, também há um uso restrito igualmente ao espanhol, em que se correlaciona com um

complementizador nulo ou “that” (KROCH; HINDLE, 1982). Entretanto, Kato (1993) verifica que ainda é possível o uso do pronome relativo “who” no seguinte caso apresentado:

(99) The man WHO/THAT John doesn't see the possibility of Mary inviting *him* to the party.

(KATO, 2018[1993], p.184)

Kato (1993) ainda defende que a Gramática Universal (GU) permite que o operador relativo-Q esteja ligado a elementos que estão no IP e também a elementos que estão fora do IP – em Deslocamento à Esquerda (do inglês, *Left Dislocation*, doravante LD)⁴¹. Assim, a variável presa ao pronome relativo seria LD gerada na base. Essa LD é caracterizada por um pronome correferente no interior do IP:

(100) a. Eu falei com essa moça ontem.

b. [_{LD}Essa moça_i], [_{IP} eu falei com ela_i ontem].

(KATO, 2018[1993], p.185)

Considerando os exemplos acima destacados de que a relativização se dá em LD e não na posição de objeto, de sujeito ou adjunto – conforme Tarallo (1983, 1985) –, fica explicado porque temos pronomes dentro das relativas:

Analisando as estruturas em (101), Kato (1993) mostra que a diferença entre elas é que a primeira refere-se à relativa padrão (91 (a)), ao passo que a segunda, à inovação do PB representada pela relativa cortadora (101(b)) como resultado da resumptiva:

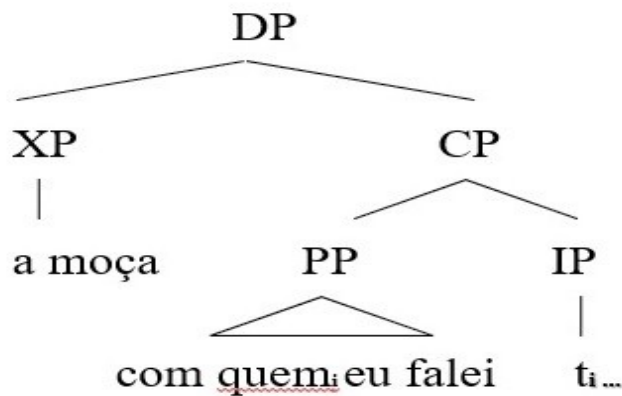
(101) a. A moça [_{CP} com quem_i [_{IP} eu falei [_{PP} t_i] ontem].

b. A moça [_{CP} que_i [[_{LD} t_i [eu falei Ø/com ela_i] ontem].

Na relativa cortadora há o apagamento da expressão-R na oração subordinada representado pelo símbolo Ø. Assim, a inovação na gramática do PB corresponde à possibilidade de ligação de um operador relativo Q em C, adjungido ao IP. Dessa maneira, essa ligação não canônica, que ocorreria tanto na resumptiva como na cortadora (como em (91 (b))), pode estar relacionada à posição em LD, isto é, ao tópico discursivo, já que nessa posição o Caso pode ser atribuído por uma expressão nula, conforme representado abaixo:

41 A autora considera LD o que comumente é chamado de tópico para o PB (RAPOSO, 1986; PONTES, 1987).

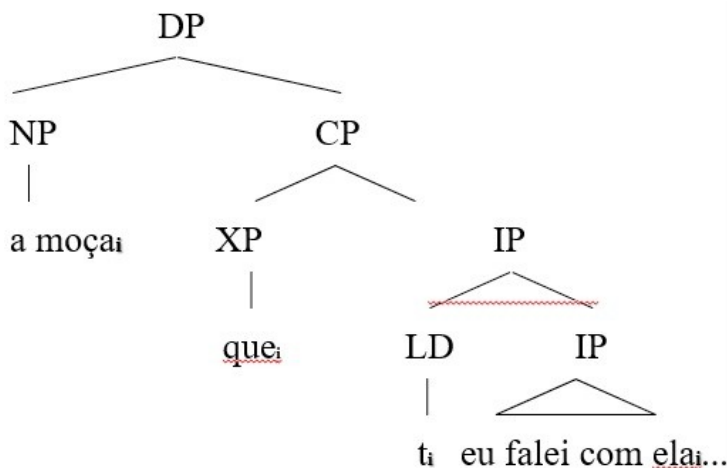
Figura 6. Relativização a partir de IP



Fonte: Kato (2018[1995], p. 179)

Por conseguinte, observemos a figura abaixo:

Figura 7. Relativização a partir de LD



Fonte: Kato (2018 [1993], p. 179)

Kato (1993) destaca que em (102 (a)) a relativização opera de maneira direta sobre o objeto do verbo, já, em (102 (b)), o NP (no caso, DP) é relativizado na posição de LD e é correferente do pronome pessoal “ela” dentro do IP. Segundo a autora, isso explicaria porque os resumptivos são interpretados como variáveis. Nesse sentido, chega à conclusão de que a ausência do efeito de ilha observada nas relativas com pronome resumptivo não se deve à falta de movimento – como acreditava Tarallo (1983, 1985) – mas ao fato de uma variável em LD poder manter uma relação de correferência com pronomes mais distantes que, ao contrário da ligação, não se submete à subjacência. Paralelamente a isso, a posição relativizada em LD,

conforme a figura 2, permite sempre que se estabeleça uma ligação local com a cabeça da relativa e isso contribui para o princípio da Derivação Econômica, de Chomsky (1989) no sentido de que haja um menor custo derivacional do que a derivação da relativa padrão. Vejam-se os exemplos:

(102) a. *[A moça_i [_{CP} com quem_i [_{IP} eu penso [_{CP} que o moço [_{CP} que falou t_i] esteve ontem aqui]...]

b. A moça_i [_{CP} que_i [_{LD} t_i [eu penso[_{CP} que o moço [_{CP} que falou com ela_i]] esteve ontem aqui]...]

(103) *NP [_{CP} com quem_i [_{IP}...[_{CP}...[_{CP}...t_i...]]]]

(104) NP [_{CP} que_i [_{LD} t_i [_{IP}...[_{CP}...[_{CP}...ela_i...]]]]

(KATO, 2018[1995], p.180)

Diante do exposto, Kato (1993) conclui que a posição LD, por ser gerada na base e por haver a possibilidade de ser coindexada a qualquer posição anterior da sentença, ainda que seja dentro de posições que sejam ilhas sintáticas, seria a posição que amplia as possibilidades de relativização dentro do PB e, portanto, exigiria menos custo derivacional. Nesse viés, o enfraquecimento do Caso morfológico do latim pode ser consequência de um uso mais produtivo dessa posição e, portanto, possivelmente tenha relação com o uso cada vez maior de estratégias de relativização através da posição LD, já que “com uma única forma, muitas posições poderiam ser “relativizadas”, pois a relativização se dá indiretamente através da posição LD” (KATO, 1993 [2018], p. 180). Por conseguinte, igualmente a Tarallo, Kato (1993) afirma que a estratégia da relativa cortadora resulta de uma regra de elipse – embora seja um processo da FF e não da sintaxe (CHOMSKY; LASNIK, 1977), tendo como *input* descrições estruturais em nível de estrutura-S, responsável pela parametrização.

2.1.5. Kenedy (2002, 2007)

Em oposição teórica aos estudos de Tarallo (1983, 1985) e Kato (1993), Kenedy (2002), na sua dissertação de mestrado intitulada de “Aspectos estruturais da relativização em Português - uma análise baseada no modelo *Raising*”, propõe-se a contribuir com o desenvolvimento do modelo *raising* - desenvolvido por Schachter (1973), Vergnaud (1974) e

Brame (1976) e reformulado por Kayne (1994) - para, assim, realizar a descrição das cláusulas relativas restritivas a partir das diferentes estratégias de relativização existentes no PB. Dessa maneira, Kenedy (2002) objetiva apresentar uma nova descrição para as relativas do PB, defendendo que as relativas do PB são derivadas por meio do alçamento do sintagma alvo e, portanto, o linguista acredita que, na derivação, esse sintagma alvo sofre *Move*⁴² de sua posição de base, no domínio da relativa, para o início da cláusula (spec-CP).

Kenedy (2002) mostra que o modelo teórico *raising* (KAYNE, 1994) difere do tradicional modelo *Wh-movement* (CHOMSKY, 1977), seguido por Tarallo (1983, 1985) e Kato (1993), justamente ao que diz respeito à aplicação da regra de movimento na derivação das relativas no PB, pois, para Tarallo (1983, 1985), seguindo tal modelo, não haveria a aplicação de regra de movimento para as estratégias de relativização do PB que se comportariam diferente da relativa padrão (com *piedpiping*), esta que possui a preposição ligada ao pronome relativo é, então, a estratégia que possui movimento.

Seguindo um caminho teórico diferente, Kenedy (2002) busca propor uma descrição da estrutura das relativas do PB que englobe todas as variantes e que sejam compatíveis ao modelo teórico *raising*.

No modelo tradicional de análise das relativas - o *Wh-movement*-, desenvolvido por Chomsky (1977), postulou-se que a relativização era caracterizada pela adjunção de um CP à direita de um NP, derivado via *Wh-movement* e com o pronome relativo sendo argumental, igualmente às construções interrogativas, como exemplificado a seguir:

(105) O modelo *wh-movement*

[_{NP} [_{NP} ALVO]_i [_{CP} wh_i [_{IP} ...t_i...]]]

(KENEDY, 2002, p. 12)

Por outro lado, tem-se o modelo *raising*, existente desde a década de 70, mas que voltou a ser adotado apenas em meados da década de 90, a partir das investigações de Kayne (1994) sobre a hierarquia dos constituintes sintáticos. Nesse sentido, a partir da postulação do

42 Segundo Kenedy (2002, p. 61), as cláusulas relativas em que se manifestam pronome relativo, conforme o modelo *raising*, apresentam pelo menos duas operações *Move*, isto é, dois alçamentos. O primeiro, refere-se ao deslocamento de DP/PP alvo para spec-CP e serve para checar o traço forte [+predicacional], como em: [_{DP} the [_{CP} [_{DP} [_D who man]]_i [_{IP} Bill invited [t_i]]]. Já o segundo alçamento, refere-se ao movimento do NP domindado por DP para spec-DP/PP, a fim de licenciar o DP externo à cláusula, como em: [_{DP} the [_{CP} [_{DP} [man]_{ij} [_D who t_j]]_i [_{IP} Bill invited [t_i]]].

Axioma de Correspondência Linear (LCA), em que o c-comando assimétrico é o responsável pela ordem linear dos elementos terminais e, portanto, é o LCA que licencia a ordenação na sentença, tudo que não for ordenado via LCA, é excluído pela GU. Nesta formulação teórica, é postulado que nenhuma unidade sintática pode adjungir-se à direita de um constituinte nuclear ou de sintagmas, pois esta posição à direita é destinada apenas a complementos. Dessa maneira, Kenedy (2002) salienta que houve uma necessidade de reanálise de diversos fenômenos sintáticos que envolviam adjunção à direita, como coordenação, múltipla adjunção e complementação e a relativização, que fosse compatível ao modelo teórico LCA. Por isso, em relação à explicação sobre o fenômeno da relativização, foi necessário se voltar para o modelo *raising*, que vinha sendo desenvolvido desde a década de 70. Como já mencionado, no modelo teórico *raising*, o alvo da relativização é interpretado como constituinte da relativa que, devido ao alçamento, ocupa a posição inicial da cláusula relativa, como representado por Kenedy (2002, p. 13):

(106) O modelo *raising*

$$[\text{DP D } [\text{CP ALVO}_i [\text{IP...ti...}]]]$$

|

(KENEDY, 2002, p. 13)

Kenedy (2002) utiliza-se desse modelo para descrever e explicar que as distintas estratégias de relativização existentes no PB são derivadas via alçamento do sintagma alvo. Dessa forma, o linguista afirma que o fenômeno da relativização pode ocorrer sobre dois tipos de sintagma: o DP⁴³ e o PP⁴⁴. Assim, quando o alvo da relativização é um DP, em PB, há dois tipos de estratégia:

(107) Estratégia da relativa padrão DP:

$$[\text{o homem}_i \text{ que eu vi } \emptyset_i]$$

(108) Estratégia da relativa resumptiva DP:

$$[\text{o homem}_i \text{ que eu vi ele}_i]$$

43 Refere-se ao *Determiner Phrase* - que significa, em português, Sintagma Determinante.

44 Refere-se ao *Prepositional Phrase* - que significa, em português, Sintagma Preposicionado.

A estratégia da relativa padrão DP, no exemplo (107), é caracterizada por uma posição vazia - não há manifestação fonética do elemento linguístico - no domínio da cláusula relativa, esta posição vazia é interpretada como variável correferente ao DP relativizado. Além disso, tem-se a estratégia da relativa resumptiva DP, representada no exemplo (98), caracterizada pela presença, no interior da cláusula, de um pronome pessoal com traços de gênero, número e pessoa correferentes aos traços do DP relativizado, chamado também de pronome lembrete e estratégia copiadora.

Kenedy (2002) também descreve as estratégias das relativas PP, salientando que, quando o alvo relativizado é dominado por um PP, o DP, complemento da preposição, em [_{PP} P DP], é a cabeça da relativa. Para as relativas PP, há, então, três estratégias de relativização denominadas de padrão (também chamada de *piedpiping*, cf. ROSS, 1967), resumptiva (também chamada de estratégia do pronome lembrete ou copiadora) e cortadora, como mostram os exemplos a seguir:

(109) Estratégia da relativa padrão PP:

[o homem com quem_i eu falei Ø_i]

(110) Estratégia da relativa resumptiva PP:

[o homem_i que eu falei com ele_i]

(111) Estratégia da relativa cortadora PP:

[o homem_i que eu falei ~~com~~ Ø_i]

Ao observar os exemplos acima, é necessário destacar que a relativa padrão, em (109), é caracterizada pela presença imediata da preposição antes do elemento *wh* da relativa e pela existência, no interior da cláusula, de uma posição vazia correferente ao PP relativizado. Já a estratégia resumptiva, tem uma preposição após o verbo da cláusula, como em (110), que é de imediato seguida pela presença de um pronome pessoal com traços de gênero, número e pessoa correferentes aos do DP alvo da relativização. Em (111), pode-se perceber que a estratégia da relativa cortadora é caracterizada pela ausência fonética (corte) da preposição subcategorizada pelo núcleo lexical e também pela existência de uma categoria vazia correferente ao DP da cabeça da relativa.

Assim, o linguista sustenta a hipótese de que, tanto em estratégias de relativização DP quanto PP, no português, o alvo da relativização tenha sido alçado de sua posição de base,

que é localizada no domínio da cláusula relativa. A partir disso, Kenedy (2002) discorre sobre as possíveis razões da impossibilidade, no português, de ocorrência da *prepositional-stranding* (preposição órfã ou abandono de preposição), como em (112), e em oposição a ocorrência de *pied-piping* em línguas românicas.

(112) a. PB [- *prepositional-stranding*]

* [o homem_i que eu falei com Ø_i]

b. INGLÊS [+ *prepositional-stranding*]

[the man_i who I talked to Ø_i]

(KENEDY, 2002, p. 16)

Dessa maneira, Kenedy (2002) destaca alguns generalizações que constituem evidências para a sustentação do modelo *raising* na descrição das relativas, como:

- i. as implicações do LCA (Kayne, 1994);
- ii. a correlação entre determinante e cláusula relativa;
- iii. a ocorrência de possessivos pós-nominais relacionados à cláusula relativa;
- iv. a distribuição de certas expressões idiomáticas;
- v. aspectos da teoria de ligação;
- vi. propriedade de escopo do DP alvo.

Ao discorrer sobre cada uma dessas investigações, Kenedy (2002) argumenta que todas elas evidenciam, sobre a relativização, as estreitas relações que se estabelecem entre a cláusula relativa e o núcleo [D] de um sintagma determinante. Assim, nesta teoria, a relativização acontece a partir da relações entre D e CP, em que CP é complemento de D, e isso questiona, sobretudo, a teoria tradicional *wh-movement*, em que relaciona o fenômeno da relativização à adjunção de CP a NP.

Uma das explicações para o alçamento do sintagma alvo é o traço [+predicacional], proposta desenvolvida por Sñuer (1998) de forma independente ao modelo *Raising*, que estabelece que uma relativa se comporta como um verdadeiro predicado e, portanto, sua força ilocucionária é a predicação. De fato, o traço [+predicacional] se configura como um traço forte, como o *strong wh-feature*, assim, o XP alvo é alçado para spec-C, com a finalidade de ser checado (113).

(113) mover XP para spec-CP para checar o traço [+predicational]

$$[_{CP} [_{XP} [+alvo]]_i [_{IP} \dots [t_i] \dots]]$$

———— checar traço forte

(KENEDY, 2002, p. 58)

Nesse sentido, Kenedy (2002, p. 59) mostra evidências de que o sintagma alçado não pode ser um NP, um exemplo é o estatuto da cópia deixada pelo XP alçado, pois ela ocorre necessariamente em uma posição argumental, em que os NPs precisam ser licenciados por DPs e, assim, a gramaticalidade da sentença é preservada.

(114) * Bill liked picture.

Ademais, o vestígio do XP alçado tem as seguintes características: (a) pode ser ligado a um pronome, obedecendo assim ao princípio da ligação; (b) deve controlar PRO; (c) é capaz de licenciar lacunas parasitas (parasitic gaps - pg); e (d) ocorre em uma posição na qual se atribui caso, como demonstram respectivamente os exemplos extraídos de Kenedy (2002, p. 59):

(115)

- a. The man_i that t_i thought he_i saw a UFO.
- b. The man_i that t_i tried PRO_i to fool everybody.
- c. The book_i that Bill criticized t_i without reading [pg]_i.
- d. *The man_i that it seems t_i to know the answer.

(KENEDY, 2002, p. 59)

Dessa forma, nenhuma dessas características são pertencentes aos traços do NP, mas sim apresentam traços característicos de DPs, por isso, postula-se que o sintagma alvo da relativização é um DP, como em:

(116) [_{DP} the [_{CP} [_{DP} man]_i [_C that [_{IP} Bill invited [t]_i]]]].

Considerando essa postulação, Kenedy (2002) aponta que o DP alvo pode ser objeto de uma preposição, sendo dominado, assim, por um PP, na estrutura [PP [P [DP]]]. Logo, essa observação é fundamental para a caracterização da relativa *pied-piping*, pois o DP alvo, ao ser dominado por um PP, poderá carregar o sintagma que o domina (PP) ao realizar o movimento a spec-CP. Assim, nem só DPs, alvos da relativização, são alçados na relativização, pois os PPs também podem ser alçados.

Conforme a análise das relativas pelo autor sob a perspectiva derivacional do modelo *raising*, defende-se, a partir da hipótese de que as cláusulas relativas restritivas do PB são derivadas de forma sistemática por meio de alçamento do sintagma alvo da relativização, que a derivação DP ou PP alvo sofre *Move* da sua posição de base para o início da cláusula relativa (spec-CP). Assim, para Kenedy (2002), o fenômeno da relativização faz parte da estrutura primária da arquitetura da linguagem humana e, por isso, a cláusula é categorialmente selecionada por um núcleo determinante e, por esse núcleo determinante externo à cláusula precisar ser licenciado por um NP e devido também a força ilocucionária da relativização, o contexto estrutural é estabelecido para que haja alçamento do sintagma alvo e suas conseqüentes formação e redução de cadeias. Nesse sentido, o deslocamento, via *Move*, é a condição necessária para a derivação das cláusulas relativas e, segundo Kenedy (2002), esse deslocamento torna-se evidente nas estratégias padrão quando se assume o modelo *raising*:

(117)

- a. [DP a [CP [DP pessoa]_i que [IP eu vi [DP t_i]]]
- b. [DP a [CP [PP [NP pessoa]_j com [DP quem t_j]]]_i [IP eu falei [PP t_i]]]

No que diz respeito ao caso das estratégias resumptivas, a ocorrência de *Move* é natural via alçamento DP dos pronomes resumptivos e manifestam o estatuto da cópia do constituinte deslocado, como em:

(118)

- a. [DP a [CP [DP pessoa]_i que [IP eu vi [DP ela_i]]]
- b. [DP a [CP [DP pessoa]_i que [IP eu falei [PP com [DP ela_i]]]]

Por conseguinte, as relativas cortadoras derivadas de acordo com o modelo teórico raising, se assemelham ao fenômeno *prepositional-stranding*, que é característico do inglês e de outras línguas, em que o DP alvo sofre o movimento independente do PP que o domina. Contudo, no português, a preposição é deixada *in situ* e não é pronunciada em PF, devido às condições do núcleo [P+D]⁴⁵.

(119) [DP a [CP [DP pessoa]_i que [IP eu falei [_{PP} com [_{DP} pessoa_i]]]]]

Outro destaque que o linguista estabelece, é a ocorrência das ilhas sintáticas para a operação *Move* em construções do PB que são derivadas por alçamentos longos do DP alvo. Discorrendo sobre essa questão dos alçamentos longos do DP alvo, Kenedy (2002) afirma que, a princípio, deveriam resultar na violação das restrições de ilha e causar agramaticalidade. Entretanto, no PB, isso não ocorre e essa é, portanto, uma forte evidência para a hipótese do alçamento sistemático que se constitui na relativização.

(120) esse é o livro_i que você conhece a pessoa que escreveu t_i.

Conforme Kenedy (2002) afirma, a evidência acima exemplificada sugere uma reanálise das condições de ilha clássicas (cf. Ross, 1967; Chomsky, 1986, 1995) pela teoria linguística contemporânea, e também recuperar hipóteses como as de Pelmutter (1972) e Pesetsky (1998), que dizem que ilhas sintática não são restrições impostas à operação *Move* nela mesma, mas sim um fenômeno que se dá através do licenciamento da cópia deixada na base do elemento deslocado, denominado de *Chain Reduction* (traduzido por redução de cadeia). Para Kenedy (2002), essa concepção teórica sustenta a hipótese de que o alçamento é sistemático, ou seja, é algo intrínseco à natureza da relativização e, portanto, sistemático na formação das cláusulas relativas. Esse alçamento sistemático prevê a possibilidade de movimentos longos, como o representado em (120). Entretanto, Kenedy (2002) admite que sobre essa concepção deve-se ainda explorar quais fenômenos da *Chain Reduction* devem licenciar a lacuna na base dos DPs alçados à longa distância.

45 Kenedy (2002, p. 151) destaca que a hipótese do alçamento sistemático na relativização PB, sobretudo em relação à estratégia cortadora, deve-se sustentar na hipótese sobre o estatuto do núcleo [P+D] nas línguas românicas. Sobre essa questão, “Salles (1999) afirmou que esse núcleo é formado na sintaxe aberta, por meio da incorporação em P dos traços ϕ manifestados por D. Tal incorporação seria dada por meio do alçamento de D para P, com vistas à eliminação do traço formal não-interpretável EPP, a qual deveria ser realizada pela operação *Agree*” (KENEDY, p. 151).

Ademais, a gramaticalidade de alçamentos longos do DP alvo, como em (110), é uma sustentação empírica para uma das principais consequências da adoção ao modelo *raising*, consequência esta que diz respeito à relativização licenciada por mecanismos gramaticais distintos daqueles que controlam a interrogação QU-, pois o licenciamento do DP alçado à longa distância, no PB, não ocorre em interrogação.

(121) *que livro_i você conhece a pessoa que escreveu t_i?

A partir das interrogativas QU-, Kenedy (2002) discute a natureza do operador *que*, considerando o modelo *raising*. Dessa forma, o linguista traz explicações de que o *que* apresenta, na relativização, características de complementador, não de pronome relativo, pois em relação à economia derivacional, seria mais interessante sustentar o operador *que* enquanto complementador envolveria uma operação menos custosa, assim:

[...] a seleção do complementador *que* implica a ocorrência de apenas uma operação *Move* na derivação da padrão DP, enquanto a seleção de *que* como pronome relativo envolveria a aplicação de dois alçamentos. Considerando que o sistema linguístico deverá sempre optar pela estratégia menos custosa, a seleção do *que* complementador parece mais básica que a do *que* relativo. Essa poderia, inclusive, ser a explicação natural para a generalização do uso do *que* em PB, em detrimento dos pronomes relativos (KENEDY, 2002, p. 84).

Dessa maneira, outro argumento para o *que* na relativização comporta-se como complementador é que ele tem características diferentes do *que* em sentenças QU-interrogativas.

[...] em PB, diferentemente das interrogativas QU-, a relativização não permite a ocorrência de duplos *quês*, como em [o que que você viu?] vs. [* a coisa que que você viu], [que livro que você leu?] vs. [* o livro que que você leu]. Nas interrogativas, os duplos *quês* são licenciados na medida em que o primeiro é derivado como pronome e outro como complementador. Na relativização, pode-se sustentar que o duplo *que* não é possível pois esse elemento deve figurar apenas como complementador, fato que torna impossível sua reduplicação (KENEDY, 2002, p. 84)

Assim, na relativização, o *que* apresenta características de complementador, ao passo que o *que* na interrogação manifesta o valor pronominal, em interrogativas com duplos *quês*, como em:

(122)

a. que livro que você leu?

b. qual livro que você leu?

Esses duplos *quês* só irão ser licenciados em português caso o primeiro *que* tenha valor de pronome, equivalente a qual, e o segundo tenha valor de complementador. Nesse sentido, para Kenedy (2002), a relativização em português não consegue comportar simultaneamente o pronome e o complementador (123 a-b), pois eles parecem competir entre si.

(123)

- a. *esse é o livro que que você leu?
- b. *esse é o livro o qual você leu?
- c. esse é o livro que você leu?
- d. esse é o livro o qual você leu?

Em relação aos exemplos acima elencados, Kenedy (2002) chama a atenção para o fato que é impossível sustentar a hipótese de que é o pronome que prevalece sobre o complementador, em casos como (123a vs. c), igualmente em casos como (123 b e d). Nesses casos, o *que* seria derivado como pronome relativo, conforme Kato (1993). Portanto, para Kenedy (2002), a solução para casos como esses seria, através de pesquisas futuras, o fornecimento de maiores evidências morfossintáticas e psicolinguísticas em favor de um ou outro estatuto do *que* na relativização.

Desse modo, Kenedy (2002) encerra sua pesquisa afirmando que a análise das relativas através do modelo *raising* é mais adequada e esta teoria, então, consegue superar e explicar melhor as fissuras ou impropriedades conceituais (cf. Kenedy, 2002, p. 147) não explicadas pelo modelo de análise tradicional. Além disso, o pesquisador defende que o modelo teórico *raising* é mais adequado, empírica e observacionalmente, para dar conta de muitos fenômenos empíricos ignorados na análise *wh-movement*.

Portanto, a pesquisa de Kenedy (2002) é fundamental para esta tese no que diz respeito à conceituação e à descrição do fenômeno de relativização no PB inserido no quadro do modelo teórico *raising* (KAYNE, 1994). Dessa maneira, seguiremos a perspectiva do modelo teórico *raising* associadas às modificações e ampliações realizadas por Kato e Nunes (2009, 2014).

2.1.6. Kato e Nunes (2009, 2014)

Revisitando Kato (1993), Kato e Nunes (2009) procuram conciliar a proposta de análise de uma posição de tópico interno nas relativas daquela autora com a proposta de Kayne (1994)⁴⁶ em que as relativas são CPs selecionadas pelo determinante da oração matriz; assim, a relativização é estabelecida pelo movimento do constituinte relativizado da posição na relativa para o CP que encabeça a oração relativa. Segundo Kayne (1994), retomando a análise de relativas em termos de alçamento, desenvolvida por Vergnaud (1974), propõe que o CP relativo é selecionado por um determinante e que o NP ou DP relativizado se move e é adjungido à esquerda de CP. A partir dessa proposta, a diferença entre as relativas padrão e não padrão (resumptiva e cortadora), para Kato e Nunes (2009) reside no lugar de origem do movimento: nas primeiras (124), o constituinte relativizado é gerado em posição argumental dentro de IP, deslocando-se, na derivação, para a posição Spec-DP da oração matriz; já nas segundas (125), é gerado na posição de tópico interna à oração relativa:

(124) a. [aquela [_{CP} [_{DP} pessoa_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{IP} t_k comprou o livro]]].

b. [o [_{CP} [_{PP} livro_i [_{PP} de [_{DP} t_i [_{DP} que t_i]]]]]_k [_{CP} C [_{IP} você precisa t_k]]].

(125) a. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} você vai precisar dele_k amanhã]]]].

c. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{LD} t_k [_{IP} você estava precisando *pro*_k]]]].

(KATO; NUNES, 2009, p. 91-92)

Os autores observam que a diferença entre as relativas resumptiva (125 (a)) e cortadora (125 (b)) é que esta não possui a realização de um pronome resumptivo, ao invés disso, existe a presença de um *pro* pertencente ao sistema de clíticos que tem por função a retomada de posições preposicionadas (ou não).

Retomando os estudos de Kato (1993) e Kato e Nunes (2009), Kato e Nunes (2014), propõem uma análise unificada para os três tipos de relativas do PB, tendo por base a proposta de Kayne (1994) em termos de relativização por alçamento. Todas as relativas analisadas envolvem movimento sintático. Segundo os autores, a diferença residiria no fato das relativas cortadoras terem um pronome nulo na posição de objeto, assim

46 Ver fundamentação teórica.

[...] um DP nucleado por um determinante relativo pode ser gerado numa posição de deslocamento à esquerda em português brasileiro e isso é o que produz ausência de efeitos de ilha e relativas com aparente apagamento de PP. Com base nas restrições lexicais desse aparente apagamento, argumentamos que relativas cortadoras na verdade envolvem um pronome nulo (*pro*) na posição de objeto, legitimado por Caso inerente (KATO; NUNES, 2014, p. 575).

Ademais, os Kato (1993) e Kato e Nunes (2014) defenderam que, na relativa padrão (126 (a)), há um pronome relativo introduzindo a relativa e deixando um vestígio na posição relativizada, ao passo que, as relativas não-padrão teriam em sua formação a existência de um complementizador *que* e de um pronome resumptivo que pode vir expresso (126 (b)), ou nulo (126 (d)):

- (126) a. A pessoa com quem eu conversei.
 b. a pessoa **que** eu conversei com ela.
 c. a pessoa **que** eu conversei.

(KATO; NUNES, 2009, p. 89)

Kato e Nunes (2014) salientam que os três tipos de orações relativas expostas em (97) são facilmente identificáveis quando o elemento relativizado é um PP, como em (126(a)). Entretanto, quando a relativização envolve o sujeito ou o objeto, o que se tem é uma potencial ambiguidade estrutural entre a relativa padrão e a estratégia com o resumptivo nulo, como em (127):

- (127) a. a pessoa que *ec* comprou o livro
 b. a pessoa que eu vi *ec*

(KATO; NUNES, 2014, p. 576):

Em se tratando do sujeito, as distinções podem ser realizadas via efeito de ilha e, além disso, já que o PB não possui resumptivos nulos na posição de sujeito, como em (99 (a)), os autores postulam que a estrutura (128 (a)) só pode ser derivada da relativa padrão, ou seja, é estabelecida via movimento. Em relação aos objetos nulos (128 (b)), efeitos ilha não são esclarecedores, devido ao fato de o PB licenciar objetos nulos na base sem restrições de ilha como tem sido verificado em outros estudos (GALVES, 1984; KATO, 1993; CYRINO, 1997). Observem-se os exemplos:

- (128) a. *[a pessoa]_i que eu li o livro que *ec*_i comprou
 b. [o livro]_i que eu entrevistei a pessoa que escreveu *ec*_i

(KATO; NUNES, 2014, p.577)

Segundo Kato e Nunes (2014), a estrutura em (128 (b)) deveria, em princípio, ser compatível tanto com o movimento, quanto com a interpretação de um objeto nulo. Entretanto, os autores defendem que estruturas potencialmente ambíguas, semelhantes a essa, estão, na verdade, associadas à análise de movimento devido a dois fatos: a) Nunes e Santos (2009) mostram que há retração de acento, pois no PB ignoram-se vestígios, mas não pronomes nulos, como pode se aplicar ao exemplo (128(b)); e b) Grolla (2000) e Lessa de Oliveira (2008) verificam que crianças que estão adquirindo o PB produzem estruturas como (128 (b)) muito antes de produzir estruturas com resumptivos, sejam eles nulos ou pronominais.

Os autores salientam que Kato (1993), ao observar se a estratégia cortadora deve envolver o apagamento da preposição, pois o PB não admite preposições órfãs, prevê incorretamente que o exemplo (129) seja a contraparte bem formada de (126 (a)). Nesse sentido, o pronome relativo *quem* poderia sofrer movimento-A', isto é, movimento não argumental, e, assim, a preposição órfã seria apagada no componente fonológico, igualmente ilustrado em (130 (b)):

- (129) *a pessoa quem eu conversei

- (130) a. a pessoa [quem_i eu conversei com t_i]
 b. a pessoa [quem_i eu conversei ~~com~~ t_i]

(KATO; NUNES, 2014, p. 577)

A correspondência entre (126 (a)), *A pessoa com quem eu conversei*, e o exemplo acima (101)⁴⁷ envolve a combinação entre a estratégia padrão e a cortadora, significando dizer que o pronome relativo *quem* poderia sofrer, como vimos, movimento-A', isto é, o movimento para uma posição sem função gramatical específica. Logo, para os autores, não fica claro, na

⁴⁷ Kato e Nunes (2014, p. 582) afirmam que, sobre essa questão, Kato (1993) sugeriu que *quem* manteve a sua forma acusativa do Romance Antigo e deveria, portanto, ser excluído em sentenças como em (129), pois o verbo *conversar* não licencia o Caso acusativo. Entretanto, ainda há problema, pois o quem interrogativo é compatível com qualquer Caso.

proposta original de Tarallo (1983), o porquê de o apagamento da preposição órfã restringir-se a casos em que a relativização é realizada por meio de um *que* complementizador.

Diante do exposto, Kato e Nunes (2014) propõem sua análise unificada para as três estratégias de relativização em termos de movimento. Retomando a hipótese de Kato (1993) de que as relativas não-padrão replicam o que é encontrado nas estruturas de deslocamento à esquerda (DE) no PB, ou seja, que o elemento deslocado à esquerda no PB pode ser retomado por um pronome expresso (102), ou ainda, por um pronome nulo (103), os autores verificam, entretanto, em relação ao pronome nulo, que, ao invés de assumirem com Kato (1993) que a categoria vazia em (103) resulta de um tipo de elipse justificada por os PPs em PB não terem pro-formas correspondentes, essa categoria, tal como defendido em Kato e Nunes (2009), é reinterpretada como um pronome nulo representado por *pro*, em (132):

- (131) a. [esse livro]_i, ele_i é muito bom.
 b. [esse livro]_i, eu comprei ele_i ontem.
 c. [esse livro]_i, eu estava precisando dele_i ontem.
- (132) a. [esse livro]_i, eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*_i.
 b. [esse livro]_i, eu falei com um aluno que estava precisando *pro*_i ontem.

(KATO; NUNES, 2014, p. 578)

Como argumento principal a favor da hipótese de *pro*, Kato e Nunes (2014) argumentam que há um efeito ilha que intervém entre *esse livro* e a categoria vazia, o que garante que não se trata de movimento do constituinte que aparece na posição deslocada à esquerda. A categoria vazia em (132) é, portanto, um pronome nulo. Vejamos o exemplo a seguir:

- (133) Um aluno estava precisando *(d)esse livro ontem.

(KATO; NUNES, 2014, p.579)

Segundo os autores, a inserção obrigatória da preposição em (133) poderia ser tomada como um indício de que o pronome resumptivo em (132b) é defectivo pelo fato dele ocorrer em um contexto no qual o Caso estrutural não está disponível. Entretanto, ainda que outros autores afirmem que exemplos como (132b) sejam defectivos e não apresentem um traço de Caso, ainda que essa proposta dê conta de construções como (132b) e (133), ela não

dá conta do condicionamento lexical do contexto que permite esses tais pronomes vazios defectivos, como se pode observar ao contrastar (132(b)) e (134(b)):

- (134) a. A Mariu riu *(do) João.
b. O João, a Maria riu *(dele).

(KATO; NUNES, 2014, p. 579)

Embora os verbos *precisar* e *rir* selecionem a preposição *de* (cf. (134 e 133)), somente o verbo *precisar* licencia um resumptivo nulo em uma estrutura de DE, como vimos em (132 (b), situação que também se reflete nas relativas análogas em (135):

- (135) a. Este é o livro que eu estava precisando (dele)
b. Esta é a pessoa que a Maria riu *(dela).

(KATO; NUNES, 2014, p. 579)

Seguindo Kato e Nunes (2009), Kato e Nunes (2014, p. 579-580) assumem que a preposição em (133) seria, na verdade, uma realização de Caso Inerente (cf. CHOMSKY, 1986; NUNES, 2008), sendo assim:

Supondo que a inserção da preposição para realização de Caso inerente é sujeito ao princípio do Último Recurso (*Last Resort*), a preposição só se realizará nos casos em que o objeto for expresso; quando nulo a preposição é desnecessária. Nessa perspectiva, o fato de a ausência da preposição estar associada a um verbo e não a outro não é algo inusitado, pois Caso inerente é também sujeito a restrições lexicais (KATO; NUNES, 2014, p. 579-580).

Kato e Nunes (2014) ainda salientam que, já que os PPs não podem ser deslocados à esquerda, como em (136), as relativas com *pied-piping* devem necessariamente envolver movimento e não podem co-ocorrer com resumptivos, como pode ser observado em (137):

- (136) (*com) [aminha amiga]_i, você falou com ela_i por telefone.
(137) *Esta é [aminha amiga]_i com que/_iquem_i você falou com ela_i por telefone.

(KATO; NUNES, 2014, p. 580)

Entretanto, os autores observam que, se o *que* for gerado na posição à esquerda, serão produzidas relativas não-padrão, sem efeitos de ilha e sem *piedpiping*. Em outras

palavras, dada a ampla disponibilidade de DE no PB, a língua admite relativas não-padrão como (138) e (139), com pronomes expressos ou com pronomes nulos, respectivamente:

- (138) a. Eu tenho uma amiga que ela é muito engraçada.
 b. Eu tenho [[uma amiga]_i [CP que_i [DE ti [IP ela é muito engraçada]]]]

- (139) a. Este é o livro que você estava precisando
 b. Este é [[o livro]_i [CP que_i [DE ti [IP você estava precisando *pro*]]]]

(KATO; NUNES, 2014, p. 581)

Em suma, à semelhança de Kato (1993), Kato e Nunes (2009, 2014) assumem que o constituinte relativizador é gerado em posição de DE, mas, como em Kayne (1994), o constituinte relativizador não envolve exclusivamente um pronome relativo, mas um determinante relativo que tem seu complemento NP alçado. Nessa perspectiva, observe-se a derivação das relativas padrão e não-padrão em PB:

(140) *Relativa padrão:*

- a. aquela pessoa que comprou o livro
 a'. [aquela [CP [DP pessoa_i [DP que t_i]]]_k [CP C [IP t_k comprou o livro]]]]
 b. o livro que aquela pessoa comprou
 b'. [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [IP aquela pessoa comprou t_k]]]]
 c. o livro de que você precisa
 c'. [o [CP [PP livro_i [PP de [DP t_i [DP que t_i]]]]]_k [CP C [IP você precisa t_k]]]]

(141) *Relativa não-padrão com resumptivo expresso:*

- a. Eu tenho uma amiga que *ela* é muito engraçada.
 a'. Eu tenho [uma [CP [DP amiga_i [DP que t_i]]]_k [CP C [DE t_k [IP ela_i é muito engraçada]]]]
 b. Este é o livro que o João sempre cita *ele*.
 b'. Este é [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [DE t_k [IP o João sempre cita ele_k]]]]
 c. Este é o livro que você vai precisar *dele*.
 c'. Este é [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [DE t_k [IP você vai precisar dele_k amanhã]]]]

(142) *Relativa não-padrão com resumptivo nulo:*

a. Este é o livro que eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*.

a'. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{DE}t_k [_{IP} eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*_k]]]]]

b. Este é o livro que você estava precisando *pro*.

b'. Este é [o [_{CP} [_{DP} livro_i [_{DP} que t_i]]]_k [_{CP} C [_{DE} t_k [_{IP} você estava precisando *pro*_k]]]]]

(KATO; NUNES, 2014, p. 584)

Os contextos apresentados por Kato e Nunes (2009, 2014) acima destacados são serão considerados no levantamento e análise das relativas do PB em manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX e XX. Para tanto, na análise adotou-se a perspectiva da Sociolinguística Histórica (Romaine, 2009 [1982]), a fim de observar o comportamento das relativas padrão e não-padrão, tendo por base a estrutura das relativas apresentadas nesta seção.

2.1.7. Ribeiro e Figueiredo (2009)

O principal objetivo de Ribeiro e Figueiredo (2009) foi analisar a sintaxe das sentenças relativas em um conjunto de 53 atas escritas por seis africanos, entre o período de 1832-1842 (século XIX), tendo o português como L2. Esse levantamento totalizou 104 dados coletados, distribuídos em 34% de relativas restritivas finitas, 17,3% de relativas não-restritivas finitas, 15,3% de relativas reduzidas e 19% de relativas livres. Para elas, são várias as razões que justificam uma pesquisa com base em dados escritos produzidos por africanos no Brasil oitocentista, uma vez que são muitas as perguntas que têm sido formuladas sobre as características sintáticas do PB dessa época, sobre as diferenças e semelhanças entre o PB e o PE contemporâneos e, também, sobre as influências no PB das gramáticas de línguas africanas, por exemplo.

Tomando por base a existências das três estratégias de relativização já discutidas nas seções anteriores, Ribeiro e Figueiredo (2009, p. 211) questionam:

- I Quais tipos de relativas são atestados no *corpus*? Há diferenças entre seus usos e os atestados no PB e no PE contemporâneos que apontem para o fato de os africanos terem aprendido o português como L2?

- II Quais tipos de estratégias de relativização são realizados pelos informantes africanos? Qual é o comportamento das relativas cortadoras e lembretes nesse *corpus*? Esses dois tipos de relativas já apresentam evidências para a mudança linguística do PB contemporâneo, em relação à preferência pelo uso de relativas cortadoras?
- III O que os dados do *corpus* revelam em relação às restrições universais para a formação de sentenças relativas, tendo em mente a proposta de Keenan & Comrie (1977, 1979)?

A partir dessas questões, as autoras, inicialmente, mostram que houve ocorrências tanto de relativas não-restritivas (que podem incluir relativas apositivas e relativas livres) quanto de restritivas que tiveram maior produtividade, como apresentado no quadro 6:

Tabela 6. Tipos de sentença relativa

FUNÇÃO - QU	TIPOS DE SENTENÇA RELATIVA	
	Restritiva	Não-restritiva
SUJEITO	18	13
OBJETO DIRETO	08	01
OBLÍQUO	--	--
LOCALIZAÇÃO FÍSICA	--	03
LOCALIZAÇÃO NOCIONAL	04	--
COMPLEMENTO NOMINAL	02	01
GENITIVO	03	--
TOTAL	35	18

Fonte: Ribeiro e Figueiredo (2009, p. 212)

Com base na tabela 3, as autoras observam que a relativização apresenta-se em diferentes posições sintáticas e encontram dados com relativa restritiva (143) e não-restritiva⁴⁸ (144):

(143) a. as émendas dos novos Estatutos *que nos hade Reger* posta pella Comição (MSR em 15 de janeiro de 1835. É esse autor quem escreve o nome de MVS).

⁴⁸ Por não ter vírgulas nas relativas encontradas nas atas, as autoras usam o critério de relativa não-restritiva para as que simplesmente apresentam informação adicional sobre o núcleo nominal, como em (115).

b. e dos Irmão **que pederem** asua dimisaõ por Cauza do Compemen-to do Artigo aSimaDe Clarado (MC em 2 de maio de 1841).

(144) a. para adecizaõ do nossó Irmaõ Manoel da Paixaõ **que por huma Carta semandou Sedespedir** (JFO em 27 de novembro de 1842).

b. Como os primeiro fundadores **que Instalaraõ esta Devocaõ** (MSR em 23 de fevereiro de 1834).

Quando duas relativas ocorrem de maneira encadeada nas atas de africanos, a ordem de realização corresponde à ordem do PB e em línguas em geral:

(145) etratemos a Rever **o debito [que Se devia a Caza] [ó qual mandou oVis Provedor Cartiar-se⁴⁹ aos ditos]** para Virem Remirem naprimeira Reuniaõ (José Fernandes do Ó em 05 de junho de 1836).

No exemplo (146), a relativa restritiva é seguida da relativa não-restritiva, sendo esta ordem esperada no PB (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 214). Além disso, há de dezesseis relativas reduzidas (de gerúndio ou participípio), conforme exemplos abaixo:

(146) a. o Progetto- Empreço **Ferindo o milin dre da Sociedade** damesma Devocaõ (MSR em 23 de fevereiro de 1834).

b. na meza extraordinaria **marcada para a noite do dia 8 de Outubro:** (LTG em 04 de outubro de 1835).

c. seraõ acom-panhadas com Cincoenta Toxas assezas para o lugar **destinado sepultura,** (LTG em 28 de outubro de 1833).

d. Fica em meo poder hum Coffre feixado com três chaves **Axando-se huã em maõ do Juiz Manoel Victo,** outra na do Escrivaõ Luiz Teixeira Gomes outra na do Procurador Geral Joze do Nascimento (Embora assinado pelo Vigário Joaquim José de Santana, é LTG quem escreve esse documento em 16 de setembro de 1832).

49 Segundo as autoras, deve-se ler: X mandou informar Y a Z. Outra possibilidade seria: X mandou informar sobre Y a Z, um tipo de alternância de regência, que poderia levar a analisar a relativa introduzida pelo pronome relativo *o qual* como uma relativa cortadora. Desse modo, as autoras argumentam que não há casos claros de relativa cortadora nas atas.

Ribeiro e Figueiredo (2009) também verificam ocorrências de relativas livres, o segundo tipo de relativa mais produtivo nos dados. Observem-se os exemplos a seguir:

- (147) a. em Consideração *do que se representou* Contra o- Irmão Ex Escrivão Luiz Teixeira Gomes. (MSR em 23 de fevereiro de 1834).
- b. por bem feito *o que a mesma Mesa determinar* (MSR em 15 de janeiro de 1835).
- c. fica adiado a rematação do novo Coffre *aquem preferi por menos fazer* (LTG em 04 de outubro de 1835).
- d. por ser *quem fez a reforma / assignou*, (LTG em 21 de abril de 1833).
- e. *para aonde for aprovado*, (16 de setembro de 1832 por LTG).
- f. Para estar *aonde existe o Coffre do Senhor dos Mar- / tirios* sahio com honzepretas, e vinte huma / branca (LTG em 16 de setembro de 1832).

Além de ocorrências acima, são também produtivas “aparentes relativas, ou ainda, de uma possível relativa temporal, apresentando a forma *que* + gerúndio:

- (148) Comição Permanente Pros testa des o dia da Reuniaõ 2 de Majo de 1841 Sobre o Altigo 38 e 39 *que Aparicendo deste dia por diente arepresentação daComm- icaõ* (MC em 2 de maio de 1841)

A sentença acima, segundo as autoras, equivale a *quando apareceu a representação da comissão*. De mais a mais, há outros usos no *corpus* de *que* + *gerúndio* em relação ao tempo:

- (149) *qualquer Irmão que estando em Mesa* fica responsabilizado por qualquer (LTG em 16 de novembro de 1832) - equivale a “*qualquer irmão, quando estiver em Mesa,*”.

Vale referirmos que, para analisarem as sentenças relativas nas atas, Ribeiro e Figueiredo (2009) seguem a proposta de Keenan e Comrie (1977, 1979) sobre as sentenças relativas e as restrições universais, tendo em mente que não há uma variação aleatória em relação à função sintática do elemento relativizado na sentença relativa. Para tanto esses autores propõem uma hierarquia de acessibilidade (HA):

(150) SU>OD>OI>OBL>GEN>Objeto de Comparação⁵⁰

Para Ribeiro e Figueiredo (2009), essa hierarquia faz referência ao fato de que algumas posições são mais acessíveis à relativização que outras: posições da esquerda seriam mais fáceis de relativizar que posições da direita⁵¹. Dessa maneira, “se uma língua pode relativizar objetos, também pode relativizar sujeito; qualquer língua que possa relativizar genitivos também pode relativizar oblíquos e as demais funções à esquerda (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 218). Além disso, Keenan e Comrie (1977, 1979) também definem restrições universais para a formação de sentenças relativas, conforme mencionado por Ribeiro e Figueiredo (2009, p. 218-219):

[...] a. Nenhuma língua pode construir relativas somente de objetos ou somente de locativos, mas é possível uma língua construir relativas somente de sujeito (este é o *Subject Relative Universal*). b. Uma língua deve ter uma estratégia primária (*primary strategy*) de formar SRel; *grosso modo*, qualquer uma das estratégias referidas acima pode ser a estratégia primária. c. A estratégia primária pode deixar de ser realizada em qualquer ponto da HA; assim, estratégias que se aplicam a um ponto da HA podem não se aplicar a qualquer posição à direita. Conseqüentemente, se a estratégia primária, em uma dada língua, pode ser aplicada a uma posição baixa, então pode também ser aplicada a todas as posições mais altas da HÁ.

Dessa maneira, a análise das estratégias de relativização nas atas seguem os parâmetros de hierarquia da função relativizada e as restrições universais das relativas. Portanto, as autoras encontraram as seguintes estratégias de relativização presentes nas atas - a saber: a) a estratégia padrão com *piedpiping*; b) a estratégia cortadora. Além disso, as autoras destacam também que não houve ocorrências de pronome lembrete nas atas de africanos.

(151) a. Conforme mandou o socios Adimins tradores *que* sefizesse estes Termo *em que assignamoz* (MSR em 07 de janeiro de 1835).

b. Ficando aespera da conta da 4a. Loteria *que ficou responsavel o ex The zoureiro Manoel daConceição*

50 Segundo Ribeiro e Figueiredo, Keenan & Comrie (1977, p. 74) apresentam o seguinte exemplo de relativa de objeto de comparação: *The man who Mary is taller than*. Para Kato (1981, p. 2), a relativa de objeto de comparação é possível em PB com a estratégia do pronome lembrete: *?O homem que meu pai tem mais força que ele*.

51 Vele lembrar que, ao se referir a posições à direita, refere-se no sentido de hierarquia de acessibilidade, não de movimento.

(RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 220-221)

Ao comparar a relativa *piedpiping* com a relativa cortadora, as autoras, retomando o resultado de Tarallo (1985) de que a primeira estratégia decresce e, inversamente, aumenta o uso da segunda estratégia no PB ao longo dos séculos, levantam a seguinte hipótese: como os informantes das atas se situam no século XIX, semelhante à pesquisa de Tarallo, espera-se que, por serem informantes com pequeno nível de letramento, haja pouco uso da relativa *piedpiping*. Entretanto, essa hipótese não se confirma, pois, exceto em uma ocorrência, as preposições requeridas se realizam, como mostram os seguintes exemplos:

(152) a. Conforme mandou o socios Adimins tradores *que* sefizesse estes Termo *em que asig namoz* (MSR em 07 de janeiro de 1835).

b. Para estar *aonde existe o Coffre do Senhor dos Mar-tirios* sahio com honzepretas, e vinte huma branca (LTG em 16 de setembro de 1832).

c. *para aonde for aprovado* (LTG em 16 de setembro de 1832).

d. finalizaraõ o seos trabalho *para o que famos nomi- ados*, (GMB em 29 de dezembro de 1834).

e. Ficando aespera da conta da 4a. Loteria *que ficou responsavel o ex The zoureiro Manoel daConceição* (LTG em 04 de outubro de 1835).

(RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 220-221)

No que se refere à estratégia pronome lembrete, Ribeiro e Figueiredo (2009) verificam que não há casos dessas estratégia nas atas analisadas. Segundo elas a motivação estaria relacionada ao fato de que

[...] embora as estratégias cortadoras e lembrete tenham, durante muito tempo, sido consideradas um divisor de gramáticas entre o PB e o PE, os estudos acima relatados, sobre os processos de relativização no PE, têm apontado para a existência, também lá, das estratégias cortadora e lembrete, quer nos meios de comunicação social (ALEXANDRE, 2000; ARIM *et alii*, 2004), quer no dialeto rural (VAREJÃO, 2006). Isto mostra que a variação no uso das diferentes estratégias não é marcada socialmente, no sentido de que só falantes com baixa escolarização realizam as estratégias estigmatizadas pelos gramáticos normativos. Os dados dos africanos não refletem questões relacionadas à aquisição do PB em situação de contato, desde que as duas estratégias não se restringem ao PB (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 229).

Entretanto, a não presença de relativas com pronomes lembretes (ou resumptivas) nas atas e a preferência por relativas com *piedpiping* , segundo as autoras, indicam um conhecimento do valor formal/social das construções relativas padrão

Por conseguinte, as autoras obtiveram como resultado que as relativas produzidas nas atas confirmam parcialmente a hipótese de Keenan e Comrie (1977, 1979):

(153) SUJEITO > OBJETO > LOCATIVO > C-NOMINAL > GEN ~ OBL

Com base nessa hierarquia, as autoras afirmam que, em relação aos dados das relativas nas atas de africanos, a cadeia mais relevante da HA é a de

apresentar como estratégia mais usual a relativização das funções não preposicionadas (SU e OD), depois as de funções preposicionadas, e isto é o que se observa nos dados das atas. Assim, o pressuposto de que as relativas de posições mais baixas na HA são psicologicamente mais difíceis de processamento (SLOBIN, 1982, 1986) se reflete nos resultados numéricos dos nossos dados. Acreditamos que a alteração da ordem das funções preposicionadas se deva ao número total de dados coletados, não permitindo fazer afirmações consistentes que contradigam a HA (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 231).

As autoras relacionam a questão da hierarquia à questão da aquisição do português como segunda língua (L2) por parte dos africanos. Nesse sentido, Ribeiro e Figueiredo (2009) afirmam que as questões sobre aquisição são importantes na investigação das relativas para compreender se a produção das relativas são

[...] *difíceis* como *tardias* no processo de aquisição, a afirmação de Perroni (2001) aponta para o fato de que os falantes representados nas atas já se encontravam num estágio mais adiantado de aquisição das relativas, já que usam estratégias de relativização nas posições mais baixas da hierarquia[...], embora sejam poucos os dados totais atestados; (ii) nenhum dos fatos apontados acima é típico dos informantes em estudo, permitindo dizer que a sintaxe das relativas é diferente das estratégias observadas em outras situações lingüísticas. Quer dizer, os estudos de aquisição de L1[...] mostram que a estratégia *piedpiping* surge com a escolarização, que há oscilação na escolha da preposição antes desse período, que funções não preposicionadas podem ser realizadas com preposições etc. Como não consideramos que os fatos relatados sobre as relativas preposicionadas devam ser reflexos de os informantes estarem em estágio inicial de aquisição da gramática, passamos ao segundo ponto, mais fundamental para a análise. Estudos sobre aquisição de sentenças relativas em L2 mostram que (cf. GASS, 1983; GRASS & ARD, 1984; ROMAINE, 1988): i. todos os informantes realizam relativas lembretes das funções mais baixas da hierarquia, independentemente da L1 de cada um; ii. em momentos de oscilação, quando os aprendizes se desviam da estrutura pretendida, é sempre em relação a uma função de uma posição mais baixa que passa a uma função mais acessível na hierarquia, um tipo de promoção (K&C, 1977); Tudo isto indica que a aquisição de estruturas relativas passa por estágios muito semelhantes, quer em aquisição de L1, quer em L2. É evidente que os africanos aprenderam português como L2. Contudo, não podemos esperar diferenças substanciais no resultado dessa aprendizagem, no que diz respeito ao objeto sintático em estudo, pois o processo de

aquisição de relativa de L2 passa, *grosso modo*, pelos mesmos estágios de aquisição de L1 (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p.223-224).

Em linhas gerais, as autoras destacam que há encaixamento na posição mais à direita do constituinte, facilitando o seu processamento (SLOBIN, 1986). Isso porque o encaixamento na função de sujeito foi o menor que a estratégia mais frequente, a saber: sentença relativa encaixada em constituinte nominal que exerce a função de objeto de verbo (23 dados) ou de preposição (23 dados), computando-se todas as posições de complemento de preposição (oblíquo, complemento nominal e locativo):

Tabela 7. Número de sentenças relativas em relação ao encaixamento

SUJEITO	OBJETO	OBLIQUO	C-NOMINAL	LOCATIVO
07	23	12	08	03

Fonte: Ribeiro e Figueiredo (2009, p. 234)

Observemos, a seguir, sentenças relativas encaixadas nas posições acima mencionadas:

- (154) a. **SU:** foi oferecido pello Escrivam a tual da meza Manuel Victor Serra *hu progetto oqual será inda des Coti-do* (MSR em 23 de julho de 1834).
- b. **OD:** folhe tos enpreço *que* Contenhaõ **os Artigo e §§** *que ofereceu em firmeza de que* e foi sencionado (MSR em 23 de julho de 1834).
- c. **OB:** a Missa he celebrada **pelo Padre** *que adisser logo as Oito horas imperte rivelmente* (LTG em 16 de novembro de 1832).
- d. **CN:** epozemos em execuçaõ **os trato dos devitos** *que ficou em Exzecuçaõ* (JFO em 10 de julho de 1836).
- e. **LOC:** **Rozario de Santo Antônio** *a onde estamos conjuntos* (LTG em 16 de setembro de 1832).

Dessa maneira, conforme Ribeiro e Figueiredo (2009) destacam, parece haver uma tendência nas línguas humanas em relação ao encaixamento ser realizado, sobretudo, na posição de objeto. Dessa forma, os resultados mostraram que as diferenças em relação às estratégias de encaixamento, observadas nas atas escritas por africanos, não divergem do que é observado na aquisição convencional da L1 (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 235).

A título de conclusão, Ribeiro e Figueiredo (2009, p. 237-238) topicalizam os principais resultados sobre as ocorrências das relativas nas atas produzidas por africanos no Brasil oitocentista, são eles:

- a) Todas as posições podem ser relativizadas;
- b) A relativa com lacuna e pronome relativo é a estratégia primária; não há casos de relativa lembrete;
- c) As relativas preposicionadas predominam;
- d) Uso de relativas restritivas e não-restritivas, com formas verbais com tempo ou reduzidas;
- e) Preferência pela relativização de posições não preposicionadas, sujeito e objeto;
- f) Predominância de encaixamento em posições que permitam a ramificação da relativa à direita, favorecendo o processamento;
- g) Presença dos marcadores de sentenças relativas, antecédidos ou não de preposição: *que, o que, o/a qual e quem*. Não há ocorrência do pronome *cujo* como relativo, ausência muito frequente também no atual PB e PE falados;
- h) As estratégias de relativização *pied-piping* e cortadora podem estar presentes ou ausentes nas línguas, independentemente do contexto sócio-histórico em que a língua é adquirida;
- i) As estratégias de aquisição de relativas são muito semelhantes, quer em relação à L1, quer em relação à L2.
- j) As estratégias realizadas nas atas e no PB não divergem das observadas no PE, exceto, talvez, em termos quantitativos.

Dessa maneira, tendo em mente a proposta da HA das relativas e de seu encaixamento nas diferentes funções sintáticas supracitados, pretendemos analisar como as relativas presentes em manuscritos e impressos pernambucanos se comportam. Para tanto, ergue-se uma questão: seria esse comportamento das relativas em cartas e jornais pernambucanos dos séculos XIX e XX, semelhante ao encontrado por Ribeiro e Figueiredo (2009) nas atas escritas por africanos?

Ao buscarmos congregarmos diferentes estudos sobre as estratégias de relativização no PB e no PE, nossa intenção é de os resultados a serem obtidos nesta pesquisa sejam, sempre que possível, comparados ao que já foi obtido por outros pesquisadores, a fim de que seja possível reconstruir a diacronia das relativas através de manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX e XX.

2.1.8. Alexandre, Gonçalves, Hagemeyer (2011): as relativas em variedades do Português Africano (PA)

No artigo “A formação de frases relativas PP no português oral de Cabo Verde e de São Tomé”, Alexandre, Gonçalves e Hagemeyer (2011) discutem a formação das relativas em duas variedades do PA, discutindo as estratégias de relativização para além da investigação sobre a operação Move, como verifica-se em outros estudos canônicos. Nessa busca, os autores propuseram-se a verificar se, assim como no Português de Moçambique (PM) em relação aos estudos das construções-Q, isto é, sentenças relativas (restritivas), Cabo Verde e São Tomé também têm como consequência do processo de mudança linguística o favorecimento do uso da estratégia resumptiva, como verificado nos estudos de Chimbutane (1996), Gonçalves (1996), entre outros, como observaremos a seguir:

(155) Encontrei uma pessoa **que** não **a** via desde criança.

(156) Os carros **que** eu conheço os nomes **deles** são... (PM, CHIMBUTANE 1996:227)

Ao considerar ocorrências como essas, Alexandre, Gonçalves e Hagemeyer (2011) baseiam-se nos *corpora* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). A partir dos resultados encontrados, os autores objetivam mostrar que a estratégia padrão (*piedpiping*) convive com as inovadoras cortadora e resumptiva, como evidenciam os exemplos a seguir:

(157) Não, houve ocasião **em que** havia muito cólera... (Padrão – São Tomé).

(158) Esse jornalista \emptyset **que** estamos aqui a falar... (Cortadora – Cabo Verde).

(159) Meu filho foi batizado no católico e a mulher **que** eu vivo com ela também é católica.
(Resumptiva – São Tomé).

Diante dos achados linguísticos, os estudiosos defendem que a preferência pela estratégia cortadora poderá estar relacionada com a reestruturação das “grelhas argumentais” dos verbos no Português São-Tomense (POST), conforme Gonçalves (2010) e, assim, esse fato constituiria em um contraste com o Português Caboverdiano (POCV), igualmente ao que

ocorre no PE e no PB. Segundo os autores, na variedade POCV, a presença de relativas cortadoras não está, tipicamente, relacionada com a alteração na estrutura argumental dos verbos.

No contexto sociolinguístico, o português falado em São Tomé e Cabo Verde convive com línguas crioulas, sendo o português uma L2. Entretanto, tem havido uma nativização acelerada do português devido à perda da competência linguística das línguas crioulas pelos mais jovens. Assim, os autores mostram que há diferenças significativas entre POCV e o POST, pois enquanto, nesta última variedade, tal como o PM, há construções relativas de duplo objeto e tendência à transitivização direta das grelhas argumentais, isso não se verifica no POCV (ALEXANDRE, GONÇALVES E HAGEMEUEER, 2011, p. 19):

(160) Criou Ø criança tanto problema. (POST)

(161) Entrega senhor uma cerveja (POST)

Por conseguinte, no estudo verificou que a estratégia de cópia nula (cortadora), que é canônica em PE, verificou-se sua presença tanto no POST como no POCV (ALEXANDRE, GONÇALVES E HAGEMEUEER, 2011), como em:

(162) Devido a problemas, é, profissionais, que ele teve [~~problemas~~]. (POCV)

(163) Eis a razão que eu aceitei fazer a formação em medicina [~~por que a razão~~]. (POST)

Segundo os pesquisadores, as preposições que foram afetadas, em sua maioria, são tipicamente aquelas que desempenham a função de marcador de Caso (*a* e *de*), no PE e no POST. Já no POCV, não foram registadas **cortadoras** com a função gramatical de OI ou OBL, introduzidas por “a”. Registrou-se, entretanto, o corte de preposições com maior conteúdo lexical, como *em* ou *com*, no PE e em ambas as variedades africanas em estudo. No POST, a preposição *em foi* a mais afetada em contextos de adjuntos, como em (ALEXANDRE, GONÇALVES E HAGEMEUEER, 2011, p. 22):

(164) Porque há zonas aqui Ø que água entra casa [~~em zonas~~], cresce.

Para além desses dados, os autores atestam a estratégia da cópia defectiva, em que esta é apenas encontrada no POST, ocorrendo em contextos de relativização de PPs. Assim, identificam-na a partir da presença de uma forma pronominal invariável (da terceira pessoa do singular, do gênero masculino) na cauda da cadeia-*wh.*, como em:

(165) [_{Fem, Sing} A própria escola] que eu estudei [_{Masc, Sing} nele].

Os autores afirmam que esta cópia defectiva seria uma transferência do crioulo.

Em linhas gerais, os resultados obtidos por Alexandre, Gonçalves, Hagemeyer (2011) revelam: (i) as estratégias de relativização padrão e não padrão são atestadas nas duas variedades analisadas; (ii) as relativas cortadoras ocorreram com maior frequência no POST e, provavelmente, se deve à tendência de uma possível reestruturação na grelha argumental no POST. Nesse quesito, a diferença da convergência da presença das estratégias nas duas variedades pode não ter o mesmo fator de causalidade; (iii) nos crioulos de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, a cópia defectiva e a resumptiva são de distinta natureza das duas estratégias principais no POCV e no POST, o *pied-piping* e a cortadora e (iv) associadas às diferenças linguísticas apresentadas entre o POCV e o POST, está um enredo complexo de fatores de natureza sociolinguística e extralinguística que dita a emergência de uma variedade L1 em São Tomé e Príncipe, em que esta variedade se apresenta mais afastada da norma europeia do que o Português L2 falado em Cabo Verde (ALEXANDRE, GONÇALVES E HAGEMEYER, 2011, p. 31). Portanto, acreditamos que o comportamento das estratégias de relativização do POST e do POCV pode-se, em certos contextos sintáticos, se assemelhar com o que ocorre no PB, principalmente ao que diz respeito à presença cada vez mais frequente das estratégias resumptiva e cortadora.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A menina.
O anjo.
A flor de todos os tempos.
A que não morrerá nunca.
- *A flor de todos os tempos*, Manuel Bandeira (1948).

Ao adentrarmos nos caminhos da Sociolinguística Histórica do PB, é necessário antes mencionarmos o macrocampo em que se encontra enquadrada a Sociolinguística Histórica: a Linguística Histórica (*doravante* LH).

Nesse sentido, segundo Mattos & Silva (2008), em seu livro *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*, a LH é conhecida, tradicionalmente, como o campo da Linguística responsável por interpretar e descrever as mudanças linguísticas ao longo do tempo histórico. Portanto, “a descrição e a história da língua situam-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica” (COSERIU, 1979, p. 236).

3.1. BREVES INCURSÕES SOBRE A LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Como as línguas naturais estão envolvidas em um longo e complexo processo de paulatinas e ininterruptas transformações, é necessário reconhecê-las como históricas, pois, como afirmado por Faraco (2006) “as línguas estão envolvidas num complexo fluxo temporal de mutações e substituições, de aparecimentos e desaparecimentos, de conservação e inovação” (FARACO, 2006, p. 91). Dessa maneira, de modo geral, a tarefa fundamental da LH é a preocupação com as transformações ocorridas nas línguas naturais ao longo do tempo. Entretanto, o conceito de que a LH preocupa-se com as transformações que ocorrem nas línguas naturais ao decorrer do tempo é insuficiente, pois, como afirma Matos & Silva (2008), dentro desse campo de investigação, há diversos outros subcampos que irão ocupar-se em perceber as mudanças em línguas ou famílias de línguas, mudanças em aspectos fonético/fonológicos, morfológicos, sintáticos ou até semântico-lexicais, estas manifestações linguística são ou foram usadas por uma determinada comunidade de falantes, em uma determinada localização geográfica.

Dessa maneira, é preciso reconhecer que, dentro dos estudos em LH, há uma divisão em duas grandes vertentes: a LH *lato sensu* e a LH *stricto sensu*. Dentro dessa divisão, conforme Mattos & Silva (2008), a vertente da LH *lato sensu* trabalha com dados que

necessariamente devem ser datados e localizados, como estudos que utilizam *corpora* tal como os estudos descritivos que se baseiam no estruturalismo americano; como também, por exemplo, são os estudos sociolinguísticos da linguística variacionista que se utilizam de método de quantificação por meio de programas informatizados que permitem cruzar variáveis. Por outro lado, a autora considera LH *stricto sensu*⁵² os estudos que se propõem a investigar necessariamente o que muda e como muda nas línguas naturais em uso através do tempo. Mattos & Silva (2008) afirma que a LH em sentido *stricto* pode ser trabalhada levando em consideração estas duas orientações:

- a) a Linguística Histórica sócio-histórica:** que considera fatores extralinguísticos ou sociais;
- b) a Linguística Histórica diacrônica associal:** que considera fatores intralinguísticos.

Dessa maneira, a LH sócio-histórica, esta que subjaz este trabalho trata tanto de fatores extralinguísticos (ou sociais) quanto de fatores intralinguísticos, como proposto pelos estudos S. Romaine (2009 [1982]) e pelos estudos sociolinguísticos da perspectiva da Variação e Mudança (LABOV, 1994).

Quanto à LH diacrônica associal, considera apenas fatores intralinguísticos, como os estudos do estruturalismo diacrônico de Martinet (1955), ou ainda, como os estudos do gerativismo diacrônico de Lightfoot (1979). Lightfoot (1979) trabalha com o conceito da mudança ocorrer de geração a geração e com o conceito de intralinguístico considerar a gramática interna na mente do falante (o processamento), diferentemente de estudos nas perspectivas da Teoria da Variação e Mudança, que abarcam o intralinguístico como propriedades do sistema linguístico em si mesmo, como discutiremos no subtópico sobre o conceito de mudança nos estudos diacrônicos.

Diante dessas questões, é fundamental destacarmos na presente tese como a Sociolinguística Histórica, a partir da LH, foi desenvolvida, como o conceito de mudança adotado nos estudos dentro dessa perspectiva pode ser compreendido e como a mudanças, mais especificamente no âmbito da Sintaxe Diacrônica, seguindo a perspectiva da teoria gerativa, é abordada. Essa contextualização é essencial devido à necessidade de se querer trabalhar, na medida do possível, em interface para atender as demandas que a análise quantum-qualitativa tem exigido para interpretação, a partir de dados estatísticos intra e

52 Mattos & Silva (2008, p. 10) ainda afirma que a LH no sentido *stricto* (ou estrito) depende diretamente da filologia, já que “tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se indispensáveis às análises linguísticas de longa duração” (MATTOS & SILVA, 2008, p. 10).

extralinguísticos de textos escritos de séculos passados (e até mesmo de anos mais próximos da nossa atualidade), do que muda ou permanece no PB acerca das relativas produzidas por pernambucanos. Assim, discutiremos brevemente o conceito de mudança na então Sociolinguística Histórica e em estudos acerca da sintaxe diacrônica, intuindo delimitarmos o escopo teórico-metodológico necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

3.1.1. A Sociolinguística Histórica e o conceito de mudança

O campo da Sociolinguística Histórica surge em meados da década de 80 do século passado com a efervescência dos estudos Sociolinguísticos e na tentativa de buscar descrever e explicar as variações e mudanças linguísticas ocorridas ao longo do tempo une-se, então, em interface, com a Linguística Histórica. Dessa maneira, inicialmente, é cunhado o nome de Sócio-História pela precursora Suzanne Romaine (2009 [1982]), em seu livro *Socio-historical linguistics: its status and methodology* (2009 [1982]).

A proposta de Romaine (2009 [1982]) parte do fato de que a questão da variação ao longo do tempo é observada há muito tempo tanto pela LH quanto pela Dialectologia, até antes mesmo de surgir a Sociolinguística como disciplina.

Nesse sentido, é fundamental trazer para nossa metodologia a compreensão teórica-metodológica da Sociolinguística quantitativa para considerar os dados estatísticos de língua escrita, já que tanto a língua falada quanto a escrita são diferentes formas de manifestação linguística (ROMAINE, 2009 [1982]). Nessa ótica, Romaine (2009 [1982]) afirma que qualquer pessoa pode observar que duas amostras de fala ou escrita são diferentes e, nesse sentido, a Sociolinguística pode nos mostrar que essas diferenças podem ser mensuráveis, isto é, que existem padrões de escolhas. Dessa forma, é fundamental observar tais condições ou fatores que podem influenciar certas escolhas e é nesse ponto que a metodologia Sociolinguística é aplicável (ROMAINE, 2009 [1982], p. 13).

Nesse sentido, falar de Sócio-história é, como Mattos & Silva (2008) afirma, incluir, principalmente, os fatores extralinguísticos na análise de dados (escritos ou orais) que variam ao longo do tempo. Logo, inclui-se no escopo da LH, que investiga a mudança através de dados de escrita, o método analítico quantitativo da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994) que enfoca na variação e mudança através de dados de fala. Desse modo, passa-se a considerar, na investigação das mudanças em textos escritos, a teoria da Variação & Mudança (LABOV, 1994) na interpretação dos dados históricos e, sobre essa questão Conde

Silvestre (2007), em seu livro *Sociolingüística Histórica*, destaca a amplitude da Sociolingüística Histórica a partir das palavras de Gimeno (1982, p. 184-185):

“[...] la lingüística histórica que intenta construir una teoría global para explicar la naturaliza del cambio que há ocurrido en el tiempo, la Sociolingüística Histórica se ocupa tanto de los fundamentos generales e históricos del cambio, como de la comprensión y explicación de procesos de cambio concretos a partir de las correlaciones entre factores lingüísticos y sociales” (GIMENO, 1983 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 34).

É no sentido de conhecer as relações e o contexto social e histórico que Conde Silvestre (2007) salienta a importância de se tentar reconstruir o perfil social de quem escreve os textos. Assim, é necessário aguçar o olhar para os papéis sociais, as relações hierárquicas ou simétricas, o gênero, idade, entre outros fatores extralingüísticos. Nessa perspectiva, a mudança mostrada pelo comportamento lingüístico presente em textos ao longo do tempo é observada, pelo investigador em LH, em *tempo real*⁵³, isto é, variando ao longo de distintas épocas e, possivelmente, em uma fase inicial ou intermediária de mudança que ocorrerá ao longo de gerações. Dessa maneira, Conde Silvestre (2007) destaca que a compreensão do cientista acerca dos fatos lingüísticos do passado deriva, sobretudo, a partir da observação e compreensão do presente, dessa forma “analizando las relaciones entre variación o cambio lingüístico y contexto social que se dan en la actualidad — para lo cual cuenta com datos fiables, auténticos y abundantes —, podría entender de forma razonable lo que ocurrió en la historia de la lengua” (MILROY, 1992 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 40).

Para reconstruir historicamente as mudanças que ocorrem na língua, a LH, de forma geral, emprega o *Princípio do Uniformitarismo* em que as forças operadas nas mudanças do passado operam nas mudanças ou no processo de mudança do presente (WHITNEY⁵⁴, 1967; LABOV, 1994). Nessa ótica, os dados de mudanças lingüísticas do presente podem explicar os dados do passado a partir da observação e da inferência da mudança em curso. Do contrário, Romaine (2009 [1982]) argumenta que, ao se considerar para os estudos em LH os métodos analíticos da Sociolingüística Variacionista, será possível, então, prever e explicar as causas de mudanças na língua do presente, a partir da observação de dados do passado. Dessa maneira, a Sociolingüística Histórica deverá se preocupar em descrever e explicar as variações e mudanças lingüísticas em seu contexto social, cultural e histórico.

53 Conforme Labov (1972, 1994).

54 Na lingüística, o conceito de *Uniformitarismo* foi primeiramente discutido pelo neogramático William Dwigth Whitney (1967).

3.1.2. A Sociolinguística: considerações sobre o aporte teórico-metodológico

Em relação ao caminho teórico-metodológico de análise da Sociolinguística Histórica, de maneira geral, por tratar de dados escritos do passado, pode-se apresentar dificuldades desde a coleta até a fase de análise quantitativa dos dados. Entretanto, essa tarefa consiste basicamente na transcrição do *corpus* coletado; na delimitação da variável a ser analisada; na seleção das variáveis linguísticas e extralinguísticas e, por fim, na quantificação dos dados através de um programa computacional e estatístico.

Dentro dessa perspectiva, é fundamental destacar que o conceito de análise de dados intralinguísticos (ou linguísticos) está relacionado à compreensão do sistema da língua em si mesmo (LABOV, 1972; 1994), de uma compreensão da língua em sua *heterogeneidade ordenada* (LABOV, 2008 [1972]). A intenção desta investigação, portanto, é considerar o que há de linguístico, mas sem desconsiderar os fatores extralinguísticos presentes na história das relativas e, portanto, considera-se a Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 2009 [1982]) para interpretação de dados estatísticos que dizem respeito ao falar/escrever de um povo em certos contextos, com certos perfis sociais, e também com dados intralinguísticos diacrônicos.

Um dos fatores extralinguísticos importantes para a análise das estratégias de relativização é a natureza dos gêneros textuais escolhidos para este estudo, pois, conforme Costa (2019), Gomes (2007), Gomes e Lopes (2016), os aspectos linguístico-discursivos presentes nos gêneros textuais revelam traços que podem indicar uma maior proximidade relacional entre os interlocutores e, também, traços com marcas de oralidade. Isso dependerá dos aspectos presentes em cada gênero textual escolhido, como as cartas pessoais que são direcionadas para um leitor específico, geralmente de caráter mais íntimo, o que a difere, por exemplo, do editorial, em que há um tempo maior para sua produção e revisão, geralmente escrito com maior preocupação e rigor gramatical.

Ademais, o editorial também se difere da carta do leitor, mesmo fazendo parte do mesmo suporte (jornal) e mesmo sendo de natureza jornalística, devido, dentre outros aspectos, ao maior rigor com as regras gramaticais. No caso da carta do leitor objetiva ser mais acessível aos leitores ao responder suas perguntas, reclamações, entre outros, provavelmente isso favorece o uso das estratégias de relativização mais inovadoras. Nessa ótica, acreditamos que esses aspectos podem contribuir para o uso ou não uso de relativas padrão e não padrão (inovadoras), favorecendo seu maior aparecimento em determinados gêneros textuais, em detrimento de outros.

Nesse sentido, adiantamos que consideraremos, à semelhança de Lopes e Carvalho (2019), para explicações que consideram os aspectos sociais nos estudos de variação e mudança linguística, explicações funcionais da Sociolinguística Histórica e, assim, procuramos fazer o melhor uso dos “maus dados” (LABOV, 1972, P.20). Nessa ótica, é fundamental discutir qual o conceito de mudança linguística considerado para a análise das estratégias de relativização presentes em manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX e XX.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“o tipo de dados de que dispõem os que trabalham no campo da linguística histórica[...]: “hearing the inaudible”⁵⁵ e “the art of making the best use of bad data”⁵⁶ (Mattos & Silva, 2008, p. 07).

Para a realização deste estudo sobre as estratégias de relativização no PB, adotamos a perspectiva da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007). À semelhança de outras pesquisas sobre a temática maior desta tese, realizamos uma análise quantitativa dos dados, partindo-se do aporte teórico-metodológico da Sociolinguística quantitativa (LABOV, 1972; WLH⁵⁷, 1968), visando quali e quantitativamente saber quais estratégias de relativização se sobressaem ao longo das décadas dos três séculos em manuscritos e impressos de pernambucanos, tendo em mente os diferentes contextos sintáticos em que aparecem.

Durante o tratamento dos dados, foi adotado o método de abordagem hipotético-dedutivo (POPPER, 1975) que, segundo Marconi e Lakatos (2003), se caracteriza pela “percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese” (MARCONI; LAKATOS, 2003, P. 106).

A principal lacuna que tentamos dirimir é a da urgente necessidade em se investigar as estratégias de relativização do PB presentes em documentos manuscritos e impressos pernambucanos dos séculos XIX ao XX, considerando as especificidades do falar e do escrever de cada região brasileira, tendo em vista a dimensão territorial e cultural do Brasil, a fim de observar e mapear o comportamento das ocorrências do uso do fenômeno da relativização no falar do PB. Desse modo, por não termos acesso aos dados do passado, a investigação através dos textos, enquanto “testamento” ou documentos históricos, é fundamental para reconstituirmos a história das estratégias de relativização no PB.

Por consequência, o trabalho com o texto enquanto testemunho do passado exige-se que adotemos, como métodos de procedimento, o método histórico, comparativo e estatístico (Conforme GUY; ZILLES, 2007; MARCONI; LAKATOS, 2003).

Ademais, é fundamental, no âmbito da Sociolinguística Histórica, conforme Gomes e Lopes (2016, p. 140) destacam, salientar que

É preciso considerar, entretanto, as especificidades e as dificuldades enfrentadas nos trabalhos com fontes históricas. Não basta, para as análises da sociolinguística

55 Traduzido como “Ouvir o inaudível” (conforme, Roger Lass, 1997, p. 45)

56 Traduzido como “Fazer o melhor uso dos maus dados” (conforme, William Labov, 1972, p. 20).

57 Refere-se a Weinreich.; Labov; Herzog (1968).

histórica, a simples transposição da metodologia de base laboviana. Os estudos de sociolinguística histórica enfrentam diversos problemas para a análise de textos de sincronias passadas, uma vez que a informação sobre as fontes que nos chegam às mãos é “fragmentária, escassa e dificilmente vinculável com a produção real de seus falantes” (CONDE-SILVESTRE, 2007, p. 35). Um dos problemas centrais está relacionado à constituição da amostra. Os dados são procedentes de textos escritos que sobreviveram na atualidade ‘por sorte’. Isso significa, por exemplo, que o controle de fatores externos, como faixa etária, escolaridade, gênero, categoria social, pode ser lacunar, pois os informantes não estão mais à disposição do investigador como ocorre nos estudos sincrônicos. Os dados costumam se restringir aos grupos alfabetizados da comunidade, em geral, constituídos por homens com *status* médio a alto. Além disso, só determinados estilos e registros são recuperáveis nos acervos; nem sempre a amostra para análise é homogênea (GOMES; LOPES, 2016, p. 140)

Dessa maneira, ao “escavarmos”⁵⁸ exaustivamente os dados da língua do passado ao presente, pretendemos “Ouvir o inaudível” (LASS, 1997, P. 45). Portanto, o uso do método comparativo agrega diversas possibilidades analíticas na observação das relativas, por isso, a partir da comparação e especificidades de cada gênero textual e entre séculos, é importante a busca por variáveis extralinguísticas que podem contribuir na escolha do uso das relativas padrão e não-padrão. Dentre essas variáveis extralinguísticas, teremos a comparação entre os séculos, isto é, fator tempo, e este será um dos principais critérios de separação das rodadas no programa computacional estatístico (*GoldvarbX*), outro critério é a separação da rodada por gênero textual, afim de diferenciar os textos manuscritos e impressos segundo suas especificidades. Isso possibilitará, quando possível, na comparação entre os gêneros e na distinção entre eles pensando em suas peculiaridades composicionais, no grau de formalidade dos textos, quando houver interlocutores, na relação de intimidade/espontaneidade entre os interlocutores - relação essa que auxilia para a proximidade comunicativa (KOCH; OESTERREICHER, 2006).

Diante do exposto em relação a comparação entre gêneros, destacamos que foram escolhidos gêneros mais próximos da oralidade (ou proximidade comunicativa), tendo em vista a que essa definição de proximidade parte-se do que compreendemos enquanto fala/oral e escrita/escritural, como afirma Costa (2019, p.69) de que existem expressões que são realizadas foneticamente, contudo a configuração linguística delas é estabelecida em uma espécie de “intuição de oralidade” (orações fúnebres, explicações de um guia turístico). Por outro lado, existem expressões realizadas graficamente que serão pouco prováveis de corresponder à ideia que se tem da escrita, por conter elementos da fala (anotações de aulas, carta pessoal). Nesse sentido, ao diferenciar o **meio** de realização fônico e gráfico da **concepção** de língua falada e escrita, Ludwig Söll (1974 *apud* KOCH; OESTERREICHER,

58 À maneira de Tarallo (1990).

2006) compreende a concepção enquanto configuração linguística da expressão (a planificação sintática, a coerência textual). Por não haver uma plena equivalência entre meio e concepção, Koch e Oesterreicher (2006,2008) compreendem aspectos universais da oralidade e da escrita como um *continuum*²¹. Nesse sentido, Marcuschi (2008) exemplifica que um poema declamado é um **texto escrito**, mas que se realiza na **oralização**. Portanto, não irá se tornar uma linguagem falada no ato da declamação; nesse sentido, “a concepção (escrita ou oral) indica o meio originário de produção, mas não a natureza do ato cognitivo de criação”(MARCUSCHI, 2008, p. 192).

Nesse curso, é por esse motivo que escolhemos gêneros textuais como a carta pessoal (manuscrito), e os gêneros jornalísticos, carta do leitor, anúncios e editorial. Este último gênero textual foi escolhido por ter a sua concepção de língua escrita e também realizar-se no meio gráfico, assim espera-se que haja uma menor espontaneidade e uma maior preocupação com normas gramaticais e, portanto, uma menor espontaneidade nas relações, não por estar em um jornal, mas por ter uma finalidade comunicativa diferente de outros textos, como a carta do leitor, que mesmo sendo editada e revisada por terceiros, contém a voz do leitor enquanto interlocutor do jornal. Dessa maneira, acreditamos também que os modos tradicionais de dizer, isto é, as Tradições Discursivas auxiliam na identificação dos gêneros dos manuscritos e impressos selecionados para análise das Relativas restritivas.

Quanto ao método estatístico, será fundamental para que possamos obter resultados quantitativos, tanto percentual quanto para apresentar o peso relativo das variáveis referentes ao uso das três estratégias de relativização nos dois séculos, XIX e XX, tendo em mente os diferentes tipos de gêneros em análise. Para tanto, os dados que compõem os *corpora* foram codificados a partir de variáveis linguísticas e extralinguísticas que serão descritas mais adiante.

Vale referirmos ainda que este estudo se inscreve como uma pesquisa documental, haja vista que os dados coletados serão provenientes de documentos históricos (manuscritos e impressos dos séculos XIX e XX, disponíveis em diferentes acervos e no *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB-PE)⁵⁹ cujo coordenador geral é o Prof. Dr. Ataliba de Castilho (UNICAMP).

59 Em Recife-PE, o projeto é coordenado pelo Professor Kleber Ataíde. O conjunto dos *corpora* das cartas pessoais pernambucanas foram coletadas pela autora desta tese e por outros integrantes do PHPB-PE e, portanto, é importante salientar que várias investigações com documentos históricos vêm sendo desenvolvidas sobre a história do português pernambucano na perspectiva sócio-diacrônica.

4.1. A COMPOSIÇÃO DOS CORPORA

Sobre as cartas pessoais, já foram coletadas em Pernambuco, tendo a aprovação do Comitê de Ética da UFPE (nº: 2.590.379) durante a realização do mestrado (COSTA, 2019). Ademais, vale referimos que tivemos dificuldade em coletar cartas, sobretudo do século XX e, principalmente, do século XIX, pois neste último século já não se enviam mais cartas com tanta frequência, devido às novas formas que são tecnologicamente mais rápidas de comunicação. Nesse ótica, coletamos 143 manuscritos e impressos que estão incluídas dentro do escopo temporal da 2ª metade do Século XIX e das duas metades do Século XX. Em estudos futuros, pretendemos ampliar esta pesquisa para percebermos como se comportam as relativas em textos da atualidade, orais e escritos. Assim sendo, nesta tese, nos voltaremos apenas aos textos escritos do passado.

Quanto aos manuscritos e impressos, de forma geral, foram coletados nos seguintes estabelecimentos ou plataformas digitais:

- ◆ Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE-PE), localizado na rua Imperial, nº 1069, Recife-PE, coordenado por André Luiz Tognoli Lima;
- ◆ Acervo da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ-PE), localizado na avenida Dezanete de Agosto, nº 2187, Recife-PE, coordenado por Carlos Antônio Ramos de Carvalho;
- ◆ Banco de dados do PHPB-PE, coordenado pela professora Valéria Severina e vinculado à Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE), localizada na rua Manuel de Medeiros, s/n -Dois Irmãos, Recife-PE;
- ◆ Diário de Pernambuco coletado digitalmente no site da Biblioteca Nacional (BNDigital): <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Diante do exposto, vale ressaltarmos que todos os jornais são de domínio público e, portanto, não submetemos ao CEP/UFPE. Para tanto, distribuimos os manuscritos em: cartas pessoais (subgêneros: amor, amigo, família) e os impressos em: jornais (cartas do leitor, editorial, anúncios). Diante disso, esperamos testar umas das hipóteses desta pesquisa de que, à semelhança do que ocorre em dados orais analisados em outras pesquisas, possivelmente haverá um aparecimento, ao longo do tempo, sobretudo no século XX, de ocorrências das estratégias de relativização mais inovadoras em manuscritos e impressos pernambucanos

Dessa maneira, Kenedy (2007, 2008) afirma que a relativa padrão não faz parte da competência natural do PB, por, provavelmente, essa estrutura talvez ser adquirida através do

processo de escolarização e, nesse sentido, talvez seja essa a causa da dificuldade de adultos em julgar e processar essas estruturas. Entretanto, diferentemente de Kenedy (2007) - que acredita que textos escritos apresentariam um quantitativo maior da relativa padrão, por serem formais -, diferenciamos meio (fônico/gráfico) de concepção (oral/escritural) e acreditamos que textos mais próximos da oralidade tendem a apresentar uma alta produtividade das relativas mais inovadoras, assim como em dados de fala. Por isso, para termos acesso a dados do passado e realizarmos o levantamento diacrônico das relativas em diferentes gêneros, recorreremos a manuscritos e impressos do passado e, para além disso, consideraremos o *continuum* textual proposto por Koch e Oesterreicher (2006, 2008) sobre a proximidade/distância comunicativa.

A seguir, elencamos a quantitativo geral de material coletado para constituição dos *corpora* desta pesquisa sobre as relativas:

Tabela 8. Quantitativo geral de manuscritos e impressos coletados pernambucanos dos séculos XIX ao XX

Gêneros textuais	1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL
Carta de família	-	9	13	1	23
Carta de amigo	-	12	6	3	21
Carta de amor	-	-	22	-	22
Carta do leitor	11	1	7	4	23
Anúncios	-	20	11	8	39
Editorial (Cartas do Redator)	5	-	5	5	15
TOTAL	16	42	64	21	143

Fonte: Autora desta tese

4.2. O TRATAMENTO DOS DADOS

Ao nos propormos a realizar uma pesquisa no âmbito da Sociolinguística Histórica, consideramos nos ancorarmos teórico-metodologicamente na perspectiva da Sociolinguística Quantitativa. Por isso, estamos considerando estas três fases (GUY; ZILLES, 2007, P. 20):

Fase 1: coleta dos dados;

Fase 2: redução e apresentação dos dados;

Fase 3: a interpretação dos dados.

No que se refere à primeira etapa, consistiu em uma pesquisa documental (de manuscritos e impressos) em que foi realizada, inicialmente, uma leitura rápida dos documentos e posterior registro fotográfico ou *download*, quando se tratou de acervos digitais. Para a seleção desses documentos, foram levados em consideração os seguintes critérios:

- a) ser de interlocutores ou escritores pernambucanos (observação e resgate do perfil social⁶⁰ dos interlocutores);
- b) possuir data, ano e localização;
- c) apresentar legibilidade;

A partir desses critérios, estabeleceu-se a segunda etapa que foi constituída pela redução dos *corpora* que apresentaram os dados das estratégias de relativização observadas ao longo dos três séculos, a saber: a relativa padrão e as relativas não-padrão (resumptiva e cortadora). Para tanto, será dado um tratamento filológico nos manuscritos e impressos, pois a recuperação filológica, sobretudo no que diz respeito à transcrição, “[...] torna-se o *corpus* indispensável às análises das mudanças linguísticas de longa duração” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 10). Dentro dessa perspectiva, realizamos a transcrição filológica dos trechos dos documentos que apresentaram as estratégias de relativização analisadas, seguindo o quadro de notações filológicas sugerido por Guedes e Berlinck (2012):

Tabela 9. Notações filológicas para transcrição

[]	Indica a ausência de uma letra/sílaba na palavra ou de uma palavra dentro de um enunciado. Ex.: a[c]eita-se pedidos; para poder continuar [] vender;para o verão e arti[]s de modas.
[[]]	Indica que a letra/sílaba/palavra estão repetidas. Ex:

60 Conseguimos resgatar o perfil social das cartas pessoais, entretanto, devido à natureza do gênero jornalístico – de ser escrito por mãos diversas – não conseguimos fazer esse mesmo resgate nos impressos.

	dirigi[[di]]ram; dinheiro [[a dinheiro]].
[ilegível], [furo], [corroído], [espaço]	Indica que uma dessas situações aconteceu no texto transcrito. Ex.: assim ao modo de [ilegível] que há tempos; faz [furo] sciente ao Público; vende-se huma propriedade [corroído] de três andares; de profição agrônomo. [espaço]com boas referência.
	Na maioria dos casos, a barra simples indica mudança de linha.
	Indica mudança de parágrafo.
<i>Itálico</i>	Indica desenvolvimento de abreviaturas. Ex.: Senhor, réis, número, Excelentíssimo, Nossa Senhor, ReVerendíssima, etc.

Fonte: Guedes e Berlinck (2012, p. 12)

Dessa maneira, realizamos a transcrição das ocorrências presentes nos manuscritos e impressos, buscando conservar a originalidade dos textos e, além disso, sinalizar possíveis marcas de corrosão, manchas, rasgados, etc. Nesse sentido, considerando as notações filológicas apresentadas no quadro acima, utilizamos a transcrição conservadora diplomático-interpretativa (ou semi-diplomática), objetivando, assim, o respeito às especificidades do texto original, como grafia, pontuação, anotações ao redor quando manuscrito, etc. Por isso, entendemos que “ a transcrição diplomático-interpretativa (ou semi-diplomática) vai mais longe na interpretação do original, pois já representa uma tentativa de melhoramento do texto com [...] o desdobramento das abreviatura (trazendo as letras, que não configuram o original, colocadas entre parênteses) [...]” (SPINA, 1977, p. 79).

Para além das notações filológicas, acreditamos também que o olhar para as peculiaridades dos gêneros selecionados para análise nos auxiliará na comparação entre os gêneros textuais e na a percepção se a proximidade/distância comunicativa (KOCH; OESTERREICHER, 2006), a partir das características do composicional dos gêneros, expressões formulaicas ou modos tradicionais de dizer (KABATEK, 2006), confirmará a hipótese ou não de que a realização da relativa padrão, realizada com maior frequência em textos escritos - sendo alguns desses textos mais próximos da oralidade que outros -, é antinatural, nos termos de Kenedy (2007), no quesito de processamento e aquisição, pois estaria ligada ao processo de escolarização e, portanto, as relativas não padrão (cortadora e

resumptiva) estariam mais ligadas ao uso menos formal que, nesta tese, consideramos como textos com maior espontaneidade das relações, por exemplo, cartas pessoais, cartas do leitor, por assim dizer.

Por fim, para que a terceira etapa (a interpretação dos dados) tenha sido possível, os dados receberam o tratamento quantitativo pelo programa computacional *GOLBVARBX* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Para tanto, os dados das cartas e jornais foram codificados consoante às seguintes variáveis (dependente e independentes) apresentadas a seguir:

Tabela 10. variáveis selecionadas para rodadas dos dados no GoldvarbX

Código	VARIÁVEL DEPENDENTE
	I Estratégia de relativização
P	Relativa Padrão
R	Relativa Resumptiva
C	Relativa Cortadora
	VARIÁVEIS INDEPENDENTES (Intra e Extralinguísticas)
	VARIÁVEIS INTRALINGUÍSTICAS
	II Contexto do marcador relativo
D	Com preposição
T	Sem preposição
Q	Corte da preposição
	III Tipo de verbo
t	[+] transitivo
i	[-] transitivo
	IV Posição sintática relativizada
S	Sujeito (SU)
d	Objeto Direto (OD)
I	Objeto Indireto (OI)
O	Oblíquo (OBL)
G	Genitivo (GEN)
L	Locativo (LOC)
A	Adjunto (ADJ - temporal/modal)
	V Contexto semântico da preposição
L	[+] lexical
n	[-] lexical
s	Sem preposição
	VI Animacidade do sintagma nominal da oração matriz
H	[+ humano]
h	[- humano]
	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS
	VII Tempo
1	1ª metade do século XIX (de 1801-1850)

2	2ª metade do século XIX (de 1851-1900)
3	1ª metade do século XX (de 1901-1950)
4	2ª metade do século XX (de 1951-2000)
VIII Faixa etária	
J	Jovem (de 14 a 30 anos)
A	Adulto (de 31 a 65 anos)
V	Idoso (a partir de 65 anos)
K	Não identificado
IX Gênero/ sexo	
F	Feminino
M	Masculino
W	Não identificado
X Escolaridade	
E	[+ escolaridade]
b	[- escolaridade]
Z	Não identificado
VARIÁVEIS INDEPENDENTES (Intra e Extralinguísticas)	
VARIÁVEIS INTRALINGUÍSTICAS	
II Tipo de verbo	
t	[+] transitivo
i	[-] transitivo
III Posição sintática relativizada	
S	Sujeito (SU)
d	Objeto Direto (OD)
I	Objeto Indireto (OI)
O	Oblíquo (OBL)
G	Genitivo (GEN)
L	Locativo (LOC)
IV Contexto preposicionado	
L	[+] lexical
n	[-] lexical
s	Sem preposição
V Animacidade do sintagma nominal da oração matriz	
H	[+ humano]
T	[- humano]
VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	
VI Tempo	
1	1ª metade do século XIX (de 1801-1850)
2	2ª metade do século XIX (de 1851-1900)
3	1ª metade do século XX (de 1901-1950)
4	2ª metade do século XX (de 1951-2000)
VII Faixa etária	
J	Jovem (de 14 a 30 anos)
A	Adulto (de 31 a 65 anos)
V	Idoso (a partir de 65 anos)
K	Não identificado
VIII Gênero/ sexo	
F	Feminino
M	Masculino

W	Não identificado
IX Escolaridade	
E	[+ escolaridade]
b	[- escolaridade]
Z	Não identificado

Fonte: quadro construído pela autora desta tese

É necessário salientar que as variáveis linguísticas, sobretudo, foram selecionadas *a priori* considerando os contextos já analisados por outros estudiosos sobre as estratégias de relativização no PB e no PE (TARALLO, 1985; RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009; PERES; MÓIA, 1995; ALEXANDRE, 2002). No entanto, quando necessário, outras variáveis foram adicionadas, visando à ampliação da análise.

Nesse quesito, o quadro abaixo mostra que foram consideradas para a análise do envelope de variação que diz respeito ao composicional e dos gêneros presentes nas cartas, conforme Castilho da Costa (2012):

Tabela 11. variáveis selecionadas para rodadas dos dados de cartas pessoais no *GoldvarbX*

Códigos	VARIÁVEIS INDEPENDENTES (Extralinguísticas - Cartas)
	X Relativa no composicional da carta
s	Saudação
c	Captação da benevolência
d	Desenvolvimento da carta
f	Finalização/despedita da carta
a	Assinatura da carta
p	Post scriptum
	XI Gênero da Carta
A	Carta de Amigo
M	Carta de Amor
F	Carta de família

Fonte: quadro construído pela autora desta tese

Para cada gênero descrito no quadro acima, será feita uma análise quantitativa com base nessas variáveis, e, quando possível, para compararmos os dados presentes em cartas de diferentes gêneros e séculos. No que se refere às cartas pessoais, em particular, acrescentaremos à variável de gêneros da carta pessoal (amor, amigo e família), essa subdivisão é motivada a fim de percebermos o estabelecimento a amizade/intimidade entre os

interlocutores (GOMES; LOPES, 2016), e também para melhor percebemos as relações de proximidade com a oralidade (KOCH; OESTERREICHER, 2006).

Consideramos que os modos tradicionais de dizer, isto é, as Tradições Discursivas, apresentam-se no composicional dos gêneros presentes nos jornais e nas cartas pessoais. As rodadas dos dados das relativas presentes especificamente nos jornais têm os seguintes códigos acrescentados como envelope de variação:

Tabela 12. variáveis selecionadas para rodadas dos dados no GoldvarbX

Códigos	VARIÁVEIS INDEPENDENTES (Extralinguísticas - Jornais)
	XI Gênero textual
A	Anúncio
C	Carta do Leitor
E	Editorial
	XIV Relativa na composição estrutural dos gêneros do jornal
i	Início
d	Desenvolvimento
f	Finalização

Fonte: quadro construído pela autora desta tese.

No caso dos gêneros presentes nos jornais do Diário de Pernambuco, escolhemos os gêneros anúncio, editorial e carta do leitor dos séculos XIX e XX. Desse modo, é preciso salientar que muitos dos textos encontrados digitalizados, tinham a presença irregular desses gêneros textuais ao longo dos anos, sendo estes identificados a partir das formas recorrentes de dizer que fazem parte da estrutura composicional de cada gênero; ou então, alguns jornais apresentaram muitos problemas de legibilidade, ainda que digitalizado, fazendo com que algumas textos fossem descartados da análise.

Além da análise quantitativa, os dados serão submetidos a uma análise linguística embasada na perspectiva da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 2009 [1982]), a fim de compreendermos as restrições impostas as estratégias de relativização bem como os mecanismos sintáticos envolvidos na produção dessas estratégias, tomando por base, igualmente os estudos Raposo e Figueiredo (2009) sobre as estratégias de relativização em atas, de perspectiva da Sócio-Histórica.

Para além do linguístico, é preciso ressaltarmos que metodologicamente, além de questões voltadas às propriedades estruturais das orações relativas, o contexto mais ou menos espontâneo⁶¹ dos manuscritos e impressos será considerado, seguindo os aspectos universais

⁶¹ Muitas vezes ligado às questões de formalidade/informalidade, como Kenedy (2007, 2008) afirma sobre textos escritos, mas que segundo Serra e Duarte (2015) é equivocada essa relação, por existir textos do meio gráfico que têm uma concepção oral, por exemplo cartas pessoais e em menor “grau” cartas do leitor.

da oralidade e da escrita como um *continuum* (KOCH; OESTERREICHER, 1997, 2006; PESSOA, 2003; MARCUSCHI, 2008), portanto, consideramos o gênero textual uma das variáveis independentes que inclui, por vezes, pistas do contexto com suas vicissitudes históricas e sociais.

Assim, torna-se urgente e necessário o mapeamento das relativas em documentos pernambucanos, pois, como já constatado por Costa (2019) e Pessoa (2002, 2003), os textos são testemunhos históricos e, alguns, apresentam traços e mais proximidade com a oralidade que outros. Os traços de proximidade/distância comunicativa serão verificados ao considerarmos a estrutura composicional dos gêneros textuais (cartas pessoais, cartas do leitor, editorial, anúncio) e as escolhas linguísticas e, assim, ao analisar os gêneros dos manuscritos e impressos pernambucanos coletados consideraremos os parâmetros das condições comunicativas: o grau de publicidade ou privacidade da comunicação, o grau de familiaridade e afetividade entre os interlocutores, o grau de implicação emocional, o grau de fixação ou de liberdade temática, o perfil social dos interlocutores, entre outros (KOCH; OESTERREICHER, 2006), a fim de percebermos os fatores extralinguísticos atuando no comportamento das relativas restritivas.

5. AS RELATIVAS RESTRITIVAS EM CARTAS PESSOAIS DOS SÉCULOS XIX E XX: O COMPORTAMENTO DO USO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM MISSIVAS DO LITORAL PERNAMBUCANO.

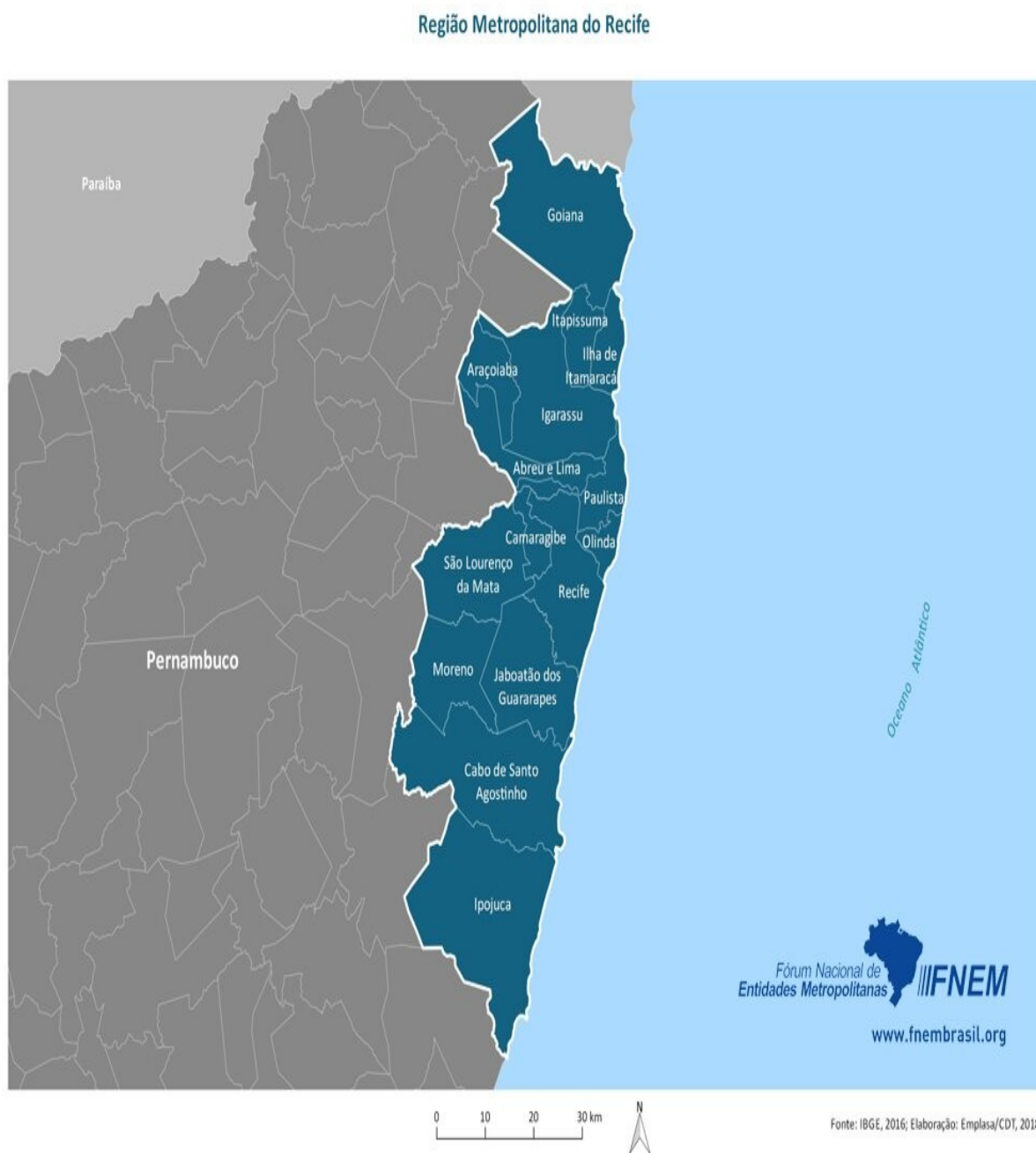
“O amor é uma árvore cujas raízes são profundas no coração, e seus ramos se estendem para abraçar todo o universo.” - Rumi.

Este presente capítulo pretende apresentar e discutir a análise dos dados das orações relativas encontradas nas cartas pessoais 66 de pernambucanos dos séculos XIX e XX, sendo 21 cartas do século XIX e 45 do século XX. Essas cartas pessoais foram escritas por homens e mulheres pernambucanos, ilustres e não-ilustres, tendo alto ou escasso grau de escolaridade. Além disso, todos os interlocutores são nascidos e foram, ao menos em algum momento, moradores de algum município da Região Metropolitana do Recife (RMR) - Pernambuco, Brasil. Esta região é capital de Pernambuco e está localizada no litoral, tendo cerca de 218 Km², abrigando atualmente, segundo o IBGE de 2017, aproximadamente 4 milhões de habitantes, ocupando o lugar de 4 cidade urbana mais populosa do Brasil. Por conseguinte, o mapa a abaixo mostra as cidades da RMR, que compreende algumas das regiões que os interlocutores das missivas do nosso *corpora* já habitaram no passado.

Nesse sentido, o intuito de estudar as relativas restritivas na escrita de pernambucanos, mais especificamente, nas cartas pessoais do século XIX e XX, surgiu da observação de que as estratégias de relativização tem alta produtividade de ocorrência dessas orações no português brasileiro falado e, também, na escrita íntima em sincronias passadas. Este estudo, portanto, tem por meta contribuir com o mapeamento das relativas em textos escritos diacrônicos, mais especificamente com os dados da RMR de Pernambuco, em adição a outros estudos já realizados sobre o comportamento das relativas em análise em outras variedades do português.

Considerando o mencionando anteriormente, e por não termos acesso aos dados de sincronias passadas, o acesso aos textos, enquanto “testamento” ou documentos históricos, é fundamental para reconstituirmos a estrutura da língua vigente em determinado momento da história e as possíveis mudanças ocorridas ao longo dos séculos no PB (Mattos & Silva, 2008).

Figura 8. Municípios da Região Metropolitana do Recife (RMR)



Fonte: FNEM Brasil

Do contrário, nos séculos XIX e XX, Recife possuía menos habitantes, era uma cidade menos populosa, entretanto, marcada por transformações culturais, econômicas e políticas as quais estabelecem a identidade da cidade ao longo do tempo. O legado desse período ressoa nas ruas históricas, nos monumentos preservados, na rica cultura e na preservação de tradições folclóricas, religiosas e de festas populares, é de fato uma cidade efervescente em cultura, poesia, artes, gastronomia e de paisagens belíssimas.

Os interlocutores das cartas, portanto, são Pernambucanos e seus perfis foram levantado a partir das fichas presentes nos acervos, das fichas de doações de cartas, quando não-ilustre e, também, através da leitura das próprias cartas, que identificam as relações entre os missivistas, as regiões de onde escrevem, moram ou nasceram, datas de envio e/ou escrita, a depender do próprio assunto da carta temos a possibilidade de reconstruir, às vezes, a história dos missivistas.

Na presente discussão dos dados para análise da presente tese, partimos em observar as estratégias de relativização a partir das ocorrências quantitativas geradas pelo programa estatístico *GoldvarbX*, das cartas pessoais do século XIX e XX. Dessa maneira, é fundamentalmente relevante ressaltarmos a distribuição geral das missivas que apresentaram, na seleção, sentenças relativas, por século e gênero da carta:

Tabela 13. Gênero da carta

Gênero da carta	Quantitativo por século			TOTAL (por gênero textual)
	2 ^a metade do século XIX ⁶²	1 ^a metad e do século XX ⁶³	2 ^a metad e do século XX ⁶⁴	
Amor	-	22	-	22⁶⁵
Amigo	9	6	3	18
Família	12	13	1	26
TOTAL (por cada metade dos séculos)	21	41	4	66

Fonte: Autora desta tese

No quantitativo geral, de fato, foram coletadas 130 missivas, entretanto, dentro dos critérios expostos na metodologia, apenas 66 missivas possuíam as ocorrências de relativas restritivas, estas que são nosso objeto de investigação, totalizando em 202 ocorrências de

62 Compreendemos enquanto segunda metade do século XIX os anos entre 1851 a 1900.

63 Compreendemos enquanto primeira metade do século XX os anos entre 1901 a 1950.

64 Compreendemos enquanto segunda metade do século XX os anos entre 1951 a 2000.

65 Sendo 22 cartas trocadas entre os interlocutores N. e J., em que selecionamos 12 cartas de N. e 10 cartas de J.

relativas distribuídas nos três gêneros da carta pessoal (amor, amigo e família) e nos dois séculos, XIX e XX. Ademais, os *corpora* codificados totalizaram em 5380 palavras e 26.053 caracteres sem espaço, ocasionando em um *corpora* de dados robustos acerca das estratégias de relativização.

Ademais, ao observarmos as características do composicional carta pessoal, citadas no terceiro capítulo desta tese, nos auxiliou a identificar com facilidade as relativas para analisá-las. Nesse sentido, após a transição das missivas, nos dedicamos a relê-las e perceber os elementos que constituem a sua estrutura composicional da carta pessoal. Desse modo, ao nos determos o olhar para a carta de amigo, do século XX - do acervo de Joaquim Nabuco⁶⁶; e uma carta de família do século XX, do acervo de Arthur Orlando⁶⁷.

Tabela 14. Composicional da carta pessoal para identificação e seleção das relativas

Modelo recorrente de composição da carta pessoal	Século XIX – Carta de amigo, JN, 27/07/1888	Século XX – Carta de família,
Local e data	Rio de Janeiro, 23 de julho de 1888.	Recife, 06 de setembro de 1895.
Saudação (<i>salutatio</i>)	Meu caro José Mariano,	Minha filha
Captção da benevolência (<i>captatio benevolentiae</i>)	Afinal, dirá <i>Você</i> o Nabuco me escreve! Mas na guerra como na guerra, até hoje não tenho descansado e assim se não nos escrevemos é porque estávamos trabalhando juntos pela mesma causa.	Todos os dias espero receber carta sua perguntei a Joãozinho
Texto (<i>narratio</i>)	O Beltrão entretanto com quem Você se corresponde disse-me hoje na Camara que <i>Você</i> havia-lhe manifestado contentamento por ter me eu declarado contra o Ministerio. É preciso á vista d'isto que eu lhe [init.] para <i>Você</i> conhece bem a minha attitude. Essa não mudou. Eu estou hoje onde estava hontem. Combato o João Alfredo no terreno dos Ban cos Hypothecarios como o susten tei no da abolição pelos mesmos motivos. Estou longe porem de querer derribar de qualquer forma juntando-me com os reac cionarios escravistas. Se elle quizer cahir, cáí com os olhos	disce elle q' voce a muito não escreve a elle q' já se esqueceo de escrever não basta o cuidado q' tenho em Eduardo . Continuo em caza de Sinha não tenho po dido alugar uma caza com dições em que Doutor quer , acaza deve ser em beiramar <i>para mim</i> tem sido custoso, hai outra razão que eu não heide hir. Só Generosa tinha tratado devir porem deu em beber não vale nada [fol. 1v] estou vendo se encontro ou- tro o que é bem custozo em O- linda se encontra criados.

66 interlocutor ilustre, de vida pública, portanto, suas missivas estão disponíveis nos acervos pernambucanos e podem ser consultadas e divulgadas para estudos. Dessa maneira, pode-se mencioná-lo sem abreviar o nome.

67 Idem.

	abertos[...].	
Pedido (<i>petitio</i>)	Levante-se, meu caro amigo e comande!	
Despedida/Conclusão (<i>conclusio ou peroratio</i>)	Minhas recom- mendações a D. Olegarinha [...] A abolição desatou muitos laços submergiu muitas posições, trans formou tudo e abalou todos. Estou certo porem que ella não fez senão tornar-nos a nós dois ainda mais <u>unos</u> do que eramos. Mil saudades do	Todos ficamos de saude e todos mandão muitas lem branças Pupu fica de saude manda muitos beijos Papai e amamãe e abelUCA emuitos abraços atodos e de sua mãe as saudades <i>que</i> nunca terafim Lembranças a [Sianinha]
Assinatura (<i>subscriptio</i>)	Joaquim Nabuco	Izabel M ^a Fragoso Lembranças de Ubaldo

Fonte: Autora desta tese

Ao observamos o próprio composicional da carta pessoal, percebemos o frequente uso das orações restritivas, ou uso de elementos relativos e, igualmente, de correferencialidade. De modo geral, na tabela acima vemos que, tanto na carta de amigo do século XIX, quanto na carta de família, do século XX, as relativas vão aparecendo com mais frequência no interior do *narratio*, isto é, no desenvolvimento da carta, que é o lugar onde tem maior espontaneidade, em que desenrolam-se os assuntos e, conseqüentemente, estabelece-se ou mantém-se a intimidade das relações.

Dessa maneira, através dos dados dos *corpora* das cartas dos séculos XIX e XX, obtivemos 202 ocorrências das relativas em variação, a partir da rodada no *GoldvarbX* do arquivo codificado. Desse modo, relativas nas cartas de família, de amigo e de amor dos séculos XIX E XX, apresentam-se nas missivas da seguinte forma, (nos termos de RIBEIRO E FIGUEIREDO, 2009):

(166) Relativa padrão (*piedpiping*):

a. Carta de família - 2^a metade do século XIX: a carta **em que**_i me dizias estar doente dos olhos Ø_i (JM para filha, 13 de julho de 1900).⁶⁸

b. Carta de amigo - 1^a metade do século XX: a casa commercial **de que** elle fôra chefe Ø_i (MB, 12 de fevereiro de 1924)

⁶⁸ Vale ressaltar que a grafia das frases está como na transcrição semi-diplomática, buscando ser fiel ao modo de escrita do missivista.

c. Carta de amor - 1ª metade do século XX: a cartinha com a qual fiquei muito alegre em ver tuas palavras tão carinhosas (N, 26 de dezembro de 1949).

d. Carta de amigo - 2ª metade do século XX: o programa que desejo realizar Ø_i (AF, 25 de junho de 1962).

[o qual...Ø_i]

(167) Relativa padrão (sem *piedpiping*):

a. Carta de amigo - 2ª metade do século XIX: Acabo de ter a triste notícia que dá Ø_i hoje[a]o Jornal (JN, 07 de Maio de 1893).

[a qual_i...ela_i]

b. Carta de família - 1ª metade do século XX: os jornais_i que_i vocês tem mandado Ø_i. (BB para o pai, 1948).

[os quais...ele]

c. Carta de amor - 1ª metade do século XX: a paz_i que_i você mandou Ø_i (N para J, 4 de agosto de 1949)

[a qual...ela]

(168) Relativa resumptiva (pronomes lembrete):

a. Carta de família - 2ª metade do século XIX: recebi_i ontem tres cartas_i; tuas que_i; elas_i vieram no mesmo envelope (JM., 16 de julho 1900).

b. Carta de amor - 1ª metade do século XX: aquela_i que_i quando agente vinha (via) ela_i (N., novembro de 1949)

(169) Relativa cortadora:

a. Carta de amor - 1ª metade do século XX: eu souber de uma[s] notícias_i que fiquei muito contrariado Ø_i (J.R.B., 17 de julho de 1949)

[as quais_i...com elas_i]

Nos exemplos acima, observamos nos *corpora*, que a relativa padrão teve maior frequência de uso nos dois séculos e em todos os gêneros da carta pessoal, a saber, amor, amigo e família. Diante dessa observação e a partir dos resultados quantitativos que serão apresentados nos próximos capítulos, notamos que resumptiva foi aumentando gradualmente ao longo do tempo. Já a cortadora, quase não apareceu nas cartas pessoais, nem de família nem de amigo do século XIX. Nesse sentido, percebemos que a estratégia cortadora irá ter sua frequência de uso aumentada em meados século XX, como observa Tarallo (1983). Os resultados quantitativos veremos detalhadamente nas próximas seções.

Desse modo, nas cartas de amor, amigo e de família escritas por pernambucanos dos séculos XIX e XX, obtivemos nos resultados os seguintes dados das estratégias de relativização sendo realizadas nas posições sintáticas abaixo:

(170) Posições sintáticas relativizadas nas cartas pessoais:

a. SU: as moças que _ se lembrou de mim (Carta de amor, N. - outubro 1949 - 1ª metade do XX).

b. OD: o programa que desejo realizar_. (Carta de amigo, AF. - junho de 1962 - 2ª metade do século XX).

c. OI: Barros Pimentel a quem desejo como a ti muita felicidade. (Carta de amigo, JN. - Janeiro 1882 - 2ª metade do século XIX).

d. OBL: a amisade de quem é amigo por devoção. (Carta de amigo, JN. - abril de 1890 - 2ª metade do século XIX).

e. GEN: Baroneza a cujos pés rogo lhe o favor de pôr me. (Carta de amigo, JN. - fevereiro 1872 - 2ª metade do século XIX).

f. LOC: n'uma procissão| **onde** houve 24 horas de mu-|sica. (**Carta de família, M., filha de AO. - novembro de 1900 - 2ª metade do século XIX**).

g. ADJ: ,,Nas maiores ausências **em que** eu fico Ø_i. (**Carta de amor, N. - agosto de 1949 - 1ª metade do século XX**).

Nessa direção, igualmente analisou Ribeiro e Figueiredo (2009) e tomando por base as regras da Hierarquia da Acessibilidade⁶⁹ (doravante HA) de Keenan & Comrie (1977), em observam que a variação do uso das relativas em 50 línguas e, assim, afirmam que essa variação é sistemática quanto à função sintática do elemento relativizado na oração relativa, consideramos as regras de HA para observamos as ocorrências quantitativas das relativas ao decorrer do tempo. Dessa maneira, como demonstrado pelos autores, as ocorrências das relativas em uma língua obedecem a uma hierarquia, esta é:

Hierarquia da Acessibilidade (Accessibility Hierarchy)
 $SU > OD > OI > OBL > GEN > Objeto\ de\ Comparação$

(KEENAN & COMRIE, 1977, p. 66)

Conforme as regras da HA, Keenan & Comrie (1977) afirmam que se uma língua relativiza a posição mais baixa da hierarquia, como o *Objeto de Comparação*, facilmente relativizará qualquer posição anterior, já que os pontos da HA são intransponíveis, sob condições normais. Nessa perspectiva, Keenan & Comrie (1977) diz que uma das regras universais é ser possível que uma língua tenha relativas somente de SU, contudo não há uma língua que construa apenas relativas de locativos e de objetos. Sobre essa questão, Mascarenhas (2016) comenta que há estudiosos que criticam esta proposta de HA, argumentando que não apenas critérios morfossintáticos que influenciam a relativização, mas também os traços semânticos e pragmáticos, os quais não estão representados na HA. Segundo Tarallo (1983, 1993) nas suas investigações sobre as estratégias de relativização, as relativas com lacuna ocorrerão em posições mais altas, como as posições de SU e de OD. No que diz respeito a cortadora e a *piedpiping*, ocorrerão em posições mais baixas, como as de OI, OBL e GEN.

Diante dessas questões, a fim de observar quais posições sintáticas são mais salientes às relativizações, esta tese realizou a análise observando o comportamento das estratégias de

⁶⁹Accessibility Hierarchy, Keenan & Comrie (1977; 1979)

relativização e, igualmente, buscou verificar a frequência das ocorrências em variação e sua saliência quanto à HA. Além disso, esta investigação se baseou, sobretudo, nas explicações do fenômeno fundamentando-se em Tarallo (1983), Ribeiro e Figueiredo (2009), Kato e Nunes (2014), Mascarenhas (2016), entre outros estudos acerca das estratégias de relativização do PB.

Ademais, nas seções a seguir observaremos os resultados e observações acerca do comportamento das relativas restritivas nas cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX e XX. Desse modo, as seções estão subdivididas de acordo com o gênero textual da missiva: carta de amigo, carta de família e carta de amor. Nesse sentido, a seguir observaremos o comportamento das relativas nas cartas a partir dos dados quantitativos obtidos pelo *GoldvarbX*.

5.1. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DE AMIGO DOS SÉCULOS XIX E XX

Tendo em vista que as cartas pessoais de amigos têm um caráter bem intimista, assim são as missivas de amigos dos séculos XIX e XX dos corpora desta pesquisa. Nesse sentido, a maior parte das 18 missivas de amigo foram escritas por pessoas ilustres⁷⁰, todas escritas por homens adultos de classe média-alta. Por conseguinte, os assuntos das cartas abordam viagens, assuntos políticos, notícias sobre si, entre outros assuntos. Nesse contexto, acreditamos que pragmaticamente o uso das relativas nas cartas tem por finalidade a não repetição do sintagma nominal mencionado anteriormente. Do contrário, pode-se também repetir o termo relativizado através de um resumptivo para ser enfático, retomar o assunto, entre outros.

Sabendo disso, ressalta-se que as estratégias de relativização aparecem no contexto de conversa íntima, tanto em contextos preposicionados ou não. Dessa maneira, tanto nas cartas pessoais de amigo do século XIX, quanto do XX, encontramos nos *corpora* relativas com o marcador relativo preposicionado ou não preposicionado, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 15. Relativas nas cartas de Amigo (séculos XIX e XX)

Relativas nas cartas de Amigo (séculos XIX e XX)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
--	--------	------------	-----------

70 De vida pública, como políticos.

XX)			
Contextos preposicionados	32/74	3/4	4/4
Contextos não preposicionados	42/74	1/4	0/4
Total	74 (90%)	4 (5%)	4 (5%)

Fonte: Autora desta tese

Nesse curso, os resultados acima mostram um quantitativo equilibrado de relativas padrão em contextos preposicionados (com *piedpiping*), 32 ocorrências, 39,02% dos dados totais; e não preposicionados (sem *piedpiping*), sendo 42 ocorrências, 60,98% do dados. Poucas resumptivas se manifestam nas cartas de amigo, 4 ao total (5% dos dados) sobretudo na segunda metade do século XIX, igualmente ocorre com as relativas cortadoras (5% dos dados), em que há o corte da preposição e uma posição vazia correferente ao DP da cabeça da relativa. Assim, observamos:

(171) Padrão com *piedpiping*: ...a Barros Pimentel; **a quem_i desejo** como a ti muita felicidade

(172) Resumptiva: uma carta para o **Pranaguá_i que** Você me fará o favor de entregar-lhe_i (Carta de amigo, JN - novembro de 1882, 2ª metade do Século XIX)
[a quem...a ele]

(173) Cortadora⁷¹: a.Acabo de tomar passagem a bordo do “**Germamanie**”, da White Star, **que_i parto Ø_i á 22 de Liverpool.** (Carta de Amigo, JN - junho de 1876, 2ª metade do século XIX)
[no qual/em que_i...nele_i]

b. a felicidade_i que (a qual) ella (a)_i Ø_i reflectia de ter um filho como tu. (Carta de amigo, JN - maio de 1893, 2ª metade do século XIX)

Nessa perspectiva, Tarallo (1983) afirma que ao passo que a estratégia de relativização com *piedpiping* vai decaindo, a frequência de uso das resumptivas vai aumentando no século XIX, e assim, aparece a cortadora na transição para o século XX,

71 Segundo Kato e Duarte (2014), a cortadora teria um resumptivo nulo de natureza clítica representando o corte da preposição.

Diante do exposto, obtivemos nos *corpora* as seguintes posições sintáticas relativizadas:

Tabela 16. Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de amigo)

Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de amigo)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
SU	25	2	0
OD	10	0	0
OI	5	0	2
OBL	11	1	1
GEN	6	1	0
LOC	15	0	0
ADJ	2	0	1
TOTAL	74	4	4

Fonte: Autora desta tese

Neste ponto da análise, nos detivemos principalmente à questão da HA para tentarmos perceber quais posições sintáticas foram mais ou menos salientes. Como esperado, as relativas de sujeitos foram mais frequentes nos dados das relativas, principalmente na relativa padrão (29 oc.). No que diz respeito a cortadora e a resumptiva, obtivemos como resultado o mesmo quantitativo, mas as resumptivas apareceram tanto em posições preposicionadas (OBL e GEN, 1 ocorrência de cada) como não preposicionadas (SU, 2 ocorrências).

Considerando isso, um dado curioso é a presença de relativas de OBL e LOC, sendo de uso mais frequente até mesmo que as de OD e OI, estas que seriam posições mais acessíveis, como as de SU que estão representando 29 ocorrências de relativa padrão. Dessa maneira, a HA da relativização das cartas de amigo deu-se assim:

(175) SU > OBL > LOC > GEN > OI~ ADJ

Nesse sentido, Mascarenhas (2016) afirma que isso ocorre por essas posições sintática serem da relativa padrão, em que as posições preposicionadas são mais acessíveis. Sobre o marcador relativo LOC “*onde*”, Ribeiro e Figueiredo (2009) afirmam que são

intrinsecamente preposicionados, pois assumem os mesmos traços do marcador “em que”. Assim, sobre os exemplos das posições relativizadas, vejamos:

(176) Posições relativizadas nas cartas de amigo dos séculos XIX e XX:

a. SU: as revoluções **que** tem soffrido esta nossa terra (Carta de amigo, JM - junho de 1873, segunda metade do século XIX).

b. OD: ...a triste **noticia**; **que**; dá hoje Ø; [a]o Jornal.

c. OI: Barros Pimentel **a quem desejo** como a ti muita felicidade (Carta de amigo, JN - janeiro de 1882, segunda metade do século XIX).

d. OBL: amisade de quem é amigo por devoção. (Carta de amigo, JN - abril de 1890, segunda metade do século XIX)

e. GEN: o homem | sabio dos naturalistas, **cuja** podridão d'al-|ma não tem...(Carta de amigo, AD dezembro de 1919, primeira metade do século XX)

f. LOC: Não lhe escrevi antes por não saber [o lugar] **onde**⁷² estavam e estão esperando [...]. (Carta de amigo, JN - fevereiro, 1872 - segunda metade do século XIX)

Considerando o exposto, as sentenças relativas estão distribuídas nos dois séculos das cartas de amigo da seguinte maneira:

Tabela 17. As relativas nas cartas de amigo ao longo do tempo

As relativas nas cartas de amigo ao longo do tempo	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	TOTAL
Padrão	49	25	74
Resumptiva	2	2	4
Cortadora	2	2	4
TOTAL	53 (64,64%)	29 (35,36%)	82 (100%)

Fonte: Autora desta tese

72 Seleccionei como locativo apenas as ocorrências em que têm sentido de lugar. As que tem sentido de “em que” foram classificadas diferente.

Essas 82 ocorrências representam 100% dos dados presentes nas cartas de amigos dos séculos XIX e XX. Entretanto, 53 (64, 64%) das ocorrências é da 2ª metade do XIX e 29 (35,36%) das ocorrências de relativização são da 1ª metade do XX, não possuindo dados nem da 1ª metade do XIX, nem da 2ª do XX. Sendo assim, observamos um quantitativo equilibrado entre relativas resumptivas e cortadoras, conforme Tarallo (1983), é na transição do século XIX para o XX que as cortadoras começam a aparecer como estratégia inovadora ao lado das relativas resumptivas, ao que parece as cartas de amigo tem aparentemente mostrado um comportamento semelhante. Nesse sentido, a relativa padrão (com e sem *piedpiping*) continua liderando o uso nos dois séculos. No caso das cartas de amigo, isso se deve devido às 82 ocorrências terem sido realizadas por homens adultos, sendo, no século XIX, todos ilustres com alto grau de escolaridade, que utilizam-se de uma linguagem mais formal, ainda que íntima, preferindo assim pelo uso da relativa canônica, conforme ilustra a tabela:

Tabela 18. Ocorrências das relativas nas cartas de amigo por faixa etária - Adulto (de 31 a 65 anos)

Ocorrências da Relativas nas cartas de amigo por faixa etária - Adulto (de 31 a 65 anos)	
Padrão	67
Resumptiva	4
Cortadora	4
TOTAL	75 (91,46%)

Fonte: Autora desta tese

Além das ocorrências acima demonstradas, tivemos 7 ocorrências (8,54% dos dados) de pessoa com faixa etária não identificada da primeira metade do século XX. Assim, na tabela acima, os resultados apontam que adultos escolarizados têm por preferência o uso da relativa padrão seja com a preposição ou sem ela, mas também houve ocorrências inovadoras na escrita de adultos, como nos mostram exemplos repetidos aqui:

(177) Padrão com *piedpiping*: ...a Barros Pimentel; **a quem_i desejo** como a ti muita felicidade \emptyset _i

[a quemi... a elei]

(178) Cortadora: a felicidade; **que** ella \emptyset _i reflectia de ter um filho como tu. **(Carta de amigo, JN - maio de 1893, 2ª metade do século XIX)**

[a qual....a refletia...]

Sobre as relações interpessoais dos missivistas, ao ler e observar as ocorrências das relativas nas missivas de amigo, analisamos a partir da teoria da hierarquia das relações, que, segundo Brown e Gilman (1960), existem nelas uma hierarquia de poder e solidariedade, a depender da intimidade das relações. Diante disso, as cartas de amigos dos dois séculos são correspondidas por missivistas de relações igualitária, de amizade íntima. Nesse sentido, partimos da hipótese que a intimidade estabelecida na troca de cartas pessoais pode contribuir com o uso da estratégia inovadora cortadora, hipotetizamos assim, que os elementos do composicional da carta pessoal pode salientar o uso de uma relativa em detrimento de outra. Assim, vejamos:

Tabela 19. Composicional da carta pessoal de amigo dos dois séculos

Composicional da carta pessoal de amigo dos dois séculos	Relativa padrão	Relativa resumptiva	Relativa cortadora	Total
Saudação	2	1	0	3
Captação da benevolência	11	0	2	13
Desenvolvimento	52	3	1	56
Finalização/despida	9	0	0	9
<i>Post-scriptum</i>	0	0	1	1
TOTAL	74	4	4	82

Fonte: Autora desta tese

De forma geral, como demonstrado nos resultados da tabela acima, as relativas restritivas padrão, em sua maioria, aparecem no desenvolvimento da carta pessoal de amigo. Além disso, a mesma estratégia aparece de forma relevante (11 ocorrências) na captação da benevolência, que é o local onde prepara o destinatário do que está por vir ao seguir com o assunto da carta e também geralmente há uma grande implicação emocional, estabelecendo assim a intimidade entre os interlocutores (Castilho da Costa, 2012). Vimos também a relativa resumptiva (4 ocorrências) e a cortadora (4 ocorrências) aparecerem timidamente na captação da benevolência e no desenvolvimento. Houve apenas 1 ocorrência de cortadora no *Post-scriptum*, como mostra o exemplo seguinte:

(179) Acabo de tomar passagem a bordo do “**Germamanie**”, da White Star, que parto Ø á 22 de | Liverpool.

Esse é um exemplo de relativa restritiva de estratégia cortadora, em que há o corte da preposição do marcador relativo “em que” e uma posição vazia correferente ao sintagma nominal relativizado. É fundamental, igualmente, observarmos o comportamento das relativas restritivas nas cartas de família dos séculos XIX e XX, analisados na próxima seção.

5.2. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DE FAMÍLIA DOS SÉCULOS XIX E XX

Diferentemente das íntimas cartas de amigo, as cartas pessoais de família parecem apresentar uma hierarquia no tratamento nas relações interpessoais entre familiares dos séculos XIX e XX. Nessa ótica, tínhamos como hipótese que a cortadora seria mais produtiva nessas cartas. Entretanto, observam-se as ocorrências das relativas padrão em maior frequência, tanto em contextos preposicionados como não preposicionados:

Tabela 20. Relativas nas cartas de Família (séculos XIX e XX)

Relativas nas cartas de Família (séculos XIX e XX)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
Contextos preposicionados	19 /57	2/5	1/1
Contextos não preposicionados	38 /57	3/5	0/1
Total	57 (90%)	5 (8%)	1 (2%)

Fonte: Autora desta tese

Diante dos resultados acima alcançados, foram encontrados nos *corpora* as seguintes construções de estratégias de relativização nas cartas de família dos séculos XIX e XX:

(180) *Relativa padrão (com piedpiping)*: as cartas **as quais** não enviei Ø_i (P./J.N, **Carta de família, 12 de 1929**).

(181) *Relativa padrão (sem piedpiping)*:

a. gostei muito das notícias; **que** Você me deu Ø_i (P./J.N, **Carta de família, 22 de junho de 1929, primeira metade do XIX**).

b. A carta; **que** você mandou Ø_i para sua mãe. (**Carta de família - 1ª metade do século XX**)

(182) Resumptiva:

a. a roupa_i **de quem a_i** fez. (**Carta de família, EF, de 1908 - 1ª metade do século XX**)

b. Recebi o telegrama_i que você mandou... Ø_i (BB, Carta de família, 12 de dezembro de 1942, primeira metade do Século XX).

[o qual]...[ele]

(183) Cortadora:

a. Chegou outra **Øi que** dizes já está ficando boa **Øi**. (JM, 13 de julho de 1900, Carta de família) - 2ª metade do século XIX.

[em que_i... nela_i]

Esse último exemplo mostra a relativa cortadora com o relativo exercendo seu papel sintático de objeto indireto, mas, constatou-se também que há algumas ocorrências de relativas SU com o **pronome resumptivo**, como em:

(184) recebi ontem tres **cartas** tuas **[[su que]]** elas vieram no mesmo envelope (**Carta de família, primeira metade do século XIX**)

Sobre essa questão, recorremos a Pontes (1987) ao considerar o PB uma língua de proeminência para o tópico, o que tem aumentado, por exemplo, o deslocamento à esquerda dos sujeitos. Dito isso, a resumptiva que geralmente aparece em posições mais baixas na hierarquia não encontra obstrução do efeito ilha e, assim, passa a ocorrer em posições mais altas da HA. Ademais, estudos comparativos, como os de Ana Luísa Costa (2004) sobre as relativas restritivas no PE em textos históricos do século XV, têm mostrado uma tendência, em que a posição da relativa implica numa alteração básica da ordem dos constituintes, podendo ou não ser motivada por fatores discursivos. Segundo Costa (2004), na língua falada do PE, a cortadora é muito frequente. Entretanto, ela encontra uma ocorrência que atesta essa estratégia no *corpus* do século XV:

(185) em tempo **que** era seu tetor Johan afomso all/uernaz seu tióó (COSTA, 2004, p. 413)

Diante do exposto, é fundamental mostrarmos as posições sintáticas relativizadas, pois, a partir disso, podemos perceber as regras da HA atuando na acessibilidade da relativização e, também, como Costa (2004) mostra, podemos perceber os movimentos dos constituintes de uma posição mais baixa para uma posição mais alta da hierarquia, como a própria autora (COSTA, 2004) atesta a subida de modificadores no DP, a modificação da grelha temática do verbo, a extraposição e subidas de objetos na frase, como é constatado de modo parecido em outros estudos na perspectiva da HA. Desse modo, esses fatores intralinguísticos e outros fatores extralinguísticos podem favorecer o uso das estratégias de relativização em certos contextos sintáticos.

As posições relativizadas nas missivas pernambucanas de família dos séculos XIX e XX foram:

Tabela 21. Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de família)

Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de família)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
SU	25	1	0
OD	19	3	1
OI	1	0	0
OBL	5	1	0
GEN	0	0	0
LOC	7	0	0
ADJ	0	0	0
Total	57	5	1

Fonte: Autora desta tese

Ao observarmos a tabela acima, vemos as relativas restritivas padrão de sujeito apresentando 25 ocorrências total nos *corpora*, enquanto é seguida por 19 ocorrências de relativas exercendo a posição sintática de objeto direto, como veremos nos exemplos abaixo.

Do contrário, ao que diz respeito às relativas cortadora e a resumptiva, ocorreram também em posições altas SU (2 ocorrências resumptivas) e OD (2 ocorrências resumptivas).

Assim, no tocante as posições sintáticas relativizadas, podemos visualizar as que foram constatadas nos *corpora*, observando os seguintes exemplos:

(186) Posições relativizadas nas cartas de família dos séculos XIX e XX:

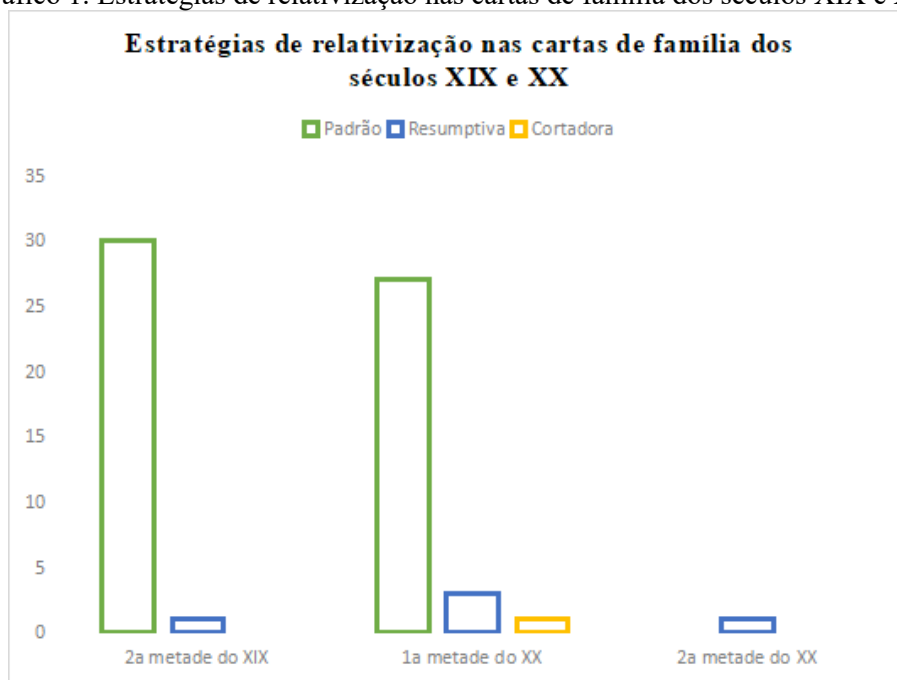
- a. **SU: o telegram-|ma que lhe mandou. (Carta de família, EF, abril de 1910 - 1ª metade do século XX)**
- b. **OD: as duas cartas; que ele me escreveu Ø_i não disse nada a respeito Ø_i. (Carta de família, BB, setembro de 1947 - 1ª metade do século XX)**
- c. **OBL: a roupa de quem a fez (Carta de família, EF, abril de 1910 - 1ª metade do século XX)**
- d. **LOC: ...do correio onde fui escrever uma| carta-bilhete (Carta de família, MB. - fevereiro de 1924)**

A partir do que foi apresentado acima, é necessário destacar que nas cartas de família do século XIX e XX não foram encontradas resultados de ocorrências de relativas de genitivo e adjunto em nenhuma estratégia de relativização. Comparando com as regras de acessibilidade da relativização da proposta de HA de Keenan & Comrie (1977), as posições relativizadas que apareceram nos *corpora* das missivas de família do século XIX e XX são estas:

(187) SU>OD>LOC>OBL>OI

Por conseguinte, ao analisarmos o quantitativo de ocorrências das estratégias de relativização nas cartas de família ao decorrer dos séculos XIX e XX, representadas no gráfico a seguir:

Gráfico 1. Estratégias de relativização nas cartas de família dos séculos XIX e XX



Fonte: Autora desta tese

Vemos, portanto, a alta produtividade do uso de relativas padrão nos dois séculos, mais especificamente na transição da segunda metade do século XIX (30 ocorrências) para a primeira metade do século XX (27 ocorrências).

Nesse quesito, Tarallo (1983) afirma que, a partir do século XIX, inicia-se uma mudança em relação ao apagamento pronominal: se anteriormente era apenas aplicado às posições SU, tendo pouca frequência em posições de OD, o apagamento começou, então, a afetar os sintagmas preposicionais de posições sintáticas mais baixas, i.e., de posições de OI, OBL E GEN. A partir dessa constatação, Tarallo (1993, p. 88) argumenta que a relativa cortadora, estratégia inovadora no PB, surge na virada do século XIX para XX no sistema linguístico devido a “mudança sintática nas estratégias de pronominalização”. Nessa ótica, no século XX, enquanto a relativa padrão tem seu uso decaindo, as relativas resumptivas e cortadora vão aumento em frequência com o passar do tempo:

a antiga competição entre dois tipos de relativas – uma claramente envolvendo movimento (relativa padrão) e a outra, um processo de apagamento (pronomes lembretes) – somente produziu um segundo paradigma, mas os dois processos em competição permaneceram os mesmos: movimento (*piedpiping*) vs. apagamento (relativa cortadora). (TARALLO, 1993, p.89)

Considerando o exposto acima, na tabela a seguir, encontram-se os dados de distribuição das ocorrências das relativas restritivas sendo realizadas por jovens e adultos pernambucanos dos séculos XIX e XX:

Tabela 22. Ocorrências das relativas nas cartas de família (por faixa etária)

Ocorrências da Relativas nas cartas de família (por faixa etária)	Jovem (de 14 a 30 anos)	Adulto (de 31 a 65 anos)	TOTAL
Padrão	10	46	57
Resumptiva	0	5	5
Cortadora	1	0	1
TOTAL	12	51	63

Fonte: Autora desta tese

A partir dos quantitativos expostos acima, vemos, nas cartas pessoais de família, as ocorrências de relativas padrão sendo a estratégia mais usada tanto por jovens (11 ocorrências) como adultos (46 ocorrências) em ambos os séculos, em contextos preposicionados ou não. Em contrapartida, as estratégias inovadoras, resumptiva e cortadora, foram usadas por adultos (5 ocor. resumptivas) e jovens (1 ocorrência). Provavelmente, por termos pouco dados de jovens nas cartas de família, as ocorrências apareceram mais nos dados de adultos. Entretanto, segundo Labov (1972), essa inovação que mostra a variação e a mudança em curso ocorre de geração para geração no falar de jovens, isto é, na geração mais nova.

As estratégias de relativização, assim apareceram nos dados dos *corpora* das cartas de família dos dois séculos investigados:

(187) Realização da relativa padrão por adultos nas cartas de família: os ingleses os quais eu citei \emptyset_i a você. (Carta de família, Agosto de 1940, AG para o primo - 1ª metade do século XX)

(188) Realização da relativa cortadora por jovens nas cartas de família:

as duas cartas que ele me escreveu \emptyset_i não disse nada a respeito \emptyset_i . (Carta de família, 11 de Setembro de 1947, BB. para a Mãe, 1ª metade do século XX)

[das quais_i...elas_i...delas_i]

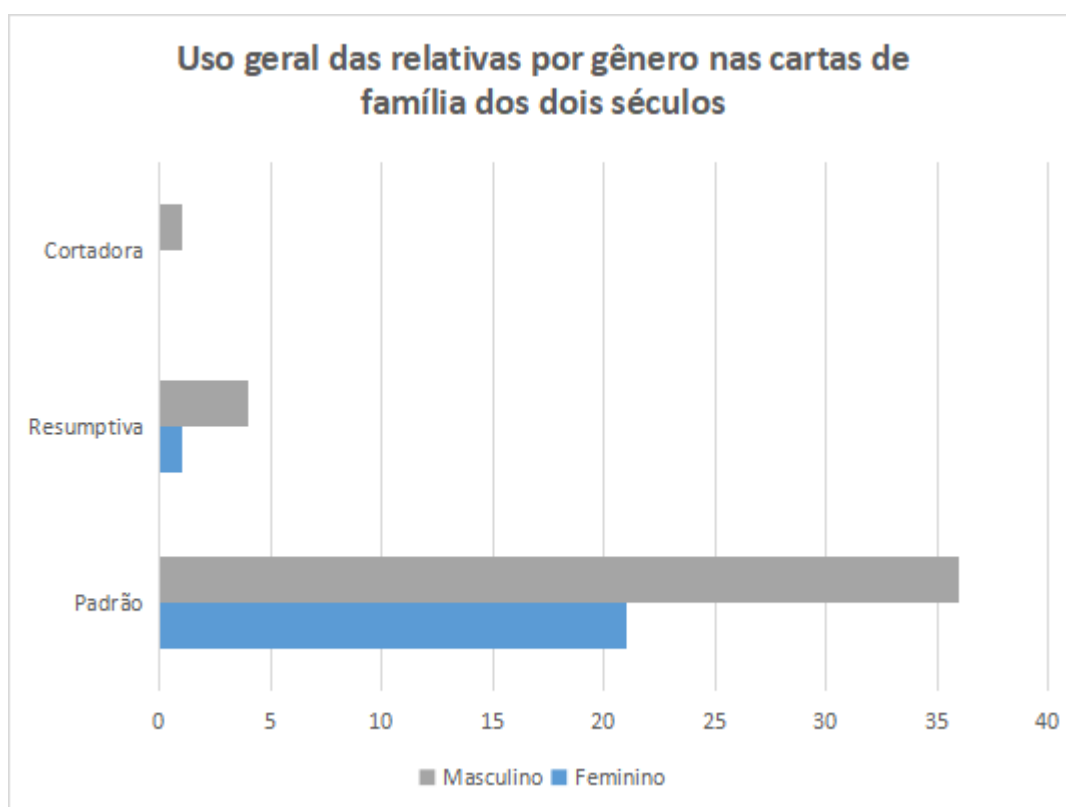
Ao observamos as ocorrências das estratégias de relativização nas cartas de família, percebemos que, devido à natureza da carta de família (menos íntimo que as cartas de amor, por exemplo), em que há uma relação de “poder” entre pais e filhos, tios e sobrinhos, o uso da estratégia resumptiva teve uma maior frequência nos escritos dos mais velhos. O que não quer

dizer que, com dados mais robustos, ou até mesmo, em dados de fala, o uso das estratégias inovadoras possa ser atestado com maior frequência no falar de uma geração mais jovem.

Desse modo, a chamada inovadora cortadora por Tarallo (1983) começa a aumentar sua frequência de uso no PB a partir de meados do século XX. Nesse sentido, vimos isso ocorrer nas missivas de família e também o aparecimento da cortadora timidamente na escrita de jovens.

Para além disso, o gráfico a seguir mostra mais uma das variáveis extralinguísticas, a variável gênero, em que as estratégias de relativização aparecem em variação nos dois séculos nas cartas de família:

Gráfico 2. Uso geral das relativas por gênero nas cartas de família dos dois séculos



Fonte: Autora desta tese

A partir do gráfico acima, observamos um maior uso da estratégia padrão com ou sem *piedpiping*, tendo obtido 36 ocorrências na carta de família por parte do gênero masculino, ao passo em que mulheres 21 ocorrências. Em contra partida, a estratégia cortadora foi realizada categoricamente por homens, obtendo-se 3 ocorrências na carta familiar. No que diz respeito à estratégia resumtiva, obtivemos apenas uma ocorrência realizada por mulher, ao passo que obtivemos 4 ocorrências realizadas por homens.

(189) Relativa padrão realizada por mulher: Belluca e Olivai em quei estudo útil e proveitoso Øi se emprega[vão] (Carta de família, EF, mulher - para irmã, abril de 1910 - 1ª metade do século XX)

(190) Relativa cortadora realizada por homem: as duas cartas que ele me escreveu Øi não disse nada a respeito Øi. (Carta de família, 11 de Setembro de 1947, BB. para a Mãe, 1ª metade do século XX)

[das quais_i...nelas_i]

Diante os exemplos acima destacados, notamos que tanto as mulheres quanto os homens dos séculos XIX e XX das cartas de família têm um maior letramento e, que, independente da escolaridade produzem resumptivas e cortadoras, conforme afirma Alexandre (2000) sobre os dados do PE, constatado diferentemente do que Kenedy (2007) afirma sobre os dados das estratégias de relativização do PB.

Por conseguinte, ao selecionarmos as cartas pessoais de família dos séculos XIX e XX e iniciarmos a análise, antes de tudo, verificamos a produção das relativas no composicional das cartas pessoais, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 23. Composicional da carta pessoal de família dos dois séculos

Composicional da carta pessoal de família dos dois séculos	Relativa padrão	Relativa resumptiva	Relativa cortadora	Total
Saudação	1	0	0	1
Captção da benevolência	4	1	0	5
Desenvolvimento	41	4	1	46
Finalização/despida	11	0	0	11
<i>Post-scriptum</i>	0	0	0	0
TOTAL	57	5	1	63

Fonte: Autora desta tese

Em relação ao composicional da carta pessoal de família do dois séculos observados, quanto à contribuição do uso dos marcadores relativos e uso das estratégias de relativização, constatamos que das 57 relativas padrão produzidas em cartas de familiares pernambucanos, o total de 41 ocorrências foram produzidas no desenvolvimento da carta, em que, segundo Castilho da Costa (2012), é o contexto que há maior implicação emocional das expressões.

Nas cartas de família, percebe-se a produção sobretudo de relativas com lacunas, em que, no uso, tem a intenção de evitar repetições correferentes ao SN.

(191) Maior implicação emocional das expressões na carta de família dos séculos XIX e XX:

Captação da benevolência > desenvolvimento > despedida > saudação

Ademais, nas cartas de família notamos a presença de uma maior expressividade das expressões linguístico-discursivas mais na despedida que na saudação, conforme o exemplo a seguir:

(192) aqui termino enviando para todos vocês um apertadíssimo abraço, e **para você** um abraço especial do filho **que sempre a** quiz muito bem. **(Despedida da carta de família - BB, novembro de 1947, 1a metade do século XX).**

Através das cartas de família, podemos observar o comportamento das relativas ao longo dos dois séculos investigados, em que nota-se o tímido aparecimento da cortadora e uma maior uso das estratégias de relativização padrão e resumptiva, seja em contextos preposicionados ou não preposicionados. Portanto, na próxima seção, observaremos o comportamento quantum-qualitativo das estratégias de relativização na década de 50 do século XX, em que observaremos, sobretudo, um aumento do uso nas sentenças relativas restritivas resumptivas e cortadoras e, também, o deslocamento à esquerda, mostrando evidências de topicalização, indo na direção de Pontes (1987), Kato e Nunes (2014).

5.3. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DE AMOR DO SÉCULO XX

Sobre as relativas nas cartas de amor do século XX, a presente discussão procura mostrar, *quantum* e qualitativamente, como as relativas restritivas efetivamente apresentam-se nas 22 cartas de amor correspondidas entre um casal de pernambucanos, no decorrer dos anos de 1949 e 1950. Desse modo, é preciso expor que os nomes dos interlocutores das missivas amorosas, encontram-se preservados, pois o casal não possui vida pública, embora tenham autorizado e doado as missivas para fins investigativos.

As missivas foram cedidas ao grupo de estudo do “Projeto Para uma História do Português Brasileiro” de Pernambuco (PHPB-PE)⁷³. Nesse sentido, os dados das orações relativas presentes no *corpus* foram extraídos considerando as relativas padrão (*piedpiping*) e as relativas não padrão (com pronome resumptivo e cortadora). Obtivemos, portanto, os seguintes dados empíricos:

Tabela 24. Relativas nas cartas de Amor (século XX)

Relativas nas cartas de Amor (século XX)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
Contextos preposicionados	16/45	1/5	7/7
Contextos não preposicionados	29/45	4/5	0/7
Total	45 (79%)	5 (9%)	7 (12%)

Fonte: Autora desta tese

A tabela acima demonstra a distribuição geral das estratégias de relativização realizadas com seus contextos preposicionados ou não. Como esperado, nas relativas das cartas de amor de pernambucanos do século XX vemos um maior número de estratégias não padrão sendo produzidas, a saber: (i) 5 ocorrências de resumptivas, representando 9% dos dados gerais e (ii) 7 ocorrências de cortadoras, representando 12% dos dados totais. Por conseguinte, as relativas padrão preposicionadas ou não preposicionadas tiveram maior frequência de uso nos *corpora* de carta de amor pernambucanos, sendo obtidas 29 ocorrências de relativa padrão em contexto não preposicionados e 16 ocorrências de relativas padrão em contextos preposicionados, representando o total de 45 ocorrências de relativas padrão, 79% dos dados totais. Observemos os exemplos extraídos dos *corpora*:

(193) Padrão não preposicionada - a tua amável cartinha **que Ø** veio-mi enxer das maiores saudade (Carta de amor- agosto de 1949).

(194) Padrão *piedpiping* - os momentosi **em quei** estava ao teu lado Øi (Carta de amor - agosto de 1949)

[em que...neles...]

73 Coordenado pela professora de Letras da UFRPE, Dra. Valéria Severina Gomes. Projeto no qual participei, na graduação em Letras, da coleta e transcrição dos dados, através do Programa Institucional de Bolsa Científica (PIBIC).

(195) a. **Resumptiva** - A carta **que** tu dizias estar doente nela. (Carta de amor - março de 1949)

[(em) que_i...nela_i]

b. **Cortadora** – A carta **que** tu dizias estar doente **Øi**.

Esta última sentença é a contraparte da estratégia de relativização acima encontrada na carta, ora os interlocutores usam a preposição realizada, ora não há a realização da preposição nem nos contextos de complementos.

(196) **Cortadora (corte da preposição)**- eu ja tinha mandado **uma cartai** na roupa por J. B. eu não si voser recebeu **Øi** si não recebeu **Øi** procure no **laboratorio_t que** [Ø_i/a carta] esta (**Ø/nele**)**t** viu. [em que/ no qua_{it}...nele_i] (Carta de amor - outubro de 1949)

Nesse sentido, a partir da distribuição das estratégias de relativização das cartas de amor em contextos preposicionados ou não, obtivemos os resultados ocorrendo nas seguintes frequências das posições sintáticas correspondentes:

Tabela 25. Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de amor)

Posição sintática relativizada nos dois séculos (carta de amor)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
SU	19	1	0
OD	11	1	0
OI	1	0	1
OBL	3	1	2
GEN	0	0	0
LOC	1	1	1
ADJ	10	1	3
Total	45	5	7

Fonte: Autora desta tese

Ao observarmos a tabela que consta as posições relativizadas nos dois séculos nas cartas de amor acima exposta, notamos que a posição de SU (19 ocorrências) e OD (11 ocorrências) tiveram maior frequência e, portanto, mais facilidade em acessibilidade nessa posição, como afirmam, Keenan & Comrie (1977; 1979). Em seguida, obtivemos

(197) Posições sintáticas relativizadas nas cartas de amor:

- a. **SU**: aquela ausência **que** Ø_i ia me trazer tantas saudades (**julho 1949**)
 b. **OD**: a ausência **que**_i eu sinto Ø_i (**agosto de 1950**)
 c. **OI**: a tua amável cartinha **a qual** muito me alegrou (**janeiro 1950**)
 d. **OBL**: muitas alegrias **da qual** o meu coração trasbo-| da di gozo (**outubro 1949**)
 e. **LOC**: J. já chegou a outra carta **onde**⁷⁴ dizes Ø ter melhorado (**dezembro 1950**)
 f. **ADJ**: nunca mi esqueço **os momentos em que** estava ao teu lado (**agosto 1949**)

Assim, notamos que obteve-se maior frequência, possivelmente obedecendo as regras de saliência na hierarquia de acessibilidade da relativização nas cartas de amor das seguintes posições:

(198) SU>OD>ADJ>OBL>OI~LOC

Dessa maneira, vale ressaltar que não obtivemos dados de genitivo nas ocorrências das relativas nas cartas pessoais do século XX. Ademais, segue-se a tabela sobre a porcentagem quantitativa geral das ocorrências das estratégias de relativização nas cartas de amor:

Tabela 26. Estratégias relativas nas cartas de amor (1º metade do século XX)

ESTRATÉGIAS RELATIVAS NAS CARTAS DE AMOR (1ª METADE DO SÉCULO XX)	
Padrão	45 (79%)
Resumptiva	5 (9%)
Cortadora	7 (12%)
Total	57 (100%)

Fonte: Autora desta tese

Diante dos dados percentuais expostos, constatamos que as relativas padrão, preposicionadas e não preposicionadas, foram maioria quantitativa e sobre elas, conforme Kato e Nunes (2014), observamos algumas questões discutidas a seguir:

(199) Relativa padrão sem piedpiping –

- a. “[...] minha querida as suas cartinha[s]_i **que** vocês te[m] mandado Ø_i para mi[m] eu tenho recebido Ø_i” (**Carta de amor, julho 1949**).

74 Consideramos esse onde com valor de lugar (na carta), um lugar discursivo e que, ao mesmo tempo, tem o valor de em que.

b. “a tua amável cartinha **a qual** muito me alegrou \emptyset_i ” (janeiro de 1950).

Em (199) como bem sabemos, a relativa padrão caracteriza-se pela presença de uma lacuna, como em: “[...] minha querida as suas cartinha[s] **que** vocês te[m] mandado para mi[m] eu tenho recebido \emptyset_i ”, na posição encaixada. Nessa ótica, nas cartas amorosas do século XX, as relativas padrão apresentam formas que, segundo Kato (1993) e Kato e Nunes (2009), estariam entrando em desuso devido o enfraquecimento de caso, formas como a qual, as quais, cujo, com a qual ou com as quais, e isso contribui para uma “neutralização”, ao longo do tempo, do marcador relativo. Observe o exemplo a seguir:

(200) Relativa padrão *piedpiping* –

a. “[...] recebi sua cartinha **com a qual** fiquei muito alegre em ver tuas palavras tão carinhosas \emptyset_i ” (maio de 1950).

b. Relativa padrão com *piedpiping* - tua amavel| cartinha **com a qual** muito me| alegrei \emptyset_i
(Carta de amor, dezembro de 1949)

(201) Relativa Cortadora – “[...] recebi sua cartinha **que** fiquei muito alegre em ver tuas palavras tão carinhosas \emptyset_i ” (maio de 1950).

[em que_i...nelas_i]

Já a relativa não padrão com o pronome resumptivo, é caracterizada pela ausência de lacuna e/ou de um atribuidor de Caso ao pronome relativo, como observamos nas cartas e está representado no exemplo em (202):

(202) Relativa Resumptiva: “A carta **que** tu dizias estar doente nela” (março de 1949).

Em contrapartida, na mesma carta temos um trecho parecido com o exemplo anterior, no qual a diferença, segundo Kato e Nunes (2014), seria que a presença de lacuna do que seria o pronome resumptivo, então seria representado por um resumptivo nulo (*pro*), do sistema de clíticos, para contextos preposicionados, como em (203), correferente ao SN da cabeça da relativa:

(203) (...) já chegou outra carta ; **que** vinha junta [com ela]; (maio de 1949).

(204) “J. já chegou a outra carta_i **em que** dizes \emptyset_i ter melhorado” (**março de 1949**).
[carta_i...nela_i]

Tomamos por relativa não padrão com resumptivo nulo, como já dito anteriormente, as construções das relativas cortadoras, pois para Kato e Nunes (2009) são marcadas por um **pro** em lugar do pronome resumptivo.

(205) **Relativa cortadora:** “N. ora a Deus por mi **nas tuas oração que** eu não mi esqueço [de] ti **nas minha \emptyset_i** ”.

[na quais_i...nelas_i]

Nessa perspectiva, as autoras Kato e Nunes (2009) acreditam que a fundamental diferença entre as relativas padrão e não padrão (resumptiva e cortadora) reside no lugar de origem do movimento.

Através das sentenças acima destacadas, percebemos que a relativa padrão abaixo tem o constituinte relativizado gerado em posição argumental, isto é, gerado dentro do IP, deslocando-se, na derivação, para a posição Spec-DP da oração matriz, representado em (206):

(206) [_{DP} aquela ausência_i [_{CP} **que**_i [_{IP} ia \emptyset_i me trazer tantas saudades]]].

Ademais, na construção relativa não padrão, o constituinte relativizado é gerado na posição de tópico interno à oração relativa, conforme mostram os exemplos::

(207) “N. dos momentos da minha vida_i o_i mais feliz foi **este \emptyset_i que**_i pego na minha pena para te transmitir essas linhas [...]” (**fevereiro de 1950**).

(208) N. dos momentos da minha vida [_{DP} o mais feliz_i [_{DP} foi este **pro**_k [_{CP} [_{CP} **que** [_{LD} t_k [_{IP} pego na minha pena para te transmitir essas linhas t_k]]]]].

(209) N. dos momentos da minha vida [o t_k[_{CP} [_{DP} mais feliz_i [_{DP} foi este t_k]_k[_{CP} **C em que**] [_{LD} t_k [_{IP} pego na minha pena para te transmitir essas linhas **dele/deste (momento)**]]]]].

Diante disso, conforme a análise de Kato e Nunes (2009), nas relativas em acima destacadas, segundo Kato e Nunes (2009), a diferença notada nas ocorrências das missivas é que, entre as relativas resumptiva e cortadora, esta não possui a realização de um pronome resumptivo. Em contrapartida há presença de um *pro* pertencente ao sistema de clíticos que tem por função a retomada de posições preposicionadas (ou não), igualmente ocorre nas sentenças destacadas abaixo.

(210) “a carta **que** você mandou para sua mamãe eu mandei *pro* no mesmo dia”. (**maio de 1950**)

(211) a carta **que** você mandou para sua mamãe eu mandei **para ela** no mesmo dia.

Por conseguinte, foi produtivo nas ocorrências das relativas a presença de sujeito pleno nas relativas. Tendo em vista essa questão, Duarte (1995) argumenta que hipoteticamente existem dois fatores determinantes pela preferência do sujeito pleno nas relativas. Em primeiro lugar, um dos fatores condicionantes seria a própria estrutura de CP em que o especificador é preenchido por uma relativa Qu, como em:

(212) “J., agradeço das notícias [_{CP} [_{C'} **que** [_{IP} Você me deu Ø_i]]]” (**outubro 1949**).

(213) “Mas tenho recebido [a] lembrança [_{CP} [_{C'} **que** [_{IP} você tem mandado Ø_i]]” (**julho de 1949**).

Em segundo lugar, em relação à presença de sujeitos plenos na oração relativa, temos também a questão estrutural da falta de correferência entre o sujeito da oração relativa e da oração matriz (Duarte, 1995). Nessa perspectiva, ocorrências com o **pronome pleno** indicando correferencialidade, como respectivamente em (204) e (205), seriam agramaticais.

(214) *“(J., agradeço as notícias **que** Você me deu **elas**”.

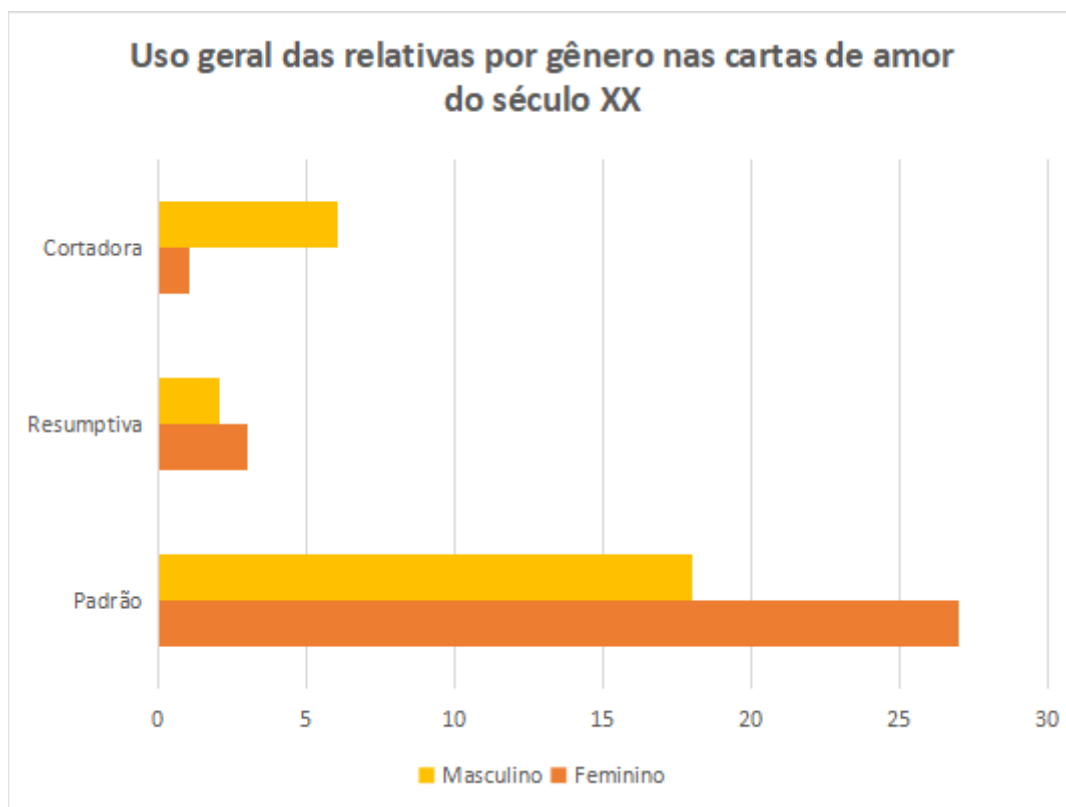
(215) *“(Mas tenho recebido [a] lembrança **que** você tem mandado **ela**”.

Entretanto, nas cartas percebemos umas poucas ocorrências como essas nas missivas de amor, construções como essas, próximo do que ocorre na oralidade, cláusula em que o pronome resumptivo é realizado e aparente ausência de efeito ilha. Nesse sentido, como

defende Kato (1995), acreditamos, ainda a partir de dados iniciais, que, podem indicar evidências empíricas do relativo em DE, podendo ser retomado pelo *pro* realizado ou nulo.

Em relação ao quantitativo geral de ocorrências relativas por gênero, obtivemos os seguintes dados estatísticos presente no gráfico abaixo:

Gráfico 3. Uso geral das relativas por gênero nas cartas de amor do século XX



Fonte: Autora desta tese

O uso da relativa padrão preposicionada ou não preposicionada foi realizada em maior quantidade pela missivista mulher, representado por 27 ocorrências, ao passo que o missivista homem realizou 18 ocorrências. Entretanto, o lugar da inovação, a relativa cortadora, foi realizado com maior frequência pelo homem, tendo obtido 6 ocorrências, ao passo que as mulheres usaram a cortadora apenas uma única vez. O uso da estratégia de relativização resumptiva deu-se de forma mais equilibrada, embora com pouca frequência quantitativa nos *corpora*, obtivemos então 3 ocorrências realizadas pela correspondente feminina a 2 ocorrências do correspondente masculino.

Por conseguinte, a maioria dessas ocorrências das relativas não padrão ocorreram, conforme Castilho da Costa (2012), no interior do *narratio*, i.e., no desenvolvimento das

missivas de amor, que é onde há maior implicação emocional nas expressões linguísticas (Costa, 2019).

Tabela 27. Composicional da carta pessoal de amor do século XX

Composicional da carta pessoal de amor do século XX	Relativa padrão	Relativa resumptiva	Relativa cortadora	Total
Saudação	0	0	0	0
Captação da benevolência	21	0	1	22
Desenvolvimento	22	5	5	32
Finalização/despedita	2	0	1	3
<i>Post-scriptum</i>	0	0	0	0
TOTAL	45	5	7	57

Fonte: Autora desta tese

Ademais, no tocante ao composicional das cartas de amor do século XX, tanto as estratégias de relativização padrão (45 ocor.) como não padrão (12 ocor.) apareceram com mais frequência ao se desenvolver o assunto, em uma conversa mais espontânea e despreocupada as cortadoras foram aparecendo mais, em 7 ocorrências dos dados totais, mas também não deixou de aparecer dado de relativas na captação da benevolência (22 ocorrências ao total), nem na finalização da carta de amor, obtivemos 3 ocorrências gerais. Isso mostra que do começo ao fim, nas cartas de amor, as estratégias relativas são altamente produtivas (57 ocor. geral dos dados), assim como em uma conversa espontânea face a face.

No que se segue sobre as relativas, observamos na carta de amor algumas ocorrência à semelhança das relativas da proposta de Kato e Nunes (2009), na qual tentam conciliar a proposta de análise de uma posição de tópico interno nas relativas (KATO, 1993) com a proposta de Kayne (1994) que acredita, como já discutido, que as relativas são CPs selecionados pelo determinante da oração matriz. A relativização, nesse caso, acontece pelo movimento do constituinte relativizado da posição na relativa para o CP que encabeça a oração relativa – vejamos as sentenças extraídas das cartas de amor do século XX:

(216) “[...] A carta junta dessa, você entregue para mamãe[...].” (agosto 1950)

(217) “[...]Essa semana eu soube de uma notícia que fiquei muito contrariado Øi[...]”. (junho de 1949) - cortadora

Estas evidências empíricas, por sua vez, seriam, então, uma espécie de desdobramento da LD que se encontram presentes nas cartas amorosas de pernambucanos do século XX, nas sincronias de 1949 e de 1950. Assim, Kato (1993), fundamentada em Ross (1967) que opôs construções de LD e construções de topicalização, afirma que podemos dizer que os NPs (ou DPs) que ocupam as sentenças em (216) e (217) seria uma indicação de que são essas posições relativizadas nos sintagma nominais das sentenças em:

(218) A carta que foi junta a essa, você entregue para mamãe (**agosto de 1949**).

(219) A semana que eu soube de uma notícia que fiquei muito contrariado (**junho de 1949**).

Dessa maneira, nota-se que a posição LD, por ser gerada na base – conforme igualmente Kato (1993) afirma – e por haver a possibilidade desta ser coindexada a qualquer posição anterior da sentença, ainda que seja dentro de posições que sejam ilhas sintáticas, ao que parece é, então, como afirmado por Kato (1993), a posição que expande as possibilidades de relativização no PB.

Nesse viés, o questionamento que surgiu a partir da observação dos dados iniciais das cartas amorosas de pernambucanos, os sintagmas preposicionados nas **relativas padrão** abaixo também são de uso produtivos nas cartas de amor, entretanto, observa-se, a priori, menor frequência que as resumptivas, como podemos observar nas sentenças em questão:

(220) “Eu tenho saudade [**daqueles** felizes dias] [**que** [você passou aqui]]” (**fevereiro de 1950**).

[em que...eles]

(221) “M. acabou [o casamento [**naquele** dia] [**que** [você saiu daqui]]]” (**fevereiro de 1950**).

[em que/no qual...dele]

Com a adjunção à esquerda, vemos as relativas como CPs que complementam um D selecionado pela oração matriz. Dessa maneira, sobre a questão da ausência de efeito ilha em resumptivas, Kato e Nunes (2014) afirmam que a relativa cortadora seria resultado da resumptiva, tendo como diferença, a cortadora, apresentando o apagamento da expressão relativa na oração subordinada. A ausência de efeito ilha em relativas com o pronome resumptivo, não estaria relacionada à falta de movimento, como afirma Tarallo, mas sim

ligada à relação de correferencialidade com pronomes distantes através de uma variável em LD.

Diante de tudo que já foi discutido na presente tese sobre as três estratégias de relativização nas cartas de amor do século XX, veremos no capítulo a seguir comportamento do uso das estratégias de relativização em impressos do litoral pernambucano nos séculos XIX e XX, atuando nos gêneros jornalísticos carta do leitor, editorial e anúncios.

6. AS RELATIVAS RESTRITIVAS EM JORNAIS DOS SÉCULOS XIX E XX: O COMPORTAMENTO DO USO DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM IMPRESSOS DO LITORAL PERNAMBUCANO.

"Um homem vai na construção...Onde os homens lutam contra o tempo, e a natureza que é mãe[...]" - Construção, Chico Buarque.

Tendo em vista que alguns gêneros são escritos, mas realizam-se discursivamente no meio oral, escolhemos alguns gêneros jornalísticos para realizamos a investigação sobre dados empíricos das estratégias de relativização no PB. Por essa razão, os gêneros escolhidos foram os que possuem certa proximidade comunicativa, a saber: editorial, anúncios e carta do leitor. Nesse sentido, compreendemos que, apesar de ser um gênero textual de concepção escrita, devemos investigá-lo considerando a escrita⁷⁵ e o *continuum* desses gêneros de concepção oral (KOCH; OESTREICHER, 2006; MARCUSCHI, 2008).

Diante disso, selecionamos para investigação do fenômeno desta tese 77 textos do jornal Diário de Pernambuco⁷⁶ os quais estão distribuídos em 39 anúncios, 15 editoriais e 23 cartas do leitor dos séculos XIX e XX. Desse modo, os nossos *corpora* jornalísticos das ocorrências de relativização transcritos e codificados têm em média 9.000 palavras e 30.000 caracteres sem espaço. Nesse sentido, obtivemos 258 dados gerais das três estratégias de relativização presentes nos três gêneros jornalísticos selecionados e nos dois séculos, nos XIX e XX.

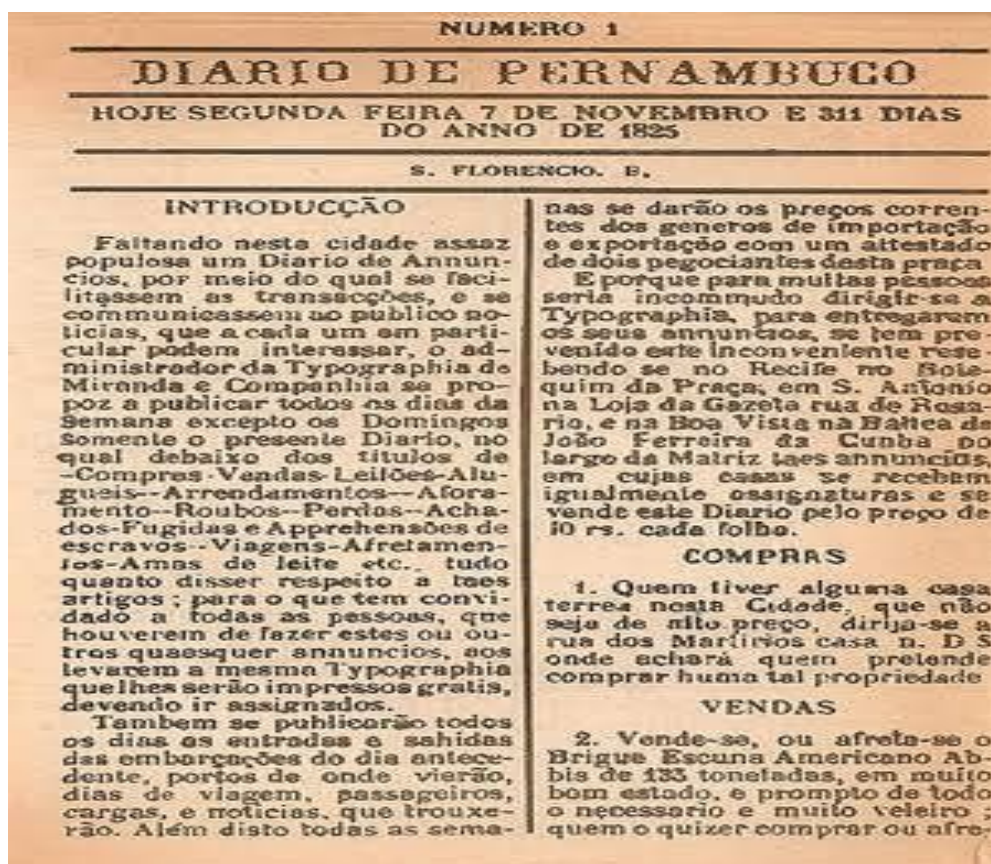
Como já mencionado anteriormente, a presente discussão dos dados para análise da presente tese tem por objetivo observar as estratégias de relativização a partir das ocorrências quantitativas, estas obtidas pelo programa estatístico *GoldvarbX*, dos gêneros jornalísticos do século XIX e XX, assim, pretendemos analisar o comportamento das orações relativas na escrita próxima da oralidade dos pernambucanos. Ressaltamos, então, que foi observado o composicional⁷⁷ dos anúncios, editoriais e cartas do leitor do jornal. Desse modo, segue um exemplo do primeiro exemplar do *Diário de Pernambuco* no século XIX:

75 Deve-se compreender os gêneros textuais para além de sua concepção escrita e meio de transposição, pois, assim como a carta pessoal, o anúncio, a carta do leitor e o editorial possuem traços de oralidade, concepção

76 O mais antigo da América Latina, inaugurado em 1825.

77Nos anexos tem um exemplo da transcrição de um dos jornais dos *corpora* realizados por um pesquisador do PHPB-PE, grupo do qual a pesquisadora desta tese faz parte.

Figura 9. registro do composicional do primeiro exemplar do jornal Diário de Pernambuco



Fonte: site do Diário de Pernambuco

Dessa maneira, é fundamentalmente relevante mostrarmos a distribuição geral das missivas que apresentaram, na seleção, sentenças relativas, por século e gêneros do jornal:

Tabela 28. Gêneros do jornal

Gêneros do jornal	Quantitativo por século				TOTAL (por gênero textual)
	1ª Meta de do século XIX ⁷⁸	2ª metade do século XIX ⁷⁹	1ª metade do século XX ⁸⁰	2ª metade do século XX ⁸¹	
Anúncio	0	20	11	8	39
Editorial	5	0	5	5	15
Carta do	11	1	7	4	23

78 Compreendemos enquanto primeira metade do século XIX os anos entre 1801 a 1850.

79 Compreendemos enquanto segunda metade do século XIX os anos entre 1851 a 1900.

80 Compreendemos enquanto primeira metade do século XX os anos entre 1901 a 1950.

81 Compreendemos enquanto segunda metade do século XX os anos entre 1951 a 2000.

leitor					
TOTAL (por cada metade dos séculos)	16	21	23	17	77

Fonte: Autora desta tese

Como podemos observar no quadro acima, obtivemos uma grande quantidade de anúncios, mas não de forma uniforme quanto à quantidade por séculos, e também não conseguimos encontrar, nos jornais coletados, nenhum anúncio da primeira metade do século XIX, em que os textos são curtos e rápidos oferecendo serviços, mercadorias, negros escravizados, procurando escravos fugitivos, entre outros. Já em relação ao editorial, alcançamos um quantitativo mais uniforme, formado por um volume de textos impressos bem robusto quanto à quantidade de palavras, entretanto não conseguimos nem mesmo um exemplar da segunda metade do século XIX do qual coletamos, achamos mais notícias dessa época. No que diz respeito às cartas do leitor, encontrar este gênero textual de forma uniforme foi mais difícil, porém há um volume robusto de

Diante o quantitativo não uniforme dos gêneros jornalísticos separamos as análises das relativas em jornais pernambucanos em três seções, ao invés de comparar os dados todos os gerados nas rodadas de forma unificada, como opção metodológica com a finalidade, nos termos de Labov (1972), “fazer bom uso de maus dados”. Assim, observaremos e analisaremos o comportamentos das relativas restritivas nos três gêneros jornalísticos (anúncio, editorial e carta do leitor) nos séculos XIX e XX.

6.1. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NOS EDITORIAIS PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

O editorial é um dos gêneros mais persuasivo dos textos jornalísticos e é um gênero do tipo opinativo, este que expressa o ponto de vista do jornal, seja esse ponto de vista ideológico, político ou econômico. Como é direcionado ao leitor, acreditamos que sua linguagem simples e direta pode-nos revelar uma maior frequência das estratégias de relativização. Objetivando, portanto, perceber o comportamento das relativas restritivas nos

editoriais, obtivemos 85 ocorrências gerais da estratégias a partir dos resultados gerados no *GoldvarbX*, como na tabela abaixo:

Tabela 29. Relativas nos editoriais (séculos XIX e XX)

Relativas nos Editoriais (séculos XIX e XX)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
Contextos preposicionados	25/68	2/3	14/14
Contextos não preposicionados	43/68	1/3	0/14
Total	68 (71,76%)	3 (3,53%)	14 (8,24%)

Fonte: Autora desta tese

Considerando os resultados acima destacados, vemos que a relativa padrão superou quantitativamente as outras estratégias de relativização, sendo 25 ocorrências com *piedpiping* e 43 em contextos não preposicionados, representando 68 ocorrências (71,76%) dos dados totais das relativas restritivas presentes nos editoriais dos séculos XIX e XX. Ademais, no editorial, a estratégia resumptiva foi menos frequente, representando apenas 3,53% dos dados totais de relativas nos editoriais nos dois séculos. Entretanto, a cortadora no editorial apareceu com maior frequência que nos outros gêneros textuais, sobretudo na primeira metade do século XX, como veremos adiante. Nesse contexto, destacamos as estratégias de relativização presentes nos editoriais dos dois séculos:

(222) Relativa com *piedpiping* no editorial do século XIX - 1831: a coragem_i com que Ø_i se propõe a debelar o partido inimigo.

(223) Relativa padrão no editorial do século XIX - 1827 - essa *coragem* de propor-se á substituir o lugar que Ø_i foi tão bem prehenxido pelos facinorosos da cadeia.

(224) Relativa resumptiva no editorial do século XIX - 1826: fallem em liberdade de Imprensa; **que** ha sobre **ella** _i huma Ley.

(225) Relativa resumptiva preposicionada no editorial do século XX - 1920

os meus ascendentes _i foram aquelles _i **que-** em casos graves- | sempre se desaffrontaram pessoalmente **com elles** _i.

(226) Relativa Cortadora no editorial do século XX - 1945 : O autor do communicado_i | **que** _i falei | sobre a campanha Ø_i.

(227) Resumptiva com redobro da preposição: O autor do comunicado_i | **com quem_i** falei | com elle_i sobre a campanha.

Ao analisarmos os dados acima, observamos que os contextos não preposicionados (SU e OD) obtiveram maior frequência de uso e foram mais acessíveis. Diferente do que hipotetizamos, acreditávamos que, nos editoriais, as ocorrências de estratégias de relativização em contextos preposicionados seriam mais frequentes, como visto por Ribeiro (2009) em atas notariais. Considerando o gênero textual editorial, acreditamos que a baixa frequência de resumptivas se deve à natureza de maior formalidade do gênero, ainda que ele possua traços de oralidade.

Na tabela seguinte, temos as ocorrências das estratégias de relativização distribuídas por estratégia relativa e pela posição sintática relativizada, como mostra:

Tabela 30. Posição sintática relativizada nos dois séculos (Editoriais)

Posição sintática relativizada nos dois séculos (Editoriais)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
SU	35	1	0
OD	8	1	0
OI	7	1	7
OBL	4	0	5
GEN	9	0	2
LOC	5	0	0
ADJ	0	0	0
Total	68	3	14

Fonte: Autora desta tese

Diante a distribuição das ocorrências de posição sintática relativizada, obtivemos mais uma vez uma maior frequência das relativas padrão em todas as posições sintáticas, menos relativas com adjunto adverbiais de modo ou temporal, como nas cartas e nos estudos de Mascarenhas (2016). Observemos os exemplos abaixo retirados dos dados dos corpora jornalísticos:

(228) Posição sintática relativizada nos dois séculos do editorial:

a. SU: os ho|mens **que** disputão todos os dias, vai | por mais de trinta annos, o direito de | se degolarem e se destruirem (**Editorial - 1a metade do século XX - 1931**)

b. OD: uma Lei que a Decretaraõ (**Editorial - 1ª metade do século XX - 1930**)

c. OI: aquelles; **a quem**; elle outorga o direito (a eles) de partici-|pação nas decisões Øi (**Editorial - 1ª metade do século XIX**)

d. OBL: esse chefe da facção **da qual** se deno-|minava *praieira* (**Editorial - 1ª metade do século XIX - 1845**)

e. GEN: Cidadãos **cujo** merito e capacidade eu reconheço

f. LOC: He pois de absoluta necessidade crear hum systema localizado **onde** os meios possaõ desem-|penhar os fins (**Editorial - 1ª metade do século XX**)

Das 68 ocorrências gerais das estratégias relativizadoras, 35 totais são de relativas padrão de posição sintática SU relativizada, seguidas pelas cortadoras que totalizaram-se em 14 ocorrências (*doravante* oco.). Nesse sentido, vemos abaixo, a distribuição das ocorrências na relação tempo *versus* estratégias de relativização:

Tabela 31. As relativas nos editoriais ao longo do tempo

As relativas nos Editoriais ao longo do tempo	1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL
Padrão	60	0	1	7	68
Resumptiva	1	0	1	1	3
Cortadora	7	0	1	6	14
Total	68	0	3	14	85

Fonte: Autora desta tese

Considerando os dados da tabela acima, os resultados vão na direção dos verificados por Tarallo (1985): enquanto a relativa padrão decresce, a cortadora tem seu quantitativo de uso aumentando. Como vimos, essa variação pode ocorrer por diversos fatores linguísticos e extralinguísticos. Vejamos alguns exemplos:

(229) **Padrão sem piedpiping (SU):** hum homem novo **que** Øi fará bom governo para Pernambuco. (**Editorial - 1ª metade do século XIX - 1936**)

(230) **Padrão sem piedpiping (OD):** uma Lei **que** a Decretaraõ (**Editorial - 1ª metade do século XIX - 1930**)

(231) Padrão com piedpiping (OI): Ha a es-|pectativa em que Pernambuco não seja penali-|sada (2a metade do século XX)

(232) Padrão com piedpiping (OBL): a arbitragem in- |ternacional ampla e obrigatória | da qual se tem oposto até hoje Øi(dela). (2a metade do século XX)

Sobre a relação entre as variáveis das estratégias de relativização e o composicional dos editoriais temos a seguinte distribuição:

Tabela 32. Composicional dos editoriais nos dois séculos

Composicional dos Editoriais nos dois séculos	Relativa padrão	Relativa resumptiva	Relativa cortadora	Total
Início	14	0	0	14
Desenvolvimento	54	3	11	68
Finalização	0	0	3	3
TOTAL	68	3	14	85

Fonte: Autora desta tese

Nesse sentido, queremos destacar não só uma maior presença de uso de relativas cortadoras no desenvolvimento do assunto do editorial, como também o tímido uso de relativas resumptivas nos *corporas* analisados, assim a variação estabeleceu-se de maneira que :

(233) aqueles; a | quem; elle outorga o direito de partici-|pação nas decisões Øi

(234) aqueles; que; elle outorga o direito de partici-|pação nas decisões **delesi**

6.2. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NOS ANÚNCIOS PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XIX E XX

Os anúncios do século XIX e XX que compõem os corpora desta tese tem por finalidade comunicativa atender a diversos propósitos comunicativos, como: vender mercadorias, serviços e também vender negros escravizados. Dessa maneira, segundo afirma Pessoa (2002), “nos anúncios, muitas vezes se evidencia um texto mais nitidamente influenciado pela oralidade” (p. 180).

Dessa maneira, selecionamos 20 anúncios do século XIX e 39 anúncios do século XX, tendo obtido 77 ocorrências totais de relativas nos anúncios, sendo distribuídas em 59

ocorrências da relativa padrão, representando 76, 62% dos dados; a resumptiva em 10 ocorrências, sendo 12,99% dos dados e a cortadora, sendo 8 ocorrências, representando percentualmente 10,39% dessa estratégia.

Tabela 33. Relativas nos anúncios (séculos XIX e XX)

Relativas nos anúncios (séculos XIX e XX)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
Contextos preposicionados	33 /59	9/10	8/8
Contextos não preposicionados	26/59	1/10	0/8
Total	59 (76,62%)	10 (12,99%)	8 (10,39%)

Fonte: Autora desta tese

Diante dos dados percentuais expostos, as estratégias de relativização nos anúncios apareceram da seguinte maneira:

(235) Relativa *piedpiping* no anúncio do século XIX - a confiança_i em que sempre lhe depositaram.

(236) Relativa padrão (sem contexto preposicionado) no anúncio do século XIX - 1852: Precisa-se de um caixeiro_i que Ø_i tenha pratica de loja de miudezas e Ø_i que tenha boa letra [...].

(237) Relativa resumptiva no anúncio do século XX - 1912: um escravo que ele_i saiba fazer serviços de alfaiataria (Anúncio - 1a metade do século XX).

(238) Relativa *piedpiping* no anúncio do século XX - 1902: os inumeros freguezes dos que lhe transferiu... (Anúncio - 1 a metade do século XX)

(239) Relativa Cortadora no anúncio do século XX - as convulsões que resultam dos accidentes (Anúncio - 2a metade do século XX- 1963)

Diante do exposto, as ocorrências acima apareceram nos *corpora* dos séculos XIX e XX distribuídas da seguinte maneira:

Tabela 34. Posição sintática relativizada nos dois séculos (anúncios)

Posição sintática relativizada nos dois séculos (anúncios)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
--	--------	------------	-----------

SU	21	1	0
OD	5	0	0
OI	10	1	4
OBL	12	4	4
GEN	10	4	0
LOC	1	0	0
ADJ	0	0	0
Total	59	10	8

Fonte: Autora desta tese

(240) Posição sintática relativizada nos dois séculos do anúncios:

a. SU: Roga-se a pessoa_i **que** Ø_i achou uma carta de remessa (**Anúncio - 2a metade do XIX – 1852**)

b. OD:

I. [...] Inauguramos o bar **o qual** funcionará desde as 6 horas da manhã | as 10 horas da noite. (**Anúncio - 1a metade do século XX – 1910**)

II. Os estudantes_i os **quais** pretenderem (comprar) podem dirigir-se_i a livraria universal de Guima- | rães & Oliveira. (**Anúncio - 2a metade do século XIX - 1862**)

c. OI: os inumeros freguezes **dos que** lhe transferiu... (**Anúncio - 1 a metade do século XX**)

d. OBL: quero um caixeiro de venda **do que** tem bastante pra- | tica e he pessoa muito capaz (**Anúncio - 2a metade do século 1852**)

e. GEN: Compra-se uma escrava **cujo** tenha bom leite e seja bom. (**Anúncio 2a metade do século XIX**)

f.LOC: a uma distancia de 10m **onde** foi comprado o escravo. (**Anúncio 1a metade do século XIX -**)

Ademais, no corpora dos anúncios, constatamos um número significativo de ocorrências com a posição sintática genitiva relativizada, como em:

(241) nome do chefe da nação, **cujo** po-|der, e gloria, e prestígio ella solapa (**Anúncio da 2a metade do século XX**)

Isso mostra que as ocorrências de relativa com genitivo era mais produtiva no século XIX, sobre essa questão Tarallo (1995) afirma que as relativas atribuidoras de caso seguem decaindo quantitativamente em uso ao longo do tempo (PAIXÃO DE SOUZA, 2006;).

No tocante as ocorrências das estratégias de relativização ao decorrer do tempo, obtivemos:

Tabela 35. As relativas nos anúncios ao longo do tempo

As relativas nos anúncios ao longo do tempo	1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL
Padrão	0	49	7	3	59
Resumtiva	0	6	2	2	10
Cortadora	0	4	1	3	8
Total	0	59	10	8	77

Fonte: Autora desta tese

Dessa maneira, vimos que quantitativamente, ao longo do tempo, o uso das relativas padrão vai diminuindo, enquanto das relativas inovadoras, resumtiva e cortadora, vão aumentando em frequência de uso, ainda que lenta e timidamente, como também constatou Tarallo (1995). Entretanto, é preciso ressaltar que a relativa padrão, com o marcador relativo preposicionado ou não preposicionado, obteve maior frequência em todos os gêneros jornalísticos analisados nesta tese. Entretanto, ao longo do tempo, observamos a relativa padrão perdendo espaço para a inovadora cortadora como podemos visualizar nos dados do *corpora* dos anúncios dos séculos XIX e XX:

(242) Relativa *piedpiping*: a confiança; em que sempre lhe depositaram Øi. (Anúncio da 1ª metade do século XX - 1903)

Por conseguinte, percebeu-se a presença das três estratégias de relativização ao decorrer de toda a parte textual (início, desenvolvimento e finalização) dos anúncios analisados. Vejamos:

Tabela 36. Composicional dos anúncios nos dois séculos

Composicional dos anúncios nos dois séculos	Relativa padrão	Relativa resumtiva	Relativa cortadora	Total
Início	9	2	3	14
Desenvolvimento	45	6	3	54
Finalização	5	2	2	9
TOTAL	59	10	8	77

Fonte: Autora desta tese

No que diz aos dados acima representados, obtivemos 45 ocorrências de relativa padrão, sobretudo na segunda metade do XIX, variando principalmente entre os contextos sintáticos do marcador relativo preposicionados ou não preposicionados sendo relativizados, como demonstrado a seguir:

(243) Precisa-se alugar uma escrava que \emptyset_i seja diligente e fiel (Anúncio - 2a metade do século XIX - 1913)

(244) Precisa-se comprar uma, em que \emptyset_i saiba cozinhar e engommar (Anúncio - 2a metade do século XIX - 1910)

Diante do exposto, na próxima seção, veremos a análise do comportamento das estratégias de relativização variando nas cartas de leitor do século XIX e XX.

6.3. AS RELATIVAS RESTRITIVAS NAS CARTAS DO LEITOR PERNAMBUCANOS DOS SÉCULOS XIX E XX

As cartas do leitor são textos da esfera jornalística que aproximam o jornal dos leitores, que são indivíduos sociais e, portanto, envolvidos em práticas sociais de leitura e escrita. Dessa maneira, escolhemos a carta do leitor por se tratar de um gênero do domínio jornalístico com traços da concepção oral, sendo editado de forma a conservar a voz do público do jornal do Diário de Pernambuco do século XIX e XX.

Dessa maneira, obtivemos 96 totais de ocorrências em carta do leitor dos séculos XIX e XX, estando distribuídas da seguinte maneira:

Tabela 37. Relativas nas cartas do leitor (séculos XIX e XX)

Relativas nas cartas do leitor (séculos XIX e XX)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
Contextos preposicionados	25/60	20/24	12/12
Contextos não preposicionados	35/60	4/24	0/12
Total	60 (62,5%)	24 (25%)	12 (12,5%)

Fonte: Autora desta tese

Na tabela acima, vemos as relativas padrão (60, representando 62,5% dos dados) e resumptiva (24, representando 25% dos dados) concorrendo as posições preposicionadas e não preposicionadas relativizadas, observando que há um quantitativo em que mostra a presença da cortadora ocupando os ambientes preposicionados da relativização, conforme demonstra os estudos de Tarallo (1995), Ribeiro e Figueiredo (2009), entre outros. Vejamos os exemplos seguintes:

(245) Relativa *piedpiping* no carta do leitor do século XX - 1945: o publico a quem considero Ø_i.

(246) Relativa resumptiva:

a. [...] em prol daqueles_i; que elles_i rezam sobre a tumba do entes que lhes_i foram caros. - **carta do leitor do século XIX – 1806.**

b.O Brasil inflacionário e recessivo_i | em que vivemos nelle_i asim. - **carta do leitor do século XX – 1940.**

c. Na campanha das senhoras_i; **que nela**_i estão integradas. - **carta do leitor do século XX - 1950**

(247) Relativa Cortadora no editorial do século XX - [...] o endereço da casa_i; **que morava Ø_i(...).**

[em que_i...nele_i]

Estas ocorrências de relativização acima foram analisadas ocorrendo nas referidas posições sintáticas a seguir e nas quantidades das cartas de leitor dos séculos XIX e XX, podendo ser visualizadas na tabela abaixo:

Tabela 38. Posição sintática relativizada nos dois séculos (Cartas do leitor)

Posição sintática relativizada nos dois séculos (Cartas do leitor)	Padrão	Resumptiva	Cortadora
SU	25	3	0
OD	10	1	0
OI	8	6	6
OBL	7	10	5
GEN	5	4	1
LOC	5	0	0
ADJ	0	0	0
	60	24	12

Total			
--------------	--	--	--

Fonte: Autora desta tese

(248) Posição sintática relativizada nos dois séculos do carta do leitor:

a. SU: projectos que não se podem realizar Øi (1830 - 1a metade do século XIX)

b. OD:

I. tratamento que não tem Øi nem o poder legislativo da Nação pela Constituição. (1827 - 1a metade do século XIX)

II. | tratamento que se lhe dá *Majestade Imperial* (1827 - 1a metade do século XIX)

c. OI:

d. OBL: a fidelidade e o devota- | mento de quem aceita os sacrifícios de | hoje (1963 - 2a metade do século XX)

e.LOC: jornal onde terminei os meus es- | tudos (1920 - 2a metade do século XX)

Nesse sentido, nos termos da HA, percebemos além da relativização das posições mais altas (SU e OD), posições de acessibilidade de relativização mais baixas sendo produtivas, como em:

(249) GEN: o cemitério de Santo Amaro cujo clima é | tão quente, sem as grandes ar- | vores... (1945 - 1a metade do século XX)

(250) OBL: o assumpto sobre o qual chamo a atenção da policia (1904 - 1a metade do século XIX)

A construção abaixo foi encontrada nos dados da primeira metade dos anúncios do século XIX. Essa ocorrência é um exemplo da topicalização⁸² na escrita das carta de leitor e, assim, também é mais uma evidência das marcas de oralidade na escrita.

(251) esse padre, a quem eu tal disse: do contrário, permite que lhe diga que o não acredito (Carta do leitor - 1847 - primeira metade do XIX).

No que diz respeito às ocorrências das estratégias de relativização ao decorrer do tempo, nas cartas do leitor nos dois séculos, vejamos a tabela a seguir:

⁸² Nos termos de Pontes (1995).

Tabela 39. As relativas nas cartas do leitor ao longo do tempo

As relativas nas cartas do leitor ao longo do tempo	1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX	TOTAL
Padrão	53	4	1	2	60
Resumtiva	7	1	9	7	24
Cortadora	0	6	3	3	12
Total	60	24	12	12	96

Fonte: Autora desta tese

Assim como nos gêneros jornalísticos anteriormente analisados, a relativa sem *piedpiping* foi mais produtiva, representando 60 ocorrências na primeira metade do século XIX:

(252) o tempo **que** tenho estado preso (1ª metade do século XIX- 1849).

(253) o conceito **que** goza na opinião publica(2ª metade do século XIX -1850).

Ao passo que a resumtiva obteve 24 ocorrências na transição do século XIX para o XX:

(254) aquellas pessoas_i que Ø_i uzaõ do ti-|tulo de Dom sem lhes pertencer (1ª metade do século XIX – 1833 – Resumtiva)

[as quais/quei...lhes;]

Assim, a contraparte da resumtiva, conforme Kato e Nunes (2014), é a cortadora, esta que, para as posições preposicionadas, teria um *pro* do sistema de clíticos na categoria vazia relativizada, **conforme os autores postulas.**

(255) aquellas pessoas_i que uzaõ do ti-|tulo de Dom sem pertencer Ø_i

Dessa maneira, essas ocorrências, de modo geral, apareceram em sua maioria no desenvolvimento da carta do leitor, então vejamos:

Tabela 40. Composicional das cartas do leitor nos dois séculos

Composicional das cartas do leitor nos	Relativa padrão	Relativa resumtiva	Relativa cortadora	Total

dois séculos				
Início	15	5	3	24
Desenvolvimento	36	15	7	60
Finalização	9	4	2	12
TOTAL	60	24	12	96

Fonte: Autora desta tese

Ao considerar os dados da tabela acima, as ocorrências como em (249), relativa com genitivo, ocorreram sobretudo no desenvolvimento e na finalização da carta do leitor, em que acredita-se serem estas as partes composicionais do gênero em que há maior expressividade das expressões linguístico-discursivas.

(256) O cimitério de Santo Amaro **cujo** clima é | tão quente, sem as grandes ar- | vores, unico ponto de refugio | para aqueles que levados pela | afeição e piedade cristã visitam | continuamente os seus queridos | mortos.

Diante de todos os resultados do uso das relativas em textos jornalísticos, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para o mapeamento da variação das relativas do PB ocorridas em dados do passado, em manuscritos e impressos dos séculos XIX e XX. Por conseguinte, nos três gêneros jornalísticos, vimos as estratégias de relativização variando e, assim, fatores linguísticos e extralinguísticos contribuindo no uso da estratégia padrão, resumptiva e cortadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

Mario Quintana

Diante do objeto de estudo selecionado para a investigação desta tese, tivemos como objetivo geral observar o comportamento das três estratégias de relativização encontradas nos dados linguísticos de 66 cartas pessoais, distribuídas em cartas de amor, amigo e família; e 77 jornais de pernambucanos, em que se totalizaram 143 manuscritos e impressos datados entre os séculos XIX e XX.

A partir dos aportes teóricos-metodológicos elencados para embasar esta tese, fundamentar e justificar o seu objetivo geral, é importante lembrarmos os nossos objetivos específicos relacionados aos questionamentos e hipóteses apresentadas ao longo da tese, a saber:

1. Analisar as ocorrências das três estratégias de relativização nos diferentes contextos sintáticos, sobretudo a estratégia padrão em contextos preposicionados e não preposicionados nas cartas e jornais do século XIX e XX.

Em relação a esse objetivo pensado a partir do seguinte questionamento: tendo como por base os clássicos estudos diacrônicos de Tarallo (1983, 1985) que mostram duas estratégias de relativização (a padrão e a resumptiva) em variação até fins do século XIX, e a cortadora que aparece nos *corpora* apenas na virada do século XIX para o XX, será que, nos *corpora* coletados para a investigação com manuscritos e impressos de pernambucanos dos séculos XIX e XX, essas ocorrências aparecerão em variação independentemente do tipo de gênero textual? Partindo desse questionamento, obtivemos como resultado a presença das três estratégias de relativização: (i) sobre a relativa padrão (preposicionada e não preposicionada), ocorreu nos dois séculos investigados, nos três gêneros dos jornais (editorial, anúncios e cartas do leitor) e nos três gêneros das cartas pessoais (amor, amigo e família), (ii) sobre a relativa resumptiva, ocorreu também nos dois séculos, em todos os gêneros de jornais e de cartas pessoais e (iii) sobre a relativa cortadora, embora muito produtiva na fala no PE, PB e em variedades do PA, como mostram os estudos de Alexandre (2000), Tarallo (1985, 1995),

Ribeiro e Figueiredo (2009), Alexandre, Gonçalves e Hagemeyer (2011), Costa (2004), Cardoso (2011), houve um aparecimento mais tímido nos *corpora* desta tese, ocorrendo nos dois séculos analisados, em todos gêneros de jornais e de cartas pessoais, porém não em todas as posições sintáticas, privilegiando o corte da preposição nas posições mais baixas da hierarquia sintática, conforme Keenan & Comrie, (1977).

Ademais, além de mapearmos os contextos de orações relativas nos corpora diacrônicos, foi nosso objetivo:

2. Averiguar a presença quantitativa das três estratégias em variação em diferentes contextos sintáticos e ao longo do tempo, a fim de também perceber a evolução temporal do uso da estratégia *piedpiping*, resumptiva e, igualmente, a emergência da estratégia cortadora ao longo do século XX, seguindo verificaram Tarallo (1985), Ribeiro e Figueiredo (2009), entre outros.

Logo, partindo dos *corpora* constituídos, os dados linguísticos foram submetidos a tratamento quantitativo, sendo submetidos ao programa *GoldVarbX*. Dentre os principais resultados obtidos, destacamos:

- (i) maior ocorrência de **relativa padrão** tanto em contextos preposicionados como não-preposicionados no século XIX (49 oc., 66,21% de ocorrências totais) em relação ao século XX (25 oc., 33,78% de ocorrências totais), nas cartas de amigo;
- (ii) o aparecimento da **resumptiva** nos dois séculos, XIX e XX, nas cartas pessoais e nos gêneros dos jornais dos corpora desta pesquisa, sobretudo com maiores frequências de uso nas cartas de amor (5 oc., 9% de ocorrências totais) do século XX e nas cartas de leitor (16 oc., 66,66%) do século XX.
- (iii) o frequente uso da *piedpiping* foi decaindo ao longo do tempo, ao passo que a **cortadora** aumentando sua frequência, principalmente nas cartas do leitor, a partir da primeira metade do século XX (12 oc., representando 12,5% dos dados totais da carta do leitor);
- (iv) o uso dos **marcadores relativos** *que* e *em que* foram maioria quase categórica nas relativas das cartas e dos jornais dos dois séculos;
- (v) os dados das relativas em manuscritos e impressos pernambucanos dos séculos XIX e XX evidenciam que tanto falantes **escolarizados quanto não-**

escolarizados têm se utilizado com maior frequência da estratégia resumptiva, havendo o aumento da frequência de uso das relativas cortadoras, indo na direção do que é observado por Alexandre (2000) sobre as relativas no PE;

- (vi) de modo geral, constatou-se ocorrências de **relativas SU com o pronome resumptivo** nos três gêneros das cartas pessoais (amigo, família e amor). Ademais, esse tipo raro de ocorrência relativa apareceu nas cartas de amigo, em que tivemos (2) ocorrências, as duas no século XX; nas cartas de amor do século XX obtivemos 5 ocorrências; e, por fim, nas cartas de família da primeira metade do XIX constatamos apenas (1) ocorrência de relativas **SU**. Uma provável motivação seria o PB ser uma língua de tópico marcado (PONTES, 1987). Observemos essas ocorrências em:

(257) recebi ontem tres **cartas**_i tuas [[_{su} **que**_i elas_i]] vieram no mesmo envelope (**Carta de família, primeira metade do século XIX**)

Esse dado é curioso, pois, normalmente, a tendência é termos Resumptivas mais proeminentes nas posições mais baixas da hierarquia, em posições de adjuntos ou complementos (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009).

Assumindo aqui a Hierarquia de Acessibilidade proposta por Keenan e Comrie (1977) no âmbito das orações relativas e adotada também em em outras pesquisas (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009; MASCARENHAS, 2016; CARNEIRO et. al., 2022), elencamos como objetivo:

3. Verificar a saliência de um uso em detrimento de outro acerca das regras de Hierarquia de Acessibilidade (HA) nas estratégias de relativização em cartas e jornais pernambucanos, considerando nos manuscritos e impressos o quantitativo de ocorrências em relação às posições que tendem ser mais sensíveis à relativização.

Desse objetivo, ergueu-se a questão: será que nossos resultados caminharão na mesma direção dos resultados obtidos por Ribeiro e Figueiredo (2009) ao analisarem as relativas nas atas escritas por africanos?

Nossos achados revelam obediência às regras Universais de Acessibilidade das estratégias de relativização, principalmente em cartas pessoais e cartas do leitor, em que a estratégia padrão ocorreu em quase todas as funções sintáticas, atuando as estratégias inovadoras nas posições mais baixas da hierarquia, contendo uma ou outra ocorrência destas na posição **SU**. Igualmente aos resultados dos estudos de Ribeiro e Figueiredo (2009), Carneiro et. al. (2022) e Mascarenhas (2016), percebemos, portanto, que as estratégias de relativização de cartas e jornais pernambucanos obedecem às regras de Hierarquia de Acessibilidade (HA), tendo por posições mais sensíveis às estratégias de relativização $SU > OD > OI > OBL > GEN > Objeto de Comparação$, conforme KEENAN & COMRIE, (1977), acrescentando-se, à semelhança desses estudos, os Adjuntos (ADJ).

Visando ampliarmos a interpretação dos resultados, partimos da hipótese de que considerarmos a natureza do gênero textual em questão no *continuum* concepcional (MARCUSCHI, 2008; KOCH; OESTERREICHER, 1996) iria ser um grande contributo ao entendimento do comportamento do uso de uma estratégia relativa em detrimento de outra. Portanto, elaboramos o seguinte objetivo:

4. Observar o aparecimento da estratégia cortadora nos gêneros textuais escolhidos e o seu gradativo aumento ao longo do tempo em cartas e jornais pernambucanos.

Ao escolhermos gêneros textuais jornalísticos, selecionamos especificamente investigar os gêneros: editorial, carta do leitor, anúncio de pernambucanos, tendo em vista que cada gênero não só tem, na sua estrutura, traços e elementos linguísticos constituintes que podem contribuir para o uso das três estratégias de relativização, como também corresponde à escrita de uma determinada época da sociedade, servindo de testemunhos do passado por, conforme a natureza concepcional em um *continuum* fala e escrita, de cada gênero, evidenciarem traços próximos de uma comunicação face a face (KOCH; OESTERREICHER, 1996; KABATEK, 2006). Desse modo, a investigação através dos textos, enquanto “testamento” ou documentos históricos, foi essencial para reconstituirmos a história das estratégias de relativização no PB nos séculos XIX e XX em manuscritos e impressos pernambucanos. Resumem-se, abaixo, os principais resultados:

- (i) nas **cartas de amigo** dos séculos XIX e XX, as relativas padrão apareceram com maior frequência no desenvolvimento da carta, obtivemos (52) ocorrências, ao passo que tivemos (2) ocorrências de cortadoras na captação da benevolência e (3) resumptivas no desenvolvimento, ressaltou-se aos nossos olhos também a presença de duas relativas piedpiping na saudação da carta de amigo;
- (ii) igualmente às cartas de amigo, nas **cartas de família** dos séculos XIX e XX, tivemos no desenvolvimento da missiva: (41) ocorrências da estratégia padrão, (4) ocorrências de resumptiva e (1) cortadora. Vale salientarmos também a presença de (11) ocorrências da padrão em contextos preposicionados e não preposicionados na finalização da carta de família;
- (iii) nas **cartas de amor** do século XX, houve um equilíbrio de ocorrências de padrão, aparecendo no desenvolvimento (22) e na captação da benevolência (21), em que, conforme Castilho da Costa (2012), são as partes de maior implicação emocional na carta pessoal;
- (iv) os **editoriais** dos séculos XIX e XX, vimos maior incidência de relativa padrão (54), em contextos preposicionados e não preposicionados, resumptiva (3) no desenvolvimento do editorial que, apesar de ser um gênero com maior rigor gramatical em relação aos outros gêneros jornalísticos selecionados, também apareceram (11) ocorrências da estratégia cortadora no desenvolvimento do texto;
- (v) sobre os **anúncios** dos séculos XIX, de modo geral, apresentaram-se (45) ocorrências da estratégia padrão, em contextos preposicionados e não preposicionados e, igualmente, as estratégias inovadoras foram mais produtivas no **desenvolvimento** (6 oc. de resumptivas e 3 oc. de cortadoras) e **início** (2 oc. de resumptivas e 3 oc. de cortadoras) dos anúncios;
- (vi) nas **cartas do leitor** dos séculos XIX e XX, as ocorrências da estratégia padrão apareceram nas três partes do texto (início, desenvolvimento e conclusão) de forma mais equilibrada, assim, obtivemos (15) ocorrências de relativa no início, (36) no desenvolvimento e (9) na finalização da carta do leitor. Destaca-se também uma maior presença estratégias de relativização inovadoras ao longo do desenvolvimento da carta do leitor nos dois séculos, (15) ocorrências da resumptiva e (7) ocorrências da cortadora;

- (vii) aparecimento de algumas ocorrências da estratégia resumptiva de **SU** nos três gêneros da carta pessoal, ao decorrer dos dois séculos investigados.

Passando agora a discorrer sobre os resultados referentes ao perfil social dos interlocutores, elencamos o seguinte objetivo:

4. Investigar as ocorrências das relativas nas cartas, considerando o perfil social dos interlocutores (fatores extralinguísticos), sobretudo em relação à escolha de uma estratégia em detrimento de outra.

Visando a atender esse último objetivo, os resultados mostram que, nas cartas familiares de ilustres e não ilustres, há maior ocorrência quantitativa de relativas padrão, com ou sem *piedpiping* (preposição) nos três gêneros das cartas pessoais (amor, amigo e família). Em se tratando das poucas cartas de ilustres passivas (isto é, recebidas), houve uma maior presença de elementos que indicam uma maior intimidade na comunicação, consequentemente, observamos um maior uso das estratégias de relativização, sobretudo padrão sem *piedpiping* no século XIX e resumptiva no século XX.

Especificamente nas cartas de amigo do século XIX, em sua maioria, são escritas por homens ilustres e, quando o assunto da carta envolve assuntos políticos, percebemos que se faz um maior uso de estratégias relativas padrão, com contextos preposicionados ou não.

Quando se trata de uma carta mais privada, de relação de intimidade, os marcadores relativos e as estratégias de relativização mais inovadoras vão aparecendo mais, ainda que timidamente, seja no século XIX ou XX, nos três gêneros da carta pessoal, consequentemente, construções como as relativas resumptivas também vão surgindo em uma comunicação de maior espontaneidade.

Ao observarmos também o tipo de relação presente nas cartas, igualmente notamos que as relativas resumptivas apareceram, de modo geral, nas missivas que apresentam uma maior igualdade nas relações, como a carta de amor, em que os interlocutores mantêm uma relação de grande intimidade, espontaneidade, mantendo-se em uma relação simétrico-solidária (BROWN; GILMAN, 1960). Nesse sentido, a oralidade e seus elementos contribuem para o uso mais frequente de topicalizações (PONTES, 1987). Estas, por sua vez, conforme Kato e Nunes (2014), geram as relativas não padrão.

A partir das evidências empíricas atestadas nesta tese, podemos dizer que ainda não há indícios de uma “mudança drástica”, como afirma Tarallo (1985), quando comparamos o PB com o PE e variedades africanas do português. Para Tarallo (1995) e Kato e Nunes (2014), o processo de mudança de preferência pelo uso das estratégias inovadoras, principalmente, a cortadora ainda não se consolidou devido a questões extralinguísticas e, também, provavelmente, em razão da reanálise do pronome relativo como complementizador. Entretanto, segundo Tarallo em seus estudos, o aparecimento da relativa cortadora é oriundo de um processo de elipse, esta operada na resumptiva, e que ainda estão presentes e perdurarão no PB as duas formas inovadoras em variação sincrônica no PB atual.

Dentro dessa perspectiva, ao tentamos congregarmos diferentes estudos sobre as estratégias de relativização no PB e no PE, nossa intenção foi de observar nos resultados como essas construções comportam-se nos manuscritos e impressos pernambucanos dos séculos XIX e XX, tendo por hipótese também que a reanálise, citada por Tarallo (1985, 1995), tenha a ver com o aumento do uso do pronome resumptivo e da estratégia cortadora ao longo do tempo, em que, provavelmente, seja uma tendência à variação devido o uso produtivo em Deslocamento à Esquerda e, portanto, seria essa posição a geradora das relativas não-padrão, sobretudo por o PB ser uma língua de proeminência para o tópico, conforme defende Pontes (1987).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. M. P de. *Estruturas de Relativização no Português Brasileiro (Dissertação de Mestrado)*. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília (UNB), 2011.
- ALEXANDRE, N. *A Estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. (Dissertação de mestrado), 2000.
- ALEXANDRE, N.; GONÇALVES, R.; HAGEMEIJER, T. A formação de frases relativas em português oral de Cabo Verde e de São Tomé. In: COSTA, A.; FALÉ, I.; BARBOSA, P. (eds.). *Textos Seleccionados do XXVI ENAPL 2010*, Lisboa: APL, 2011, p. 17-34.
- BASTOS, A.K P. H. *Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de tradições discursivas nos jornais do Recife*. Departamento de Letras (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 2016.
- BOECKX, C. *Syntactic Islands: key topics in syntax*. Cambridge: University Press, 2012.
- BRAGA, M. L.; KATO, M. A., MIOTO, C. As construções-Q no português brasileiro falado. In KATO, M. A. & M. NASCIMENTO. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença*, p. 241-294. Campinas: Editora da UNICAMP, vol. 3, 2009.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, 1960. p. 253-276.
- CARDOSO, Adriana.. *Variation and Change in the Syntax of Relative Clauses: new evidence from Portuguese*. (Tese de doutorado). Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2011.
- CARDOSO, Adriana & ALEXANDRE, Nélia. (2013). Relativas clivadas em variedades não standard do português europeu. In F. Silva; I. Falé & I. Pereira (orgs.). *Textos Seleccionados do XVIII ENAPL*, Porto: APL. 205-227, 2012.
- CARNEIRO, Z. O. N. C; LACERDA, M. F. de O; MASCARENHAS, J.O.C. Cartas de Inábeis da Bahia (Século XX): descrição da Sintaxe das Relativas. In: *Revista Confluência*, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 63, p. 306-337, jul.-dez. 2022.
- CASTILHO DA COSTA. A. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, M.A.; TAVARES, M. A (Orgs.). *História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRRN, 2012.

CHOMSKY, N. Some notes on Economy of Derivation and Representation. In: LAKA, I.; MAHAJAN, A. (Orgs.) *The MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge: The MIT Press, 1989.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*, Mass.: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N.; LASNIK, H. "Filters and Control". *Linguistic Inquiry*. 15, pp. 3-129, 1977.

COHEN, M.A. *Syntactic Change in Portuguese Relative Clauses and the Adjective in the Noun Phrase. Tese (Doutorado) – Unicamp*. Campinas, 1986.

CONDE-SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Trad. C.A.da Fonseca e M. Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1979.

COSTA, A. L. Aspectos das construções de relativização no português do séc. XV. In: Tiago Freitas & Amália Mendes (eds.), *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri, 409- 420, 2004.

COSTA, E.C.C.. *Cartas pessoais de pernambucanos dos séculos XIX E XX: o comportamento das formas tratamento Tu e Você na posição de sujeito sob o enfoque da historicidade da língua e do texto*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2019.

_____.; SILVA, C. R. T.; GOMES, V. S. *Marcas da oralidade na carta pessoal: apontando traços de tradição no discurso*. In: IV SINALGE -Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais, 2017, Campina Grande, PB. *Anais IVSINALGE*. Campina Grande: Realize, 2017. v. 1.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CYRINO, S. *O objeto nulo no português do Brasil: Um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora UEL, 1997.

DUARTE, M.E.L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, 1995. 151p.

DUARTE, M.E.L.; SERRA, C.R. Gramática(s), ensino de português e "adequação linguística". *Matraga*, Rio de Janeiro, v.22, n.36, jan/jun, 2015, p.31.

ESPÍRITO SANTO, A. B. *The Acquisition of Prepositional Relative Clauses in European Portuguese by Native Chinese Speakers*. 2022. (Tese de Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (UL), Lisboa, 2022.

FARACO, C.A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo das língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GOMES, V.S. *Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. (Tese de Doutorado em Linguística). Pernambuco, PPGL/UFPE, 2007.

GOMES, V.S. Editorial: a voz do jornal na imprensa pernambucana dos séculos XIX e XX. In: SOARES, T.N.; GOMES, V.S.(orgs.). *Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos Pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos*. Recife: ed. dos Autores, 2012.

GOMES, V.S.; LOPES, C. R. S. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): Tradição Discursiva e Sociopragmática. *Revista de Estudos da Linguagem (RELIN)*, v.24, n.1, 2016.p.157-189.

GROLLA, E. *A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

GUY, G.R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HASPELMATH, M. *Indefinite pronouns*. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HAUY, A. B. *Gramática da Língua Portuguesa Padrão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

JÚNIOR MEDEIROS, S. A. *Análise de relativas restritivas locativas Introduzidas por “onde que”, no português brasileiro* (Dissertação de Mestrado) Vitória da conquista – BA, 2017. 150 p.

KABATEK, J. (Ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert (Linguística Iberoamericana 31), 2006.

KATO, M.A. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. *Estudos linguísticos*, v, pp. 1-16, 1981.

KATO, M.A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].

KATO, M.A.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: J. Nunes (org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. 93-120p.

KATO, M.A.; NUNES, J. Uma análise unificada dos três tipos de relativas restritivas do português brasileiro. *Web-Revista SOCIODIALETO: Bach., Linc., Mestrado Letras UEMS/Campo Grande*, v.4, n.12, p. 575-590, mai. 2014.

KATO, M.A.; TARALLO, F. *Restrictive VS Syntax in Brazilian Portuguese: its Correlation with visible subjects and invisible clitics*. Trabalho apresentado em colóquio no Departamento de Linguística da University Pennsylvania, 1987.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax (Linguistic Inquiry Monographs, 25)*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

KEENAN, E. L.; COMRIE, B. (1977). Noun phrase accessibility and universal grammar. *Language*, v. 8, n. 1, p. 63-99.

KEENAN, E. L.; COMRIE, B. (1979). Data on the noun phrase accessibility hierarchy. *Language*, v. 55, n. 2, p. 333-351.

KENEDY, E. *Aspectos estruturais da relativização em Português – uma análise baseada no modelo Raising. Rio de Janeiro*, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de mestrado), 2002. 158p.

KENEDY, E. *A antinaturalidade de pied-piping em orações relativas*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2007.

KENEDY, E. As orações relativas preposicionadas e a hipótese da antinaturalidade de *pied-piping*. *VEREDAS ON-LINE – PSICOLINGUÍSTICA* – v. 2, 2008, p. 92-111.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik”. In: Barbara Frank/Thomas Haye/Doris Tophinke (Hrsg.), *Gattungenmittelalterlicher Schriftlichkeit*, Tübingen: Narr 1997 (ScriptOralia, 99), 1996, 43-79.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Language. In: _____. *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid: Editorial Gredos. 2006. p. 20-42

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, Johannes (Ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert (Linguística Iberoamericana 31), 2006. p. 53-88.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 1972 [2008].

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Vol 1. Oxford/Cambridge, Mass: Blackwell, 1994.

LASS, R. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: Cambridge University, Press, 1977.

LEES, R. *The grammar of English nominalizations*. The Hague: Mouton, 1960.

LESSA DE OLIVEIRA, A. *As sentenças relativas em português brasileiro: Aspectos sintáticos e fatos de aquisição*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

LOPES, E.M.B; CARVALHO, D. Mudança linguística e gramática gerativa: uma perspectiva de aquisição da linguagem. In: *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 5 (1): 166-183, jan.-jun. 2019. 167 p.

MASCARENHAS, J. O. C. *Sentenças Relativas em Cartas de Inábeis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, UFBA, Feira de Santana – Bahia, 2016. 232 p.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. *Fundamentos da metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCOTULIO, L.L.. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) –Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008. 215p.

MATTOS E SILVA, R.V. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. F.; LOPES, R. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A. de; MORAES, M. A. T.; LOPES, R.; CYRINO, S. M. L. V. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, p. 159-183.

OLIVEIRA, M. S. D. de; SANTOS, E. F. dos; CAMPOS, E. A. *Análise sintática do português falado no Brasil*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Linguística Histórica. In: NUNES, J. e PFEIFFER, C. (Org.). *Introdução às Ciências da Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-48.

PASSOS, C. M. T. V. dos. As Cartas do Leitor nas revistas Nova Escola e Educação. In: Dionísio, ÂNGELA Paiva; BESERRA, Normanda da Silva (orgs). *Tecendo textos, Construindo Experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRASFAPERJ, 2002. p. 198-205.

PESSOA, M. B. *Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife, Brasil*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2003.

PERES, J.; MÓIA, T. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1995.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

POPPER, K.S. *A lógica da pesquisa científica*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

RAPOSO, E.P. On the null object in European Portuguese. In JAEGLLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 29ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

ROSS, J. Constraints on variables in syntax. Ph.D. Dissertação, MIT, 1967.

RIBEIRO, I. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. 185-208p.

RIBEIRO, I.; FIGUEIREDO, C. Relativas. In LOBO, T., and OLIVEIRA, K., orgs. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. ISBN 978-85-2320-888-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE S.; SMITH, E. Goldvarb X: *A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA, A.S. A cidade do Recife escrita pelos sujeitos autores das cartas de leitor: uma cidade, muitas histórias. In: SOARES, T.N.; GOMES, V.S.(orgs.). *Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos Pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos*. Recife: ed. dos Autores, 2012.

SOUZA, J. P. Introdução. In “*A gazeta da restauração*”: primeiro periódico em português. Covilhã: Labcom, 2011. 519 p.

SOUZA, J. P. F. de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SODRÉ, N.W. Síntese de história da cultura brasileira. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SOTO, E. U. M. S. *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Ed. da UFF, 2007.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado) Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia, 1983.

TARALLO, F.. The filling of the Gap: Pro-drop Rules in Brazilian Portuguese. In: KING, L. MAHLEY, C.A. (orgs.) *Selected Papers from the XIII Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, pp. 354-75.

TARALLO, F.. Diagnosticando uma gramática brasileira: O português d’aquém ed’além mar o final do século XIX. In ROBERTS, I. KATO, M.A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018 [1993].

TARALLO, F. ; KATO, M.A. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e interlinguística. *Diadorim: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas/UFRJ, 2007 [1989]. p. 13-42.

VERGNAUD, J.-R. *French relative clauses*. Tese de doutorado. Massachusetts Institute of Technology, 1974.

VRIES, Mark de. *The Syntax of Relativization*. lot Publications: PhD Dissertation, University of Amsterdam, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo:Parábola Editorial, 2006 [1968].

WHITNEY, W. D. *Language and the study of language: twelve lectures on the principles of linguistic science*. New York: Charles Scribner & Company, 1867.

WILLAMS, E. Discourse and Logical Form. *Linguistic Inquiry*. 8, p. 101-139, 1977.

APÊNDICE

APÊNDICE A- Amostragem de algumas codificações das Cartas Pessoais para rodar no GoldvarbX- Cartas de amigo do XIX

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

CARTAS PESSOAIS DE AMIGO DA SEGUNDA 2ª DO SÉCULO XIX

CARTA DE 8 DE JULHO DE 1894 - JOÃO GONÇALVES PARA O AMIGO ARTHUR ORLANDO.

(PDiOnh2AMEsA Orlando Ultimamente não tenho recebido **cartas** suas além **das (Cartas)** que (eu) acusei (inicio).

(PTtSsh2AMEdA Seguio para o Rio **o Capitão Rego Barros que** vai de- l por no processo de José Mariano. desen

(RDtSnH2AMEdA Carreguei também a minha pedrinha mandando entregar **o circular de Anibal**, feita em l Outubro, creio que 28, do anno passado, **em que [este]** confirmando-se **_revoltoso e solidario com** a l custodia e os Rio-grandenses; desen

(PTiLsh2AMEdA Imagine que o João Agostinho, _tendo de ir l ao Pennamenim **onde** estava a mulher,

(PDiLnh2AMEdA **o caval- l lo em que_** foi_ nadou em diversas partes da l estrada. Desenv.

(PDtLnh2AMEdA **o jornal** de 1 de maio **em que** _vem os [premios]_

(PDtdnh2AMEdA [remeti... o jornal de 1 de maio] aos advogados **o qual** foi registrado_, l alem de outros que por precaução fiz seguir.

Desenvol

(PTtSsh2AMEdA Depois disto ja lhe mandei outros jornaes e l cartas pelo Netto Campello e também reistra- l da uma Provincia **que** _ traz o manifesto l do José Marianno.

Desenvol.

(PTiSsh2AMEdA Como sabe há **muitos conservadores** que _ de nós _ se têm afastados pois se _acham convictos de que l o Lucena desligou-se do partido. Desenvol.

APÊNDICE B - Amostragem de codificações dos jornais (anúncio)

ANÚNCIOS - 2º METADE DO SÉCULO XIX

Anúncio 01 – Anúncio de compra e venda de escravo – 02/01/1852

(PTtSsH2KWZAI **uma creoula ou mulata que** _entenda bem de costura e engommada **Início**

Anúncio 02 – Anúncio de compra de uma mobília de jacarandá – 02/01/1852

(PDtdnh2KWZAd Compra-se uma mobilia de jacaranda **a qual** está em pouco uso, moderna e que tenho con- | sollos **Desenvolvimento**

Anúncio 03 – Anúncio de um caixeiro – 31/01/1852

(PDiSnH2KWZAd **caixeiro de venda o qual** tem bastante pra- | tica e he pessoa muito capaz **Desenvolvimento**

Anúncio 04 – Anúncio a procura de um caixeiro – 17/02/1852

(PTtdsH2KWZAd Precisa-se de um caixeiro, que tenha | pratica de loja de miudezas, e **que** tenha | boa letra **desenvolvimento**

Anúncio 05 – Anúncio a procura de uma escrava para aluguel – 17/02/1852

(RTtSsH2KWZAI Precisa-se alugar [uma escrava que ela seja | diligente e fiel] **Início**

ANEXOS

Anexo 1 - Exemplo de Transcrição de carta de amor coletada pelo grupo de pesquisadores do PHPB-PE na FUNDAJ.

Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco
 Século XX – Manuscrito/Carta Pessoal
 Edição: COSTA, Elizabeth Christina Cavalcante.
 LIMA, Wedja Maria Jesus de.

1. Modalidade: Língua Escrita
2. Tipo de Texto: Carta Pessoal
3. Assunto: Carta de J. R. Bezerra para sua noiva(N.), procurando saber qual motivo dela não lhe escrever mais, e também, dizer que sente saudades.
4. Data do documento: 10 de dezembro de 1949.
5. Local de Origem do documento: Recife - Brasil – Pernambuco.
6. Local de depósito do documento:
7. Identificação do autor: J. R. Bezerra.
8. Número de palavras: 507.
9. Informações Levantadas: Carta pessoal escrita em duas páginas, utilizando-se de linguagem popular já que há simetria entre o emissor e o destinatário, pois trata-se de uma relação entre noivos.
10. Editor do documento: COSTA, Elizabeth Christina Cavalcante; LIMA, Wedja Maria Jesus de. *Cartas Pessoais do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE- PIBIC, 2015, Cartas Pessoais. Carta 16.

Recife Pernambuco em 10 de dezembro di 1949

N. a paz do Senho[fol.1r]N⁸³. venho por meio destas mau trasada linha darti as minha nutici-|as **qeu** estou Bem di saude graça au nosso bom Deus, sim N. quero eu| saber porqeu mutivo voser não es creveu mais pra min voser ficou| Zangada porqeu es creveu pra min e eu não respondi não é? Eu recebil|Sua carta e verdade mais não tiver tempo di responder logo voser não| Sabe que eu so vivo trabalhando e porqeu e qeu Vocer Carrega opinião| Com migo não faça isso,| Sera pocivel qeu a pessoa **qeu** eu mais amor| So si lembra de min quando eu estou prezente quando estou ozente sir| esquecer di mim. pois qeira dis cupami mais eu sor au contrario quan-|to mais longe di vocer mais eu tenho Saudade talvez vocer mão⁸⁴ a-| qredite mais Deus Sabe di tudo porque ele

83 Os escreventes estão vivos, por esse motivo preserva-se os nomes abreviando-os.

84 Provavelmente houve um desvio de cópia na grafia da palavra *não*.

Sonda os Corações não e a| sim? Eu disse a vocer que haia⁸⁵ pra ir em 26 di Novembro pra ir| com vocer assistir um corto⁸⁶ em Condado eu fiz toudo esfourçor por qeu | para mim era prazer ir Com vocer mais não foi possível porqeu| Não ouver l[?]cencia⁸⁷ mais vocer não qeuer acredital não é? Nada posso| fazer eu li digo Com pureza di minha alma eu tenhor prazer em| estar au seu lado talvez vocer não tem Com migo O lher| Quantas vezes eu venhor para o trabalho| passaci dias e mais dias| e não Chega Carta Sua e eu chego em caza com meco <↑ler> as velhas| <v[ire] ingrata>⁸⁸[fol.1v] Carta Sua, leio uma e pois [o]utras e as Saudade Com meço aumentar| mais isso e a sim mesmo quem ama so poeta pra sofre.| Sim N. eu soube que Voser tinha saído do ceu trabalho foi| serto mesmo, quer dizer eu pergunto mais Sabendo que vocer não mi| Diz nada, eu vir os meninos dedinho Manuel e e duardo mandei| a paz pra vocer e muitas lembrança não sei si vocer aseitou| mais eu mandei sim [?] N. Como vai titia ela vai bem não é?| Sor si vocer não es crever pra min diga a ela qeu es crevar?| Minha qeurida estou falando deste modo e porqeu estou perturbado não| Soube di sua nuticias so posso e fiqar⁸⁹ contrariado mais| perdoa as minha fraquezas por qeu quem ama e assim mesmo [espaço]| Sim N. manda mi dizer a[l]guma couza dos trabalho do Senhor| A qiu vai bem graça ao nosso Bom deus o Senhor tem [b]atizado| Com o espiritu Santo Curado emfermo [e] muitas outras couza[espaço]| N. vou treminar para não ti a burecer| [espaço] Envio a paz atitia e a ViVi[espaço]|| E a qiu ficar nas maiores auzencia di ti| [espaço]Não demore es crever[espaço] ||O teu esqeuicido Noivo J. R. Bezerra.

85 [iria]

86 [curta].

87 Talvez seja [i], indicando a palavra licença.

88 Escrito no rodapé direito da carta.

89 [ficar].

ANEXO 2 - Exemplo de Transcrições de jornais do Diário (carta do leitor) de Pernambuco coletados no PHPB-PE, textos coletados na FUNDAJ.

- 1 Modalidade: Língua escrita.
- 2 Tipo de Texto: Carta de Leitor.
- 3 Assunto: Carta publicada por um indivíduo, de codinome "O velho sizudo amante dos Theatros", relatando as más atitudes da mocidade em analogia ao saudosismo tempo em que vivia sua mocidade.
- 4 Data do documento: 04 de setembro de 1838.
- 5 Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife. Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa *Jornal Diario de Pernambuco*.
- 6 Identificação do autor: "O velho sizudo amante dos Theatros".
- 7 Número de palavras: 306
- 8 Informações levantadas:
- 9 Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XIX – Carta de leitor 7.)

Srs. Redactores. No meu tempo quan- | do nos achavamos em publi[] o af[e] tava-
 [ilegível] | de homens sizudos e sensatos, ao menos | para incu [ilegível] mos que nossos pais nos
 ti- | nhaõ dado boa educação; hoje vejo fazer – | se timbre do contrario; no meu tempo |
 passeavamos direitos, sentava-mos nos di- | reitos, e dávamos á conversação hum cer- | to sal,
 que a fazia agradável: hoje o an- | dar he qual navio sobre as ondas, no sem- | tar, o corpo cae
 sobre a cadeira para dar | que fazer aos marcineiros, as pernas cru- | zadas, o chapeo [ilegível] :
 e as obsenidades | na ponta da lingoa: no meo tempo se his- | mos ao Theatro affectavamos de
 homens il- | lustrados, aplaudiamos, ou pateavamos | em regra, [ilegível] com ternos, hoje
 affecta-se | no Theatro [ilegível] de peravilho, e de brejeiro; a cazaca meia vestida, a perna
 trepada su- | jando a mesma cazaca, hum mia como ga- | to, outro põem de proposito o chapeo
 na | cabeça, para que os mais lhe g[ilegível] item – | Péo – aquelle diz os seos dixotes, o ou- | tro
 faz- se o bôbo da platea etc. Isto he | moda! Mas quem nos traz essa moda [ilegível] | dous ou
 tres- Sacacoletes- sem educa- | çãõ, sem brio, que vieraõ lá do Paiz das | Luzes, e como as
 receberaõ de repente | ficaraõ com os olhos encataratados; coita- | dos! Como precisaõ de guias,
 bom he que o Sr. Prefeito os faça hir guiando para a | Cadeia, que naõ he má escola de polici[a] |
 para naõ verem dar exemplos de má educa- | çãõ á nossa mocidade Brasileira | Sou Srs.
 Redactores | O velho sizudo amante dos Theatro.